



DARIUS

FILHOS DO ACORDO

THAIS LOPES



DARIUS

FILHOS DO ACORDO

THAIS LOPES

1ª Edição
Belo Horizonte
2017

Capa & Diagramação

Thais Lopes

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica -, sem a autorização prévia do autor.

*Para Tati, que comprou a ideia desde o começo, deu corda para a loucura e deixou eu me vingar.
Quer dizer, não teve muita opção, no fim das contas.*

SUMÁRIO

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e Um](#)

[Vinte e Dois](#)

[Vinte e Três](#)

[Vinte e Quatro](#)

[Vinte e Cinco](#)

[Vinte e Seis](#)

[Vinte e Sete](#)

[Vinte e Oito](#)

[Vinte e Nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e Um](#)

[Trinta e Dois](#)

[Próximo Livro: Ithori](#)

[Agradecimentos](#)

[Outros Títulos da Autora](#)

Sei que estou sonhando porque tem um alien gostoso de pele azul me encarando. E também porque minha cabeça não está doendo e a cama é confortável pra porra, nada como o colchão duro de onde estou de verdade – se é que posso chamar aquela coisa de colchão.

E o alien. Ele continua me encarando. Não tenho nenhum motivo para não fazer a mesma coisa. Aproveitar a chance e tudo mais, sei lá quando vou ter outro sonho assim. Ele é alto, chutaria um metro e oitenta, pelo menos, e forte. Muito forte. Encaro seus braços cruzados. Ele está usando um tipo de uniforme, mas as mangas da blusa são curtas. Os músculos estão perfeitamente visíveis... Assim como a pele azul com algumas linhas pretas. Seu rosto não tem nenhuma marca, é todo azul, com olhos amarelados como os de um gato, e definitivamente não parece humano. Ele é lindo, mas alguma coisa nos seus traços quase cruéis é diferente demais.

— Está acordada. — ele fala, se aproximando da cama.

E agora é a hora que ele vai fazer um strip, subir na cama e falar que vai me ajudar a esquecer o pesadelo que minha vida virou. Melhor sonho.

O alien para ao lado da cama, ainda me encarando. Ele me olha dos pés à cabeça, e só agora percebo que estou usando a camisola horrorosa que me mandaram vestir. Por que não podia sonhar que estava vestindo alguma coisa mais sexy? Que merda.

Se bem que acho que não preciso de coisa sexy. O volume na calça do alien fala tudo o que eu preciso saber. O volume e como ele não tira os olhos de mim. Tá, se ele não vai fazer um strip não tem problema, mas eu com certeza vou aproveitar esse sonho.

Me sento na cama e olho ao redor. Estou em um quarto quase vazio, com paredes de um tom cinza claro e uma mesinha com duas cadeiras à esquerda da cama. Que, aliás, é de solteiro. Que droga, devia ter sonhado ao menos com uma cama de casal. Mais espaço para me divertir. Se bem que a cama de solteiro tem suas vantagens. Quer dizer, só uma vantagem: ter que ficar agarradinha com o alien azul gostoso.

Agora, só preciso fazer ele vir para a cama. Não que eu vá reclamar se ele quiser explorar o resto do quarto. Não mesmo.

Me ajoelho na beirada da cama, de frente para o alien. Ele me encara, sério, mas dá para perceber o olhar dele *esquentando*. Não tenho outra palavra para isso. É como se ele estivesse fazendo um esforço para continuar com os olhos no meu rosto e não descer pelo meu corpo. Abaixo a cabeça em tempo de ver quando ele estende uma mão e para, fechando o punho.

Passo a língua pelos lábios. Ele quer me tocar, mas está se contendo. Por quê? Levanto a cabeça e agora seu olhar está nos meus lábios. Um arrepio me atravessa. Quero muito beijar esse homem. E não só beijar. Estendo a mão para o zíper do colete dele, querendo puxá-lo para mais perto. Só um pouco mais perto.

Ele segura meu pulso. Paro e levanto a cabeça. Ele está me encarando com uma expressão estranha, dura. Mas eu sei exatamente o que estou vendo nos seus olhos: desejo. Sustento seu olhar, sem falar nada, sentindo todo o meu corpo arrepiar com a intensidade que está ali. Não estou fazendo nada, mas meu coração está disparado. Esse olhar, puta merda. Ele está se contendo, tenho certeza. E quero muito ver o que vai acontecer quando ele se soltar.

Puxo o zíper de leve, o único movimento que consigo fazer com ele me segurando. Ele respira fundo e solta o ar lentamente, sem desviar o olhar.

— Não deveríamos. — ele murmura.

Um arrepio me atravessa. Meu Deus, essa voz. Quando ele fala assim, em voz baixa, um pouco rouco, é quase como se estivesse me acariciando. Isso deveria ser ilegal. Gostoso e com uma voz que me faz derreter. Vou morrer aqui.

— Por que não? — retruco.

Ele sustenta meu olhar por mais um instante antes de fechar os olhos e respirar fundo de novo. Espero, sem nem me mexer. Sua mão aperta meu pulso antes de relaxar, e ele me solta ao mesmo tempo em que solta o ar. Espero.

Sua mão para na minha cintura ao mesmo tempo em que ele abre os olhos.

— Por que não, não é mesmo?

Essa voz é um golpe baixo, puta merda. Sinto meu corpo todo tilintando só por causa do jeito que ele está falando. Sua outra mão vai para a minha cintura também, e ele dá um passo à frente, prensando nossos corpos juntos.

Mal tenho tempo de prestar atenção na sensação de ter o corpo dele contra o meu, sua ereção mais do que óbvia, quando ele me beija. Puta. Merda. Passo os braços ao redor do seu pescoço e me seguro ali, sem conseguir pensar em mais nada. Ele beija como se quisesse me marcar, como se isso fosse a única coisa que importasse, e estou respondendo da mesma forma. Ele morde meu lábio inferior e puxa de leve, me dando espaço para respirar, antes de voltar a me beijar como se não houvesse amanhã. É como se ele soubesse exatamente o que fazer para me deixar louca. Sua língua se move contra a minha, explorando minha boca, enquanto suas mãos apertam minha cintura ainda mais.

Uma das suas mãos desce pela minha perna e sobe de novo, levantando a camisola. Gemo contra sua boca quando seus dedos acompanham a linha da minha calcinha, sentindo todo o meu corpo arrepia. Ele para.

Abro os olhos. O alien está me encarando. Sem dizer nada, ele enfia a ponta dos dedos sob minha calcinha e para de novo.

— Isso? — ele enfia mais um pouco da mão, seus lábios quase encostados nos meus.

— Isso! — aperto sua nuca, me levantando um pouco e tentando forçar sua mão mais para baixo.

Ele obedece, mas lentamente. Sua outra mão desce pelo meu corpo, até a barra da camisola, e arrepio de novo quando ele corre os dedos pela minha cintura antes de subir e tocar um mamilo. Fecho os olhos e arqueio as costas, querendo mais, e ele ri em voz baixa antes de enfiar a mão toda sob minha calcinha.

Prendo a respiração, sem querer que ele pare ou mude de ideia agora. Ele passa o dedo do meio sobre meus lábios e aperto sua nuca de novo. Sua mão desce mais um pouco e ele aperta o mamilo que ainda está entre os dedos da outra mão. Gemo baixo enquanto afasto as pernas. Seu dedo passa entre meus lábios.

O alien faz um ruído baixo, quase um grunhido, antes de mover o dedo de novo, subindo até meu clitóris e então descendo de novo até minha entrada.

— Você está ensopada. — ele murmura, naquela voz que me faz tremer e ficar ainda *mais* molhada. Como se tivesse como não estar assim, puta merda.

Abro os olhos. Ele está olhando para baixo, para sua mão desaparecendo dentro da minha calcinha. Engulo em seco. Tem alguma coisa sobre ver sua pele azul contrastando com minha pele

morena, sua mão desaparecendo dentro da calcinha simples e branca... Abaixo a cabeça e mordo seu lábio inferior. Ele aperta meu mamilo de novo, enquanto move seu dedo até o meu clitóris e para de novo.

— O que vai fazer sobre isso? — pergunto.

Ele levanta a cabeça. Minha respiração falha quando nossos olhares se encontram. Eu queria ver o que ia acontecer se ele se soltasse, não é? Por que pelo visto ele não vai se conter mais. Mordo meu lábio e sustento seu olhar.

— Tire essa camisola.

Respiro fundo enquanto solto seus ombros. Ele não desvia o olhar de mim nem mexe as mãos enquanto puxo a camisola e a jogo para o lado. Ele solta meu mamilo e desce o olhar pelo meu corpo, antes de se inclinar e beijar meu pescoço. Gemo quando sinto seus lábios na minha pele, e então sua língua. Sua respiração quente faz cócegas, mas quando ele sopra onde estava beijando todos os nervos do meu corpo parecem estar reunidos ali. Me seguro nos seus ombros, sem nem me preocupar se minhas unhas vão deixar marcas, e sinto seu sorriso contra minha pele quando ele começa a fazer uma trilha de beijos molhados, descendo do meu pescoço até que ele está chupando um mamilo.

Seu dedo se move de leve sobre meu clitóris e uma sensação elétrica atravessa todo o meu corpo. Ele morde meu mamilo antes de soprar de leve, ao mesmo tempo em que passa seu braço livre ao redor da minha cintura, me segurando no lugar. Seu dedo começa a se mover depressa, muito depressa, e exatamente como eu gosto: sem ser com muita força, só o suficiente para fazer meu corpo todo ficar tenso, esperando o próximo toque.

E ele não para de chupar meu mamilo, morder e puxar. Minhas mãos vão para a sua cabeça, segurando ele no lugar, enquanto seu dedo no meu clitóris continua naquele ritmo enlouquecedor, até que todo o meu corpo está tilintando e eu estou tremendo, me movendo contra a sua mão de forma descontrolada.

Ele abaixa a mão ainda mais, até que seu dedo do meio está na minha entrada. Abro a boca para reclamar, mas ele me penetra com o dedo de uma vez, enquanto a base da sua mão aperta meu clitóris. Um gemido alto escapa, e ele começa a fazer um movimento de vai e vem com o dedo, friccionando meu clitóris ao mesmo tempo.

Agarro seu cabelo, me movendo contra sua mão, quase lá, quase gozando. Meu corpo está se mexendo quase que por vontade própria, tentando aumentar a pressão, a fricção contra o meu clitóris, o ritmo do seu dedo dentro de mim. Ele levanta a cabeça e me beija, como se quisesse me devorar, sua língua se movendo contra a minha enquanto ele aperta a base da mão e faz alguma coisa com o dedo...

O orgasmo explode pelo meu corpo, mas o alien não para. Ele continua friccionando meu clitóris, me penetrando com um dedo, enquanto aperto seus ombros. Preciso de um ponto de apoio, porque todo o meu corpo está mole, satisfeito, e a onda de prazer parece que não tem fim.

Caio de costas na cama quando ele me solta. Puta merda. Só em sonho mesmo para um cara conseguir me deixar assim. Fecho os olhos, tentando respirar fundo. Ainda estou tremendo e ofegante, sentindo meu corpo como uma massa de músculos que não querem sair da posição onde estão.

Ouçó um estalo e sinto um ardor leve no quadril. Preciso de um instante para entender o que aconteceu: o alien acabou de arrebentar minha calcinha. Abro os olhos, surpresa e excitada. Uma coisa é ler algum romance onde o cara rasga a calcinha do par romântico, outra coisa é

sentir minha calcinha sendo rasgada. Especialmente depois desse orgasmo inacreditável.

O alien está de pé da minha frente, e ele tirou a roupa enquanto eu estava de olhos fechados. Seu torso é atravessado por linhas pretas, que descem pelo seu corpo, até suas pernas. E o restante do seu corpo é totalmente condizente com os músculos dos braços: peitoral esculpido, um tanquinho de dar água na boca, pernas fortes, e uma ereção de me deixar ainda mais ensopada, de novo. Ele definitivamente é todo proporcional. Passo a língua pelos lábios, e percebo quando ele acompanha o movimento.

— Vai ficar parado aí? — me apoio nos cotovelos, abrindo um pouco mais as pernas. — Por mais que eu esteja gostando da paisagem...

Ele levanta uma sobrancelha enquanto se aproxima, com o começo de um sorriso no rosto. Seu olhar passeia pelo meu corpo, e não consigo parar de encarar esses músculos.

— Achei justo deixar você se recuperar primeiro. — ele fala, subindo na cama.

Estreito os olhos, sem nem tentar esconder o fato de que meu corpo está todo arrepiado. Essa voz faz um estrago.

— Me recuperar para quê?

Ele sorri e para entre minhas pernas abertas, com uma mão de cada lado da minha cabeça. Puta merda, se eu já tinha achado ele muito bonito, quando ele sorri então... Sem palavras.

Passo as duas mãos ao redor do seu pescoço e o puxo para baixo. Ele morde meu lábio inferior antes de me beijar, e gemo quando ele abaixa seu corpo, sentindo sua pele contra minha, sua ereção entre minhas pernas.

— Depressa. — resmungo, mexendo o quadril, fazendo seu pau passar entre meus lábios.

O alien levanta a cabeça. Nos encaramos, e sinto quando ele respira fundo antes de enfiar uma mão entre nossos corpos e guiar seu pau até minha entrada. Ele é grande e grosso o suficiente para não entrar fácil. Gemo quando sinto ele entrando em mim. Não é grosso o bastante para ser incômodo, mas é o bastante para eu me sentir *cheia*, no meu limite. Inclino o quadril, o forçando mais para dentro, e sinto quando o alien treme.

— Com. Calma. — ele fala, pausando entre as palavras.

Calma nenhuma. A sensação dele me penetrando lentamente é incrível, mas eu não quero lentamente. Passo as pernas ao redor do seu quadril e puxo com força. Gemo alto quando sinto ele todo dentro de mim, me preenchendo até o limite. Ele abaixa a cabeça, sua respiração quente fazendo cócegas no meu pescoço, antes de começar a se mover. Ele é tão grosso que cada movimento mínimo faz meu corpo todo reagir. Coloco as mãos nas costas do alien, me segurando ali enquanto puxo com as pernas de novo, fazendo ele ir fundo em mim.

O alien fala alguma coisa, mas sua voz está abafada pelo meu pescoço. Ele levanta a cabeça e nossos olhares se encontram. Passo a língua pelos lábios quando ele se afasta de novo e volta, com força, me fazendo gemer, o tempo todo com os olhos em mim. E de novo. De novo. Até que estou me segurando nele enquanto o alien mantém um ritmo rápido e forte, do jeito que eu quero. O ruído molhado dos nossos corpos se chocando se mistura com meus gemidos e os grunhidos dele, e estou sentindo a pressão crescendo de novo, aquela sensação tilintante se espalhando pelo meu corpo.

Vejo a surpresa nos olhos do alien antes de sentir meus músculos se contraindo e gozo com tanta força que minha visão escurece. Sinto ele se movendo ainda mais depressa, num frenesi, antes de cair sobre mim. Ele está quente, suando, e seu coração está tão disparado quando o meu.

Solto um suspiro meio satisfeito, meio de reclamação quando ele sai de dentro de mim, e jogo um braço sobre sua cintura quando ele nos rola até ficarmos de lado.

Definitivamente, melhor sonho.

DOIS

Me viro na cama, sem querer acordar. Tive um sonho *tããã* bom. Bem que podia ter outro assim. Puxo a coberta, me enrolando ainda mais nela. Melhor sonho, com certeza.

Espera. Estou nua, enrolada em um cobertor. O colchão é uma delícia e o travesseiro também. Da última vez que acordei, estava amarrada em uma mesa – me recuso a chamar aquilo de cama ou maca – em um laboratório. Onde é que eu estou?

Abro os olhos. Está escuro, mas as luzes se acendem aos poucos assim que me sento na cama. Olho ao redor. Estou em um quarto com paredes claras. Uma barra de metal corre pela parede, não sei para quê. O chão está coberto pelo que parece ser carpete marrom, mas não é bem isso... tem alguma coisa estranha nele. Meu olhar para na mesinha ao lado da cama. Minha camisola de hospital horrorosa está jogada em cima dela.

Puta merda. Eu não estava sonhando. Eu praticamente ataquei o alien.

Ei, será que ele tem pele azul mesmo ou eu estava delirando?

Pulo para fora da cama, pego a camisola e a visto. Olho ao redor de novo, só então percebendo o tanto que o quarto é vazio. Não tem nada aqui além da cama, a mesinha e duas cadeiras. E aliás, não consigo ver um interruptor. Acho que a luz funciona com algum tipo de sensor mesmo. Legal.

Me viro depressa quando escuto um ruído sibilante. A porta se abriu e o alien azul está parado ali. Dou um passo atrás, surpresa. Eu realmente não estava sonhando. Sorrio. Amei isso, azul definitivamente é a minha cor.

— Está consciente de verdade agora? — ele me encara.

Consciente de verdade, não achando que estou sonhando e avançando nele? Acho que estou. Puta merda, que vergonha. Tá, não me arrependo nem um pouco. Mas isso não me impede de querer enfiar a cabeça em algum buraco.

Assinto.

— Onde estou?

Ele inclina a cabeça para a esquerda, sem desviar o olhar.

— Na minha nave, obviamente.

Respiro fundo e travo os dentes para não falar o que pensei. Vai que ele realmente entendeu a pergunta de forma literal...

— Como eu vim parar aqui e o que você quer comigo?

— Você realmente está perguntando o que eu quero com você. — ele cruza os braços, me encarando de cima a baixo.

Começo a pensar em pedir desculpas pelo que fiz antes. Alien gostoso, transa maravilhosa, mas eu sei que avancei nele. Então presto atenção no que ele falou. Filho da mãe. Se ele está fazendo esse tipo de comentário ele entendeu perfeitamente minha primeira pergunta. Ele está zoando comigo. Estreito os olhos e não falo nada. Ele não desvia o olhar, mas dá de ombros.

— Me informaram que uma das naves de Arcen estava usando uma terráquea para experimentos. Você deu sorte. — ele me encara de cima a baixo de novo. — As mulheres que são usadas para experimentos normalmente não sobrevivem. Mas a nave onde você estava requisitou suprimentos de um grupo de piratas e outra terráquea percebeu o que estava acontecendo. — ele

dá de ombros mais uma vez. — Eu fiquei sabendo e podia fazer alguma coisa.

E eu entendi metade do que ele falou. Mentira. Eu entendi tudo, só não fez sentido nenhum. Tá, eu sei que fui abduzida e estava sendo usada para algum tipo de experimento. Era isso ou estar tendo uma alucinação bem realista por quase um mês... Eu acho. Mas piratas, outras mulheres terráqueas, outras naves... Pega leve!

— Agora conta a versão simplificada. — resmungo.

Ele inclina a cabeça para a esquerda de novo e me encara por alguns segundos, antes de suspirar.

— Faço parte do Corpo Militar. A Terra não é parte do Acordo, então tecnicamente seus cidadãos não são protegidos por nós. Mesmo assim, escravidão não é algo permitido dentro do Acordo, e o uso de terráqueas como cobaias pode ser visto assim.

Solto o ar de forma audível. Ele conseguiu fazer *menos* sentido ainda. De que porra ele está falando?

O alien estreita os olhos, ainda me encarando. Cruzo os braços e não falo nada. Deu pra entender que eu não faço ideia do que ele quis dizer.

— Você realmente não sabe nada. — ele murmura, balançando a cabeça de leve.

— E vou saber como se estava drogada e amarrada em uma mesa? — levanto os braços, exasperada, antes de me sentar na beirada da cama. — Já não basta ter sido abduzida, não tenho que aguentar isso também não!

Ele respira fundo e descruza os braços.

— Vou buscar comida. O banheiro é por ali. — ele aponta para uma porta um pouco mais escura que o restante da parede. Nem tinha notado que ela estava ali.

Quando me viro para a porta de novo, o alien já saiu. Tá, buscar comida é um bom motivo para sair. Não vou reclamar. Suspirando, me levando e vou para o banheiro.

Paro na porta, surpresa. É tudo tão... normal. O banheiro é retangular, como se acompanhasse a parede do quarto. Tem uma pia na minha frente, com um espelho grande sobre ela e um armário embaixo. Para a direita, um vaso sanitário e depois um chuveiro. Não tem nenhuma cortina ou coisa do tipo separando o espaço do chuveiro do restante do banheiro, mas o ar está tremeluzindo. Parece aquele efeito de quando está quente demais.

Tudo tão normal... Mas eu definitivamente não estou na Terra. Já perdi a noção do tempo, mas tenho certeza de que faz ao menos um mês desde que me levaram.

Me apoio na pia e encaro meu reflexo no espelho. Estou mais magra que o meu normal e pálida demais. Meu cabelo preto está um ninho de rato. Vou precisar de um milagre para conseguir desembaraçar essa bucha. Fora isso, tudo está normal, também. Levando em conta que não faço ideia de o quê estavam fazendo comigo, é um alívio não ver olhos brilhantes ou coisa do tipo.

E isso está errado. Sei que estou calma demais. Não sou assim. Nunca fui. Lembro de ter brigado e tentado escapar várias vezes, de gritar, fazer tanta confusão que os aliens começaram a me deixar dopada o tempo todo. Bom, levando em conta que minha memória tem uns tantos furos, imagino que seja porque estava dopada. Talvez ainda tenha alguma droga no meu organismo.

Putá merda. Como é que eu estou pensando nisso com essa calma toda?

Abro a torneira e jogo água gelada no rosto. Tem uma toalha cinza escura dependurada ao

lado do espelho, e seco o rosto e as mãos nela. Nada. Ainda estou calma demais.

— Que caralho esses aliens estavam fazendo comigo?

— É o que eu gostaria de saber.

Quase dou um pulo quando o alien fala. Encaro meu reflexo por mais um instante antes de sair do banheiro.

Ele está de costas para mim, colocando alguma coisa sobre a mesinha. Uma bandeja, percebo quando ele se afasta. Me aproximo. Ele trouxe um copo de suco azul e um ovo frito enorme com gema rosa. Mas que porra?

— Pelo que sei isto é o mais próximo de comidas terráqueas que tenho aqui. — ele fala, me encarando.

Dou de ombros. Depois de tudo o que aconteceu um ovo rosa não é nada. E eu estou com fome. Minha barriga ronca alto, como que para concordar. Me sento em uma das cadeiras e tomo um gole do suco. Estranho, mas bom.

O alien coloca algo que parece um tablet ao lado da bandeja. Me estico para ver o que é. Parece ser um mapa estranho, com alguns pontos piscando.

— Onde estou? — repito a pergunta de mais cedo quando ele cruza os braços e continua me encarando. — E não venha responder com “na minha nave”!

Ele suspira.

— Obviamente você já notou que existem outras espécies sencientes, além dos terráqueos. O Acordo é um corpo governamental formado por representantes de todas as espécies sencientes que têm capacidade para viagens espaciais. E não, os terráqueos não têm o tipo de tecnologia que estou falando. — ele completa assim que abro a boca. — As leis do Acordo protegem os planetas que fazem parte dele e suas populações, nada mais. Por isso, existe uma história de pessoas se aproveitando dos planetas que ainda não têm tecnologia para fazer contato conosco e entrar sob a proteção do Acordo. No momento, estão explorando a Terra. Você não foi a primeira mulher a ser abduzida, nem a única.

— Com o monte de filmes sobre abduções e loucos falando que foram abduzidos, isso é óbvio. — resmungo. — Acho que não posso chamar eles de loucos mais.

Ele ergue as sobrancelhas. Dou de ombros e continuo a comer. Esse ovo é estranho, mas foda-se, estou com fome.

— Existe um projeto para alterar as leis do Acordo e proteger as populações que estão vulneráveis. Como falei, a Terra não é o primeiro planeta que está sendo usado assim...

Paro de prestar atenção. Estou pensando no que falei. Tem tantas histórias sobre abdução e coisa do tipo e ninguém nunca conseguiu provar nada. Será que estou tendo uma alucinação?

Um tempo antes de ser abduzida eu estava tendo crises de enxaqueca fodidas. Fiz um monte de exames e ninguém conseguiu descobrir o que era. Nenhum remédio estava ajudando muito. Vai ver elas pioraram, eu fui internada, e estou tão fodida que estou vendo coisas. A mesa e o laboratório dos aliens que me abduziram podem muito bem ser um quarto num hospital.

É mais fácil isso ter acontecido do que eu ter sido abduzida. Sim, muito mais fácil.

E isso quer dizer que agarrei um médico? Não, o alien azul não tem cara de médico. Vai ver ele é totalmente coisa da minha cabeça mesmo.

Porra, o sexo maravilhoso foi minha imaginação? Que merda.

— Você não está... — o alien se inclina sobre a mesa, me encarando. Só então percebo que

ele ainda estava falando e eu não ouvi nada. — Como você se chama?

— Tatiana. Tati.

E merda, é tudo coisa da minha cabeça mesmo. Se ele fosse um médico ia saber meu nome. Teria lido na ficha. Tá, eu não queria que o sonho acabasse mesmo, acho que vou continuar sonhando acordada.

— Tatiana. — ele assente, sem tirar os olhos do meu rosto. — O que você precisa saber é que está segura e vai voltar para a Terra.

Sim, uma hora a alucinação vai parar. Eu espero. Na verdade, não sei se quero que pare não. Pelo menos, não agora.

O alien suspira, se endireitando e cruzando os braços de novo.

— Meu nome é Darius. E se terminou de comer, acho melhor me acompanhar.

Darius. Nome interessante.

Coloco o último pedaço de ovo frito na boca e me levanto. Darius pega seu tablet e sai do quarto. O acompanho, enquanto seguimos por um corredor com as mesmas paredes claras do quarto. Olho para ele de relance e deixo ele ficar uns dois passos na minha frente. Ele tem uma bunda que merece ser apreciada. Não é à toa que amo uniformes.

E okay, eu preciso me desculpar sobre mais cedo. Tá, eu achei que estava sonhando, mas mesmo assim. Ando um pouco mais depressa até estar ao lado dele.

— Sobre mais cedo, eu...

— Esqueça. — sua resposta é seca e ele começa a andar mais depressa.

Quase paro, antes de acelerar para continuar ao lado dele. Só quero me desculpar, não tem motivo para ele ficar assim.

— Eu...

— Esqueça!

Respiro o fundo e fecho os olhos com força. Não vou chorar. Não vou chorar.

TRÊS

Darius não fala mais nada enquanto andamos pelo corredor. Ele está com uma expressão fechada que é melhor que qualquer aviso para eu calar a boca. Não estou gostando mais dessa alucinação. Se fosse realmente coisa da minha cabeça, ele teria aceitado meu pedido de desculpas, falado que não era nenhum problema e oferecido uma repetição. Mas não, está de cara fechada e sem falar nada. Se eu estou imaginando isso tudo, ele deveria agir como eu quero, não?

Passamos por algumas portas fechadas, e elas são a única coisa diferente nas paredes lisas. Duas barras de metal correm pelas paredes, de cada lado, uma mais ou menos na altura do meu peito, outra acima da minha cabeça.

— Para quê são essas barras?

Ele olha para mim, antes de voltar a olhar fixamente para a frente enquanto continua a andar.

— Para o caso da gravidade artificial falhar.

Encaro as barras de novo. Faz sentido. Coloco a mão em uma delas. A superfície é texturizada. Corro a mão pela barra enquanto ando e paro quando chego em uma parte que trava meus movimentos. Faz *muito* sentido. Acho que nunca vou ver qualquer filme ou seriado de ficção científica do mesmo jeito de novo.

Solto a barra e olho para a frente. Esperava ver Darius quase no fim do corredor, mas ele está parado pouco adiante, de costas para mim. Uma pessoa normal teria se virado para me encarar enquanto esperava. Balanço a cabeça enquanto vou até onde ele está. Sem dizer nada, Darius continua a andar.

O corredor termina em uma porta, que ele abre antes de gesticular para eu entrar. Obedeço, olhando ao redor. Estou na ponte de comando, pelo visto. Bem na nossa frente está uma janela enorme, que vai do teto até a altura das três cadeiras e ocupa quase que metade da circunferência da sala, e que está completamente escura, se não fosse por alguns pontos de luz. Estrelas. O que sobrou das paredes está coberto por painéis e monitores.

— Sente-se. — Darius aponta para a cadeira que está um pouco à esquerda. — E não toque em nada.

Reviro os olhos. Não sou retardada. Mesmo assim, obedeco. Ele se senta na cadeira central e um mapa feito de linhas aparece em parte da janela. Ele toca em alguma coisa no painel na sua frente e mais linhas aparecem, assim como alguma coisa que parece texto em um alfabeto estranho. Um monitor enorme, não uma janela. Certo.

— Desde que você não toque em nada, é mais seguro ficarmos aqui do que no quarto. Assim é mais fácil agir se as naves de Arcen nos alcançarem. — ele fala.

Se ele está pilotando a nave, realmente não faz sentido ele ficar no quarto comigo, mas...

— Espera. E o resto da tripulação? Naves nos alcançarem?

Darius suspira e se vira para me encarar.

— Você realmente não se lembra de nada do que estavam fazendo com você? Qualquer detalhe ou informação mínima pode ajudar.

Balanço a cabeça.

— Não entendi nada que falaram perto de mim. Deve ter sido tudo em outra língua, e isso antes de começarem a me dopar. — paro, pensando no que acabei de falar. — Como é que eu estou te entendendo? Acho que não está falando português, não é?

— Injetei um tradutor enquanto você ainda estava desacordada. Ele teve tempo o suficiente para se integrar ao seu sistema nervoso antes que acordasse.

Respiro fundo. Injetou um tradutor. Tá bom.

Puta merda, ele injetou alguma coisa em mim.

Ele suspira de novo.

— O tradutor é inofensivo. Ele se integra com seu sistema nervoso e traduz automaticamente as linguagens para as quais foi programado.

— Melhor que um peixe no ouvido. — me lembro de um filme que vi há um bom tempo. Uns amigos me mandaram ler o livro mas não animei. Agora estou começando a pensar que talvez fosse útil.

E alguém devia vender esse tradutor na Terra. Se tivesse algo assim minha consciência nem ia ter pesado sobre fugir das aulas de inglês para jogar vôlei ou dormir. Não que ela tenha pesado muito...

Darius me encara como se eu fosse louca. Dou de ombros. Não achei que ele fosse entender a referência mesmo.

— Para quê saber o que estavam fazendo comigo?

É a vez de Darius dar de ombros.

— Você obviamente é valiosa para eles. Quando alcancei a nave onde estava eles estavam prestes a se encontrar com uma das grandes naves de Arcen... — ele para e estreita os olhos.

— Versão simples, por favor. — cruzo as pernas sobre a cadeira.

Ele balança a cabeça antes de voltar a falar.

— Iam te passar de uma nave comum para uma nave de classe militar. E estavam nos seguindo até pouco antes de você acordar. Não é normal se arriscarem assim por uma mulher terráquea, especialmente levando em conta que eu desativei os sistemas principais da nave onde você estava. Eles não deveriam estar nos caçando, deveriam estar se afastando do ponto onde tudo aconteceu o mais rápido possível, especialmente agora que um dos maiores financiadores dos mercados está sendo julgado.

Apoio a cabeça no encosto da cadeira e fecho os olhos. Isso é a versão simples. Acho que vai demorar um pouco até eu conseguir entender mesmo o que está acontecendo aqui, especialmente se depender das explicações de Darius.

E definitivamente isso não é uma alucinação. Uma coisa dessas *nunca* ia ter saído da minha cabeça. Não mesmo.

— Eu realmente fui abduzida. — murmuro, encarando o monitor.

— Foi.

— Os aliens daquela outra nave realmente estavam fazendo experiências comigo. — me viro para ele. Darius está me encarando com uma expressão cuidadosamente vazia.

— Estavam.

— Eu não estou tendo uma alucinação. Nem um sonho maluco.

— Não.

— Puta merda, eu fui abduzida. — olho para o monitor de novo. Eu estou encarando o espaço. Estou *dentro de uma nave alienígena*. Puta que pariu.

Ouçõ o suspiro de Darius, mas ele não fala nada.

Ei. Se eu não estou tendo uma alucinação nem nada do tipo, isso quer dizer que eu transei com ele sem nenhuma proteção! Puta merda, sou nova demais pra ser mãe! Ainda mais mãe de alien!

— Sobre mais cedo...

— Já falei para esquecer.

Já estava esperando essa resposta, mas não vou calar a boca.

— Eu não estou tomando nenhum anticoncepcional. — falo depressa, sem coragem de me virar para ele. — E eu sou nova demais pra ser mãe, então se tiver alguma pílula do dia seguinte ou alguma coisa do tipo eu...

— Tatiana!

Respiro fundo e o encaro. Ele suspira audivelmente e olha para o teto antes de me encarar.

— Todos os membros ativos do Corpo Militar recebem supressores de fertilidade. Você não precisa se preocupar.

— E...

— Sou saudável. Mesmo se não fosse, os terráqueos são diferentes o suficiente da maioria das espécies do Acordo para ser praticamente impossível pegarem alguma doença.

Fecho os olhos e apoio a cabeça no encosto da cadeira. Puta merda, que alívio.

E, pensando bem, Darius parece estar muito bem informado. Posso estar viajando, mas não acho que esse tipo de informação sobre terráqueos seja conhecimento comum. Ele falou que tem várias espécies nesse tal de Acordo, não é? E se a Terra nem faz parte disso, por que ele saberia disso tudo?

Abro os olhos e vejo que ele ainda está me encarando.

— Até parece que você andou pesquisando a respeito.

— Só vendo se precisava avisar meu irmão sobre alguma coisa. — ele dá de ombros e se vira para o painel na sua frente. — Não que eu ache que fosse precisar, levando em conta como aquela terráquea se entende com a rede...

Levanto as sobrancelhas antes de me virar de volta para o monitor. Acho melhor nem perguntar o que foi esse resmungo.

— O que vai acontecer agora? — pergunto, em voz baixa, sem me virar de volta para ele.

— Agora vamos esperar até eu ter certeza de que não estão nos seguindo, e então vamos voltar para Nehyna. Quero descobrir se existe algum identificador que facilitaria para te encontrarem de novo. Assim que soubermos isso, apagarei sua memória e vamos te levar de volta para a Terra.

De novo, não entendi metade do que ele falou. Mas não importa. Entendi o que queria saber. Ele vai me levar de volta para a Terra.

Respiro fundo e encaro as estrelas no monitor. Eu devia querer voltar. Na verdade, acho que devia estar comemorando isso. Mas...

Eu não sei o que os aliens fizeram comigo. O que vai acontecer se me mandarem para a Terra e alguma coisa der um efeito colateral ou sei lá o quê? *Um bando de aliens estava fazendo experiências comigo*. Oi, isso nunca acaba bem. Nem se resolve de forma simples assim.

E puta que pariu, eu só posso estar louca. Não tem outra explicação. Se isso for uma alucinação, eu estou com medo da minha cabeça. Espera. Uma alucinação é necessariamente coisa da minha imaginação? Bom, se está na minha cabeça acho que é. Então sim, estou com medo da minha imaginação. Como é que eu pensei numa coisa dessas?

Mas eu já não tinha decidido que não era uma alucinação? E que não estou sonhando acordada?

Sim, definitivamente não é uma alucinação nem estou sonhando. Se fosse alguma coisa assim eu não estaria sentada na ponte de comando de uma nave enquanto o alien azul gostoso confere se tem alguém seguindo a gente. Eu estaria na cama com ele. Tá, não necessariamente na cama. Mas estaria fazendo muito melhor proveito do meu tempo do que isso.

Respiro fundo e solto o ar pela boca. Puta merda, como é que isso pode estar acontecendo comigo?

— Como você ainda está duvidando sendo que já faz tempo que está no território do Acordo? — Darius pergunta.

Continuo encarando as estrelas. Acho que falei alguma coisa em voz alta, mas não importa.

— Eu estava dormindo. — começo, em voz baixa. — Não sei o quê me acordou, mas eu estava sendo puxada para dentro de uma nave. Parecia uma daquelas coisas mega clichês de desenho animado. Um raio de luz me fazendo subir até estar dentro de um espaço claro... — balanço a cabeça. — Era óbvio que eu estava sonhando, não é? Uma coisa dessas não podia ser real.

— E então você aceitou o que estavam fazendo com você, porque achou que estava sonhando. — ele fala, sem nenhuma expressão na voz, e continuo sem querer me virar para ele.

Balanço a cabeça de novo.

— Não. Não, nem assim. Eu gritei, eu tentei pular daquele raio, gritei mais ainda quando vi que estava dentro de uma nave, briguei, chorei, tentei escapar... — bufo. — Como se tivesse adiantado alguma coisa. Mas era óbvio que eu estava sonhando, não era possível... Não é possível que isso tenha acontecido. Pessoas sendo abduzidas e usadas para experimentos alienígenas é coisa de filmes. Impossível. Só isso, impossível. Então eu só posso estar sonhando. — engulo em seco, ainda encarando o monitor. — Só podia estar sonhando. Mas não estou.

— Não está. — Darius concorda, ao mesmo tempo em que uma imagem nova aparece no monitor. — E espero que esteja se sentindo melhor sobre isso tudo, porque uma das naves de Arcen está de volta.

Pisco e balanço a cabeça, tentando entender o que ele quis dizer. Me viro para Darius, que aponta para a nova imagem. É uma visão da parte de trás da nave... E tem outra nave se aproximando. E ela parece ser bem maior que a nave de Darius. Puta que pariu.

QUATRO

Me seguro na cadeira quando Darius se inclina para os controles e a nave faz um movimento brusco. Mal tenho tempo de me endireitar e a nave está se inclinando em outra direção. Puta merda, isso é o quê, uma montanha russa? Só posso estar sonhando mesmo! Bem mais provável eu estar na cama tendo um sonho mirabolante do que estar em uma nave sendo perseguida. Definitivamente, estou sonhando. Sim. Eu nunca que ia parar numa situação dessas de verdade. E é óbvio que Darius ia falar que tudo era verdade. Ia ser muito estranho se o cara do meu sonho falasse que eu estava sonhando. É isso mesmo. Eu estou tendo um sonho muito bizarro com aliens. Começou como um pesadelo, passou para uma parte *muito* boa, e agora já está chato.

Darius se vira para mim e estreita os olhos. A nave treme e uma luz vermelha começa a piscar, fazendo a sala toda parecer avermelhada. Puta merda, por que eu não posso ter um sonho calmo e relaxante? Nesse momento acho que sonhar que estou dormindo nem ia ser uma má ideia. Darius começa a falar alguma coisa que não entendo, mas pelo tom de voz consigo ter uma boa ideia do que é. Palavrões e xingamentos são quase que uma linguagem universal.

A nave treme de novo e agora tem um tipo de alarme berrando nos meus ouvidos. Abaixo a cabeça, querendo tampar os ouvidos, mas não posso soltar da cadeira senão vou sair voando pela cabine da próxima vez que a nave virar.

— Você ainda está calma demais. — Darius fala enquanto mexe nos controles e a nave se inclina de forma brusca de novo. Ainda bem que não me soltei. — Pensei que o efeito das drogas já tivesse passado.

Calma? Calma?! Solto uma risada que soa forçada. Eu não estou calma. Eu estou sonhando. É diferente.

— Mas pelo visto você ainda tem algum tempo antes do efeito passar. — ele continua, parecendo tão calmo que me viro para encará-lo, ao mesmo tempo em que a nave treme de novo. Darius xinga e faz alguma coisa que faz o alarme parar de tocar. Como é que ele está falando tão calmamente comigo? *Isso* é estranho.

Abro a boca para falar alguma coisa, mas sou jogada para a frente quando a nave se inclina. Estico as mãos para me segurar no painel na minha frente, e por pouco não voo para fora da cadeira.

— Eu avisei para não tocar em nada!

Puta merda, eu quase dei de cara no monitor e ele está reclamando porque encostei no painel? Me endireito na cadeira.

— Devia ter providenciado alguma coisa parecida com um cinto de segurança, então, porque entre meter a cara no monitor e tocar no seu painel eu vou *tocar nele sim!* — estou praticamente gritando e não estou nem aí.

Darius se vira para mim, estreita os olhos, e volta a encarar o painel. Respiro fundo. Puta merda, não devia estar gritando com ele. Mas foda-se, é meu sonho. *Meu.* Isso quer dizer que eu devia estar na cama, agarrando o alien azul gostoso, e não gritando com ele enquanto duas naves enormes atiram na gente.

Não falo nada enquanto a nave se sacode de um lado para o outro. Darius continua resmungando em alguma língua que não entendo. Se ele colocou um tradutor em mim, eu deveria estar entendendo, não? A menos que ele faça questão que eu *não* entenda aquela língua.

Tá, já deu, posso acordar.

— Não vai demorar muito para perdermos eles. — ele fala um instante antes de mover a nave de forma brusca.

Me aperto contra a cadeira e fecho os olhos. Não quero ver essa bagunça. Não quero. Só quero acordar. Ou voltar a ter um sonho normal.

— Você não conseguiu escapar dessa nave até agora. — resmungo em voz baixa.

— Eles estão me rastreando de alguma forma. E consegui escapar deles por algum tempo, logo antes de você acordar.

Ah, é. Enquanto ele estava me fazendo gozar como nunca naquela cama.

Espera, se ele conseguiu escapar antes de eu acordar completamente... E é loucura demais pensar em “antes de eu acordar” sendo que estou sonhando. Ou tendo um pesadelo.

Darius suspira audivelmente. Nem me surpreendo com o próximo movimento da nave: já estou esperando as viradas bruscas e inclinações estranhas.

— Não estão te rastreando, conferi isto assim que te trouxe para minha nave. Mas eu tinha desligado o sistema de comunicação mais cedo, para dar mais força para os escudos da nave enquanto atravessávamos uma área um pouco instável. — ele explica.

— E o que isso tem a ver, caralho?

Ele solta o ar pela boca, fazendo um ruído que é quase como se estivesse bufando. Ah, não adianta achar ruim se a maior parte do que fala não faz sentido.

— Tem a ver que estão usando o sistema de comunicação para nos rastrear. Então vou desligá-lo.

Abro os olhos e me viro para ele. Darius está encarando o monitor gigante, com as mãos nos controles, e não se vira para mim. Ótimo. Encaro seu perfil por um instante. Continuo achando ele gostoso. Muito gostoso. Por que não dá para voltar para a parte boa do sonho?

A nave treme de novo e eu me lembro do que ele falou. Desligar o sistema de comunicação. Nossa, excelente ideia. Gênio.

— Ahhh, claro. — reviro os olhos. — Por que será que acho que ficar sem sistema de comunicação não parece uma boa ideia? Provavelmente porque não é.

— Se preferir, te entrego para eles.

Abro a boca para retrucar e mudo de ideia. Melhor ficar incomunicável que voltar para a outra nave.

Como é que as pessoas que têm sonhos conscientes fazem para se forçar a acordar mesmo? Lembro que topei com um artigo falando sobre isso um dia enquanto estava fazendo hora no Facebook, mas não prestei muita atenção. Não tenho sonhos conscientes. Quer dizer, não tinha. Saber como me forçar a acordar seria uma ótima ideia agora. Aí quem sabe eu ia conseguir voltar a dormir em paz, porque esse sonho está me cansando. Começou bem, mas foi só o começo mesmo.

Uma luz pisca no monitor e me viro para ela. Outra nave apareceu ali, muito maior que a primeira. Porra. Se ela estiver vindo atrás da gente também, estamos muito fodidos.

Preciso acordar logo. Alguém em casa, por favor, me jogue para fora da cama nesse minuto. E eu nunca pensei que fosse ia estar praticamente implorando para alguém me acordar. Normalmente só quero dormir mais.

— Está vendo essa nave aí? — Darius indica a nova nave com a cabeça. — É para onde iam te levar.

Pisco e continuo encarando o monitor.

— Você falou que iam me passar de uma nave comum para uma militar, alguma coisa assim... A comum é a que estava atirando? — engulo em seco. — Pensei que ela era a militar.

— *Esta é a militar.*

Encaro o monitor de novo e estreito os olhos. As imagens não mudam. A nave grande e a nave gigantesca continuam se aproximando. Ela é enorme. Se isso for algum sinal de poder de fogo... Não, ela é uma nave *militar*. Isso quer dizer que *tem* poder de fogo.

E estamos em uma nave minúscula. Só Darius e eu. Sem tripulação. Sem mais ninguém. Sem outras naves.

Ele estava querendo o quê, se suicidar e me matar de uma vez?

— Puta merda, como é que uma pessoa compra uma briga dessas *sem nenhum reforço*? Mais ninguém da tripulação, nenhum louco para ajudar, porra nenhuma? Tem coisas que...

— Preferia ter ficado lá?

Fecho a boca com tanta força que escuto meus dentes batendo.

— Vai se foder. — me seguro na cadeira e viro o rosto para o outro lado. Não vou chorar, não vou chorar, não vou chorar. Mas não é justo ter que ouvir ele gritando comigo.

Fecho os olhos com força, apertando os braços da cadeira. Quero acordar. Por favor, alguém me acorde. Não quero mais esse sonho. Não tem graça.

— Desligando o sistema de comunicação. — ouço o alien falar. — Agora só preciso despistá-los.

E aí o quê, vai ficar dando voltinhas no espaço e torcendo para não sermos vistos?

— Estamos próximos de uma das regiões controladas pelos piratas. Vamos nos esconder nela até o reforço chegar.

— E como é que o reforço vai chegar se você está com o sistema de comunicação desligado?

Ele ri de forma seca.

— Na pior hipótese, a companheira do meu irmão vai conseguir nos rastrear.

— Como?! Você está desligando as comunicações. Até eu, uma reles terráquea, sei o que isso significa!

Ele não me responde.

A nave continua se movendo de forma brusca e tremendo de tempos em tempos. Por algum milagre ainda estamos vivos. E eu realmente quero acordar.

Solto um suspiro. Qual a graça de sonhar com um alien azul gostoso se não posso nem aproveitar?

Sinto uma pontada de dor na cabeça e me encolho. Dor de cabeça no sonho é demais. Não, já chega. Aperto as têmporas quando a dor piora, mas não adianta nada e preciso me segurar na cadeira. Fecho os olhos com força, tentando achar alguma coisa para fazer isso passar, e então a dor desaparece.

Meu coração dispara antes de eu abrir os olhos. Puta merda, eu *estou* em uma nave. Caralho. E não estou falando isso no bom sentido. Respiro fundo e aperto os braços da cadeira até meus dedos doerem.

Eu estava dopada mesmo, e parece que agora o efeito do que quer que seja passou. Não tem como eu achar que isso é um sonho. Não tem. Aperto os braços da cadeira com mais força

ainda quando a nave se vira de novo.

Eu fui abduzida.

Eu não estou mais na Terra.

Estavam fazendo experiências comigo.

Me ligaram a todas aquelas máquinas estranhas.

Me cortaram enquanto estava consciente.

Me deram choques quando tentei escapar.

Me doparam para eu não dar trabalho.

Respiro fundo e tento encarar o monitor gigante na minha frente. A luz vermelha parou de piscar, pelo menos, mas estou vendo tudo embaçado. Lágrimas. Está tudo embaçado porque estou quase chorando.

Fui resgatada por um alien azul gostoso, que transou comigo, me fez gozar como nunca e depois se recusou até a tocar no assunto.

Estou em uma nave pequena sendo perseguida por duas naves gigantescas que estão atirando em nós.

Abaixo a cabeça e começo a chorar.

Não sei quanto tempo se passou quando sinto Darius forçando minhas mãos a soltarem os braços da cadeira. De forma distante, percebo que já faz algum tempo que a nave não está mais fazendo nenhuma manobra brusca, mas não importa. *Eu fui abduzida e estou no espaço.* Continuo chorando. Não tem como fazer outra coisa. Puta merda, como isso é possível? E o que vai acontecer comigo agora? O que eu vou fazer?

O que vai acontecer comigo depois das experiências que aqueles aliens fizeram?

Escuto o suspiro de Darius e não tenho ânimo nem para mandar ele se foder. Coloco os pés no assento da cadeira, passo os braços ao redor dos joelhos e escondo a cabeça neles. Só quero chorar em paz.

Quanto tempo faz desde que eu fui abduzida? Perdi totalmente a noção do tempo. Na verdade, nem tenho certeza do que realmente aconteceu ou não. Tento segurar um soluço, sem sucesso. Queria que nada disso tivesse acontecido. Nada. Só queria poder acordar em casa. Já devo estar perdida por aqui há meses. O que fizeram comigo nesse meio tempo? E na Terra... Não faço nem ideia do que minha família deve estar pensando. Pensando e passando, na verdade. Se eu sumi no meio da noite mesmo...

— Tatiana.

Balanço a cabeça, apertando as pernas com força. Não quero levantar a cabeça e ver que estou em uma nave. Não quero e ele não vai me obrigar. Quero dormir e de alguma forma acordar em casa, achando que isso tudo foi um pesadelo. Eu *não* posso ter sido abduzida.

— Tatiana.

Ele começa a puxar minhas mãos. Aperto as pernas com mais força ainda. Não quero mexer. Não quero fazer nada.

— Tati.

Será que Darius não vai se tocar? É a terceira vez que me chama e eu ignoro, acho que já deu pra entender que não vou responder, não é? Podia me deixar em paz logo, já que estou fodida mesmo. Abduzida. Puta merda. Não dá para acreditar nisso. Só não dá.

Ele suspira de novo. Ótimo. Desiste e me deixa em paz.

— Vou te levar de volta para o quarto. — Darius fala.

Sinto quanto ele enfia um braço entre minhas costas e o encosto da cadeira e passa o outro entre minhas pernas. Não tenho tempo de reagir, e ele já está se levantando. Solto as pernas e me agarro no pescoço dele. Posso ser magra, mas não sou tão leve assim, e ele está me carregando como se não fosse nada demais. Escondo o rosto no seu peito, sem querer ver nada ao meu redor.

Darius continua andando como se me carregar não fosse nada. Escuto o ruído sibilante da porta se abrindo e pouco depois ele me coloca de volta na cama. Me solto do seu pescoço e enfio o rosto no travesseiro. Em algum momento no meio do caminho, parei de chorar, mas continuo sem querer olhar ao redor. Já estou na cama mesmo, então vou dormir. Dormir é a solução de todos os problemas, sempre.

Sinto o colchão afundar e percebo que Darius se sentou na beirada da cama. Não falo nada, só continuo na mesma posição: de bruços, com o rosto enfiado no travesseiro. Ele também não fala nada, mas quase consigo sentir seu olhar em mim. Sabe quando uma pessoa está te encarando

tanto que você sente o peso do olhar dela? Algo assim.

Respiro fundo, tentando me acalmar o suficiente para conseguir dormir. Mas não consigo. Estou tensa demais, e dessa vez pelo menos acho que sei o motivo: o alien sentado na beirada da cama. Ao meu lado.

Putá merda, eu transei com um alien. Aperto o travesseiro. Não sei o que é mais estranho. Não sei mesmo. Mas só agora estou pensando pra valer nisso.

Quase dou um pulo na cama quando ele coloca a mão no alto das minhas costas. Ele tinha que fazer isso justo agora.

— Tati.

Suspiro. Acho que já ignorei ele demais. Viro o rosto na sua direção. Darius está encarando a porta, ainda com a mão nas minhas costas, e parece ainda mais tenso do que eu. Dá pra ver como seus músculos estão contraídos.

— O quê? — pergunto, em voz baixa.

Ele se vira para mim. Sua mão desce pelas minhas costas e um arrepio me atravessa. Eu deveria estar assustada demais para isso, mas não consigo deixar de me lembrar de mais cedo — foi mais cedo ou foi ontem? — e do seu toque na minha pele.

— Nós vamos descobrir exatamente o que fizeram com você, e então vai voltar para a Terra. Vamos garantir que seja como se nada disso houvesse acontecido, tudo bem?

Como? Já faz muito tempo que estou aqui, onde quer que aqui seja. Não tem como voltar para casa e agir como se nada tivesse acontecido. Não falo nada, mas acho que minha expressão é clara o bastante, porque Darius continua.

— Podemos apagar sua memória e alterar o tempo que passou fora da Terra. E assim que for seguro ligar o sistema de comunicação de novo, vou passar seus dados para meu irmão, que vai avisar nossos agentes na Terra para começarem a cobrir seu desaparecimento.

Putá merda. Quase acho que seria melhor se ele não tivesse me respondido. Alterar a memória, agentes na Terra... Nós realmente não temos a menor chance. Os aliens podem fazer o que quiserem com a gente e ninguém nunca vai saber.

Viro o rosto para o travesseiro de novo. Não quero pensar nisso. Não quero. Só quero dormir. Às vezes assim acordo em casa. E se acordar sem lembrar de nada nem vou achar ruim. Isso não pode estar acontecendo.

Darius suspira e começa a massagear minhas costas.

— Eu não devia ter falado isso. Mas não importa. Tudo vai ficar bem, Tati. Assim que for seguro sairmos daqui vamos começar a resolver isto. Você vai ficar bem.

Me viro para ele de novo. Darius se inclinou sobre a cama e parece estar concentrado na massagem com uma mão que está fazendo. Sua outra mão está apoiada no colchão. Ele me encara, parecendo surpreso por eu ter me virado.

— Promete? — pergunto.

Ele para e parece ainda mais tenso do que estava antes.

— O quê?

— Promete que vai ficar tudo bem? — repito.

Ele respira fundo antes de assentir.

— Prometo.

Eu sei que é uma promessa idiota, que ele não tem como dar esse tipo de garantia, mas não importa. Eu preciso ouvir isso. Preciso de alguma coisa para acreditar que vou voltar para casa, que não vou voltar para uma mesa de testes ou coisa pior. Não deveria nem estar confiando em Darius, se for parar para pensar. Mas preciso confiar em alguém.

Fecho os olhos e não falo nada. Pensei que Darius ia aproveitar isso para sair do quarto e ir fazer qualquer outra coisa, mas sinto quando ele se aproxima ainda mais de mim e então começa a usar as duas mãos para me massagear. Solto um gemido quando ele pega um ponto tenso demais. Eu estou toda tensa, não tem como não estar. Mas essa massagem, e o fato de que é Darius ali, definitivamente ajudam. Não sei por que, mas ajudam.

Possivelmente porque com ele fazendo isso estou me lembrando do que fizemos na cama. Preciso admitir que, por mais estranho que seja a ideia de ter transado com um alien, foi uma coisa de outro mundo. Abafo minha risada no travesseiro. Piada idiota, mas verdade. E Darius parece ter sido feito sob medida para mim: ele é azul, ponto, não precisa de mais nada. Se bem que esses músculos não atrapalham nem um pouco. Ainda por cima tem um rosto que me faria parar pra olhar de qualquer jeito e sabe fazer massagem. Perfeição.

Ele para por um instante, e eu aproveito para me virar. Darius continua me encarando, e não faço a menor ideia de como interpretar sua expressão. Mas sei o que eu quero fazer. Depois de praticamente avançar nele antes, acho que qualquer timidez ou vergonha já saíram para passear mesmo e não voltam mais.

Me sento na cama e ele se endireita. Não deixo ele ter tempo de se afastar e se levantar: passo um braço ao redor do seu pescoço, enfiando os dedos no seu cabelo curto. Darius respira fundo e fecha os olhos, sem sair do lugar. Acho que isso é o mais perto de um convite que vou receber. Se ele não quisesse que eu fizesse isso, já ia ter pulado para fora da cama.

Coloco a outra mão no seu ombro. Continua sendo estranho reparar na minha pele morena do lado da sua pele azul, mas isso não me incomoda. Só é diferente. E essa parte do diferente não me assusta nem um pouco. Me aproximo ainda mais dele, que ainda está de olhos fechados. Mordo seu lábio inferior. No mesmo instante Darius passa os braços ao meu redor e me puxa para junto de si. Sinto seu corpo forte contra o meu um instante antes da sua língua invadir minha boca e então estamos nos beijando como se nossa vida dependesse disso. E eu quero isso, quero que ele me faça esquecer tudo o que aconteceu, onde estou, tudo.

Ele se afasta assim que esse pensamento passa pela minha cabeça. Respiro fundo, sem me soltar dele.

— O que foi? — pergunto.

Darius balança a cabeça, puxando primeiro minha mão no seu ombro, e então a que está na sua nuca, e as colocando no meu colo, antes de se levantar. Ele está tão tenso que está quase tremendo. Se ele quer isso tanto quanto eu, por que se afastar?

— É melhor não fazermos isso. — ele fala, rouco.

Ignoro o arrepio que me atravessa. O efeito da voz dele definitivamente não foi uma alucinação.

— Por que não?

Ele só balança a cabeça, sem tirar os olhos de mim.

— Por que não? — repito. — Juro que dessa vez não estou achando que estou sonhando.

Vejo quando ele tenta não sorrir. Só tenta. Mas a expressão desaparece depressa e no

instante seguinte ele está sério de novo.

— Se você quer voltar para a Terra e para a sua vida, é melhor não.

Respiro fundo. Eu quero isso. Sexo de outro mundo ou não, meu lugar é na Terra. Não aqui. Aqui a única coisa que vai acontecer comigo é ir parar em mais uma mesa de testes. Cruzo os braços, encarando o colchão. É melhor não, então.

Ouçõ o suspiro de Darius mas não levanto a cabeça. Escuto quando ele anda pelo quarto, mas não sai dele.

— Eu não sei o que é isso, mas estava em um dos armários perto de você quando te tirei da outra nave. — ele fala. — Levando em conta que nunca vi nada assim no Acordo, acho que é seu.

Levanto a cabeça. Darius está parado perto de um armário que eu juro que não estava ali antes. Não, parece que o armário está embutido na parede. É, acho que isso explica a falta de outros móveis no quarto. Só então presto atenção no que Darius está segurando.

É meu boneco de pelúcia do Capitão América!

— ME DÁ ISSO!

Ele joga o boneco para mim.

— Você não joga o Steve desse jeito! — abraço o boneco, sem nem acreditar que ele está aqui. Me lembro de estar dormindo abraçada com ele quando fui abduzida, mas depois nem pensei mais nele. *Prometo não fazer isso de novo, Steve.*

Darius ri baixo e levanto a cabeça em tempo de ver ele parar na frente da porta. Continuo sem entender exatamente por que ele se afastou daquele jeito, mas não consigo ficar com raiva. Não depois que ele me carregou para a cama, me consolou, fez uma massagem e ainda me devolveu meu boneco.

— Obrigada.

Ele assente, ainda com o resto de um sorriso no rosto.

— Durma, Tatiana. Acho que isso vai ser o melhor para você agora. Quando acordar, já estaremos em um lugar seguro para esperar até que as naves de Arcen desistam.

Assinto. Sem falar mais nada, ele sai do quarto e a porta se fecha.

Dormir. Melhor coisa, com certeza. E agora eu não estou mais surtando por causa disso tudo. Deveria estar, mas não estou. Bom, surtar vai adiantar menos que dormir. Ainda abraçada com meu Steve, me enfio debaixo das cobertas e apago.

Tudo está silencioso quando acordo. Me sento na cama e olho ao redor, sem nem estranhar a luz que se acende sozinha. Eu realmente fui abduzida. Tá, já está ficando repetitivo, mas... Isso é estranho demais.

Só então reparo nas roupas dobradas em cima da mesinha. Me levanto para ver o que são, colocando meu Steve apoiado na cabeceira da cama. Uma calça e uma camiseta, tudo em tons de cinza, e tenho a leve impressão que vão ficar muito grandes em mim. Mas se Darius deixou roupas aqui só podem ser para mim.

Pego as roupas e vou para o banheiro. Sorrio quando vejo uma toalha dobrada ao lado da pia. Não faço ideia do que está acontecendo, mas acho que esse silêncio todo quer dizer que estamos seguros por enquanto. Ou seja, hora de tomar um banho. Puxo meu cabelo sobre o ombro. E tentar dar um jeito nessa juba. Espero que tenha um pente aqui em algum lugar, além de xampu e condicionador. *Muito* condicionador, senão nunca que vou conseguir desembaraçar isso aqui.

Ontem eu mal prestei atenção no restante do banheiro, mas agora encaro a outra ponta dele, vendo o que parece ser uma pequena prateleira com alguns produtos e um chuveiro meio esquisito. Tá, parece que tem um pente na prateleira também. Só tem um problema: está tudo do outro lado daquela “parede” tremeluzindo. Como que desliga isso? Olho ao redor. Não vejo nada que pareça ser pra desligar essa coisa. Ferrou.

Paro na frente da dita cuja. O que eu faço agora? Olho para os lados. Ainda nada. E não sou louca de botar a mão numa coisa dessas dentro de uma nave alienígena. Vai saber o que pode ser. Um campo de força? Provavelmente. Mas pra quê?

Pego a toalha em cima da pia e a desdobro. Tem um bom tamanho. Me afasto da parede esquisita e jogo a toalha na sua direção, segurando uma ponta. Se der merda é só soltar.

Não acontece nada. Enrolo a toalha na mão, conferindo a outra ponta. Está como antes. Será que não encostou no campo de força? Jogo a toalha de novo, prestando ainda mais atenção. Dessa vez tenho certeza de que ela passou pela parede. E continua não acontecendo nada. Beleza então. Enrolo a toalha na mão e me aproximo do campo de força. Seja o que Deus quiser. Estico a mão para ele. Nada. Estreito os olhos. Para que isso se ele não faz nada?

Mas tá, já descobri que a parede esquisita não faz nada, então hora do meu banho. Volto e fecho a porta do banheiro antes de tirar a camisola horrorosa. Não que vá fazer alguma diferença se Darius me ver assim. Ele já viu tudo de mim e mais um pouco mesmo. E talvez isso possa ser um incentivo para uma repetição. Encaro a porta, pensando na possibilidade de deixar ela aberta. Não. O que é que deu em mim? Estou em uma nave alienígena e só pensando em sexo? Ótimas prioridades, Tati. Ótimas mesmo.

Passo pela parede esquisita, ainda esperando acontecer alguma coisa comigo. Nada. Nem parece que passei por um campo de força. Pra que isso está aqui então?

Demoro alguns minutos para me entender com os controles do chuveiro e então entro debaixo do jato de água. Maravilha. Deixo a água cair pelo meu corpo por um instante, antes de esticar a mão para os vidros na prateleira. Abro o mais próximo. Sem cheiro. Viro um pouco na minha mão. Parece ser xampu. Dou de ombros antes de pegar o outro vidro. Ele também não tem cheiro, mas parece ser condicionador. Exatamente o que preciso agora, porque nem adianta tentar lavar o cabelo com ele embaraçado desse jeito. Viro uma boa quantidade na mão, passo no cabelo, pego

o pente e começo a brigar com os nós.

Um bom tempo depois, desligo o chuveiro. Consegui desembaraçar o cabelo todo, pelo menos. Tiro o excesso de água com a toalha antes de me enrolar nela. Só então reparo que não tem nem uma gota de água para lá da parede esquisita. Acho que descobri pra quê ela serve. A atravesso de novo e paro. Estou praticamente seca, e meu cabelo só está úmido. Puta merda. Gostei disso.

Visto as roupas que deixei dobradas ao lado da pia. Elas realmente ficam grandes, mas não tanto quanto pensei. Acho que Darius já tinha uma ideia do que precisaria trazer quando veio atrás de mim. Não tem outra explicação.

E isso não é estranho. Nem um pouco. Imagina.

Passo a toalha pelo meu cabelo, apertando para tirar um pouco mais da umidade. Estou me concentrando em não surtar, por mais que qualquer coisinha me faça lembrar do tanto que isso tudo é estranho. Absurdo. Impossível. Exceto pelo detalhe de que *isso realmente está acontecendo*.

Respiro fundo antes de dependurar a toalha ao lado da porta do banheiro e sair. O quarto está como eu deixei e tudo continua silencioso. Posso ficar aqui ou ir atrás de Darius. Olho para a cama. Tá, eu tenho uma séria relação de amor com qualquer cama. Tanto é que acabei de acordar e estou pensando se vale a pena dormir mais um pouco. Mas dessa vez a curiosidade fala mais alto. Quero saber o que aconteceu enquanto estava apagada. Preciso entender o que está acontecendo se quiser voltar para casa. Posso até querer fazer isso, mas não vou ficar deitada e esperar Darius fazer tudo. Alien gostoso ou não, não sei se posso confiar no que ele falou.

Mesmo que ele tenha me consolado daquele jeito.

Hmm. Não faz muito sentido ele ter feito isso se não fosse verdade... Ou faz, se ele for mais uma das pessoas querendo fazer alguma coisa comigo. Fica muito mais fácil mexer comigo se eu confiar nele.

E esse raciocínio faz *todo* sentido, mas não consigo achar que é verdade. Posso estar sendo idiota, mas não consigo.

Saio do quarto e olho para os dois lados do corredor. Nada e nada. Que maravilha. Olho para trás de novo, encarando a cama. Posso dormir mais e esperar para ver no que isso vai dar. Ou posso ir atrás de Darius e descobrir o que está acontecendo. Suspiro e me viro na direção que ele me levou ontem. Preferia voltar para a cama, mas é melhor ao menos *saber* o que está acontecendo e garantir que vou voltar para casa.

Pelo menos não tem nenhum segredo para chegar na ponte de comando, é só seguir este corredor até o fim. Eu podia estar meio dopada de sabe-se lá o quê que os aliens me deram, mas pelo menos me lembro disso.

A porta se abre assim que me aproximo. Entro, olhando ao redor. Admito que fiz umas tantas maratonas de Star Wars e assisti um pouco de Star Trek, mas o que estou vendo não é muito parecido com nada das duas franquias. As paredes são brancas ao redor de toda a sala, com exceção da tela gigante, e em alguns pontos forma balcões e reentrâncias. Os controles são projetados sobre elas com uma luz turquesa, e mudam de posição enquanto estou olhando. Interessante.

Darius gira a cadeira onde está sentado e me encara.

— Estava começando a achar que ia ficar parada no corredor olhando de um lado para o outro.

Paro e abro a boca para responder, mas não sei o que dizer. Então meu olhar vai para o

monitor gigante. Só estou vendo gráficos estranhos e coisas escritas em uma língua que não consigo entender, mas já é meio óbvio o motivo do comentário.

— Você estava me vigiando por alguma câmera. — estreito os olhos.

— Óbvio. — ele dá de ombros. — Não sabia se ia acordar de verdade ou se ainda ia ter algum efeito das drogas.

Travo os dentes e vou para a cadeira onde estava sentada ontem. Me deixo cair nela, reparando que é mais confortável que muitas cadeiras de escritório que já vi. E isso levando em conta que ela parece ser feita de plástico ou metal... Sei lá que material é esse, mas alguma coisa dura.

— Acho que o que tinha sobrado de efeito passou ontem. — resmungo. — O que aconteceu?

Ele não me responde imediatamente. Giro a cadeira para encará-lo e sorrio quando ele desvia o olhar. Darius estava me encarando. Acho que “me secando” seria uma expressão melhor. Jogo o cabelo para trás, encarando seu perfil. Esse homem foi feito sob medida para mim, não tem outra explicação. Não tem como não pensar em passar as mãos nesses músculos definidos dele, e isso porque estou fazendo um esforço para não ficar me lembrando do que ele fez na cama.

Darius respira fundo e olha para o teto.

— Estamos dentro de um dos territórios piratas. As naves que estavam nos perseguindo não vão arriscar a entrar aqui, porque são lentas demais para escapar se os piratas resolverem ir atrás delas. — ele conta.

— Piratas... Okay. Espera, piratas que conseguiriam atacar aquelas naves? As grandonas? — não faz sentido. Se esses piratas conseguiriam fazer isso, a nave pequena de Darius não tem a menor chance.

— Dentro do território deles, sim, especialmente se os bandos se juntarem, e isso não é tão incomum quanto a maior parte do Acordo pensa que é. E uma nave pequena pode passar despercebida pelos sensores deles. Uma das naves maiores, não. Estamos em uma estação mineradora abandonada agora, isso vai ajudar a esconder qualquer sinal da minha nave.

Se você diz... Ainda não estou botando muita fé nisso. Encaro o monitor de novo, tentando me lembrar do que Darius falou ontem. Sei que ele explicou alguma coisa sobre o tal Acordo, mas está tudo bagunçado na minha cabeça. E algo me diz que se pedir para ele explicar de novo não vai adiantar muito. Também lembro que perguntei como ele estava fazendo isso – me resgatando e fugindo das outras naves – sozinho. Se bem que talvez “perguntei” não seja a palavra certa. Acho que gritei isso.

— E o sistema de comunicação... — começo.

— Ainda está desligado. Tenho certeza de que era assim que estavam nos rastreando e não vou arriscar ligá-lo de novo, a menos que não tenha outra opção.

— E os seus reforços...

— Vão conseguir nos achar mesmo com o sistema de comunicação desligado.

Me viro. Dessa vez ele não desvia o olhar: estava me encarando de novo. Qual é o problema desse homem? Ele fica falando que não pode nem me beijar, mas me encara assim. Para de olhar e faz alguma coisa de uma vez. Mas não vou falar isso. Qual era o assunto mesmo? Ah, sim, os reforços e o sistema de comunicação.

— Você falou que é do corpo militar ou coisa assim. — balanço a cabeça, tentando me lembrar direito. — Como é que veio atrás de mim sozinho?

Darius suspira.

— Um dos meus agentes ia me dar cobertura, mas ele se atrasou. Não sei o que aconteceu. E, levando em conta o que haviam me contado sobre sua situação e que estavam planejando te transferir para uma nave de classe militar, preferi correr o risco de fazer o resgate sozinho.

É loucura. Sério, não tem outra palavra para definir o que ele fez. Como uma pessoa faz uma coisa dessas sozinha?

— Fiz o que qualquer um faria, se tivesse condições. E eu tenho condições de fazer algo assim, tanto é que estamos aqui, vivos. — ele resmunga, voltando a olhar para alguma coisa no monitor gigante.

O que qualquer um faria? Não tenho muita certeza. Tudo bem que estamos falando de alienígenas, mas não acho que qualquer um faria isso não. Me chamem de pessimista, mas acho que é mais fácil fingirem que não estão vendo nada do que tentarem resgatar uma terráquea. Quer dizer, eu não sou a primeira, não é? Isso significa que já muita gente já fingiu que não estava acontecendo nada.

— Pode até ter que prefira agir como se nada estivesse acontecendo, mas eu não sou um deles. — Darius se vira para mim de novo, parecendo tenso e com a voz soando seca. — Não era justo nem certo deixar você lá, eu tinha como te resgatar, então fiz isso. Seria bom se parasse de questionar, sabe.

Grosso. Não posso nem querer saber mais sobre ele. Respiro fundo e pisco depressa.

E então reparo no que ele falou.

— Você está lendo minha mente? — estreito os olhos.

De alguma forma, ele parece ficar ainda mais tenso. Uma das suas mãos aperta o braço da cadeira.

— Não.

É claro que não. Isso quer dizer que você não tem motivos para ficar tenso, não é?

— Então como é que respondeu o que eu estava pensando? — insisto.

Ele respira fundo e fecha os olhos por um instante antes de me encarar, sério.

— Sua expressão foi tão clara quanto se tivesse falado.

Darius se vira para o monitor de forma brusca. Assunto encerrado, entendi. Cruzo os braços e giro a cadeira, encarando uma ponta da tela. Ele estava lendo minha mente. Tenho certeza. Se não estivesse não teria ficado tão tenso quando perguntei. Alien gostoso, implicante, grosso e que consegue ler minha mente? Essa combinação está ficando complicada demais. Ah, e eu esqueci de mencionar arrogante.

Fecho os olhos e apoio a cabeça no encosto da cadeira. Ela é confortável o suficiente para estar praticamente me convidando para tirar um cochilo. Melhor do que ouvir Darius sendo grosso por causa de uma curiosidade bem óbvia depois do que ele fez.

Minha cabeça está começando a doer de novo. Ah não, mais isso agora. Ao menos uma coisa podia dar certo, só para variar um pouco. Estava tão bom sem dor de cabeça, sem crise de enxaqueca nem nada do tipo. E isso quer dizer que não consigo nem cochilar direito. Abro os olhos e encaro a tela gigante na minha frente. Ela está escura, só com aqueles gráficos que não entendo em linhas turquesa e alguns símbolos. Acho que é um alfabeto, mas não consigo ler. E a luz forte da ponte de comando está fazendo minha dor de cabeça piorar. Fecho os olhos e respiro fundo, massageando as têmporas. Pra quê isso?

Não faço nem ideia de quanto tempo faz que estou sentada aqui, com Darius calado no canto dele e mexendo nos controles. Devia ter continuado dormindo, seria melhor. E se estivesse dormindo não estaria sentindo a cabeça doer. Suspiro de forma audível. O que estou fazendo sentada aqui ainda? Estou achando mesmo que vai fazer alguma diferença eu saber ou não o que está acontecendo? Isso não é o meu mundo. Literalmente.

Cruzo os braços e tento relaxar. Não que ache que vou conseguir dormir com a cabeça assim, mas não custa tentar. Não. Tenho que ser realista. Respiro fundo e engulo em seco. Acho que me lembro de pensar algo assim enquanto ainda estava meio dopada. Não faço ideia de quanto tempo tem desde que fui abduzida, e não tenho nada para comparar e tentar chutar um número. Mas tenho certeza que foram pelo menos uns dois meses. Dois meses com aliens fazendo experiências em mim. Será que é mesmo uma boa ideia voltar para a Terra?

Não é que eu *não queira* voltar. É só que não tenho ideia do que fizeram comigo. Se programaram alguma coisa no meu corpo, se vou ter algum efeito colateral maluco... Não me lembro muito bem do que aconteceu enquanto estava presa, provavelmente por causa das drogas que estavam me dando, mas me lembro de estar ligada a umas tantas máquinas. Isso com certeza não foi à toa. Mesmo que apaguem minha memória e sei lá o quê mais, não vai mudar o que fizeram comigo. Com o meu corpo. E se acontecer alguma coisa depois, por causa dessas experiências? O que eu vou fazer? Eu não vou nem fazer ideia do que pode estar acontecendo. Vai ser pior que as crises de enxaqueca que ninguém descobriu o motivo até hoje.

Aperto os olhos fechados, tentando segurar as lágrimas. Não é justo. Não é. Por que isso está acontecendo comigo? Eu nunca fiz nada para merecer isso, não é justo.

— Tatiana.

Não quero abrir os olhos, muito menos encarar Darius. Não agora.

— O quê?

— Já prometi que tudo vai ficar bem. Você vai voltar para a Terra, vai ser como se nada disso houvesse acontecido. — ele fala.

E é exatamente esse o problema. Eu quero voltar e esquecer isso tudo. Mas não acho que vai ser uma boa ideia.

— E se for tarde demais? — pergunto, ainda sem abrir os olhos.

— Já falei que podemos apagar sua memória e alterar o que aconteceu...

Balanço a cabeça e abro os olhos. Ele está virado para mim, parecendo preocupado. Consigo ver que todos os seus músculos estão contraídos, como se ele estivesse se preparando para receber um golpe. Para quê essa tensão toda? Eu sou só a terráquea que ele resgatou e que o agarrou. Não tem motivo para ele ficar tenso assim.

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia? Não sei o que os aliens fizeram comigo. E se... — paro de falar. Não consigo nem pensar em um “e se” provável. *Qualquer coisa* pode acontecer. Já fui abduzida e estou numa nave alienígena. Não duvido de mais nada.

— Meu irmão e sua companheira provavelmente já conseguiram acesso aos dados de qualquer pesquisa de Arcen. Vamos falar com eles antes de qualquer coisa, e a equipe deles vai te examinar. Vamos resolver isso, Tati. Você vai voltar para casa.

Assinto e volto a olhar para o monitor, massageando a têmpora direita. Quero acreditar que vão conseguir descobrir tudo o que fizeram comigo, mas não consigo. Eu fui abduzida e usada para experiências, Darius realmente pensa que vão achar tudo fácil assim? E conseguir desfazer ou controlar qualquer coisa que fizeram comigo? Para alguém do corpo militar — seja lá o que isso seja — ele parece ser mais otimista que eu. Ou talvez só seja cabeça dura mesmo. Hmm. Acho que isso é mais provável.

— Quer sair daqui?

Me viro para ele, sem entender. Sair daqui? Ah, ele falou que estamos em uma estação abandonada... O que quer que isso queira dizer. Será que é uma boa ideia sair da nave sendo que estão atrás da gente? E se nos localizarem?

— Os sensores da minha nave acabaram de analisar a estação. Não existe nenhuma outra forma de vida aqui e as áreas de risco ou com possíveis armadilhas foram detectadas. Não sei quanto tempo vamos precisar ficar aqui, e prefiro não ficar preso dentro da nave.

É, faz sentido. E estou curiosa o suficiente para sair daqui. Parte disso provavelmente é culpa da minha dor de cabeça. Não vou conseguir dormir nem nada com ela desse jeito. E ficar sentada aqui... Tedioso.

— Vou com você.

Ele assente e se levanta. Saímos da ponte de comando e ele abre outra das portas do corredor, que dá para uma sala minúscula. Ele toca em alguma coisa numa das paredes e um armário se abre. Sem dizer nada, Darius me encara por um instante antes de tirar calças, um par de botas, um blusão, e jogar tudo para mim. Passo a mão no tecido, sem conseguir reconhecer o material. A textura me lembra cerâmica, mas isso é impossível. Dou de ombros e visto tudo por cima do que estou usando, enquanto Darius tira mais roupas de lá. Pelo menos não vou sair passeando na tal estação abandonada descalça.

Me apoio na parede. É tão estranho pensar nisso. Vou passear por uma estação espacial abandonada. Com um alienígena. Balanço a cabeça. Acho que vai demorar um pouco pra eu parar de ter os momentos de “isso é impossível”.

Darius se vira para mim e assente quando vê que estou vestida. As roupas são um pouco largas e leves demais, mesmo que o tecido pareça resistente. As botas, para compensar, são pesadas. Tento dar um passo e preciso fazer um pouco de esforço para levantar o pé. Estranho. São pesadas, mas não tanto.

— São magnetizadas. — ele explica, sorrindo quando resmungo. — As solas se prendem no piso das naves, outra medida de segurança. No começo é um pouco complicado de andar, mas você vai se acostumar depressa.

Solas magnetizadas para grudar no piso. Olho para baixo e levanto o pé direito. Preciso *mesmo* fazer esforço. Gente, como é que nenhum roteirista pensou em alguma coisa assim? Nunca mais vou assistir filmes de ficção científica do mesmo jeito. Não mesmo. Acabou a graça de quando as naves são atacadas e as pessoas são jogadas de um lado para o outro. Ou melhor, acho que

agora começou a graça, porque não vou conseguir ver isso sem rir.

Darius balança a cabeça e abre a porta do outro lado da sala. Ela dá para um espaço completamente vazio, só com aquelas barras ao redor da parede, e outra porta à nossa frente, com um monte de controles ao seu lado. Dou dois passos para dentro dela, tendo que prestar atenção em como estou andando, e Darius se vira para fechar a porta atrás de nós. Deste lado, ela tem os mesmos controles que a outra. Estranho.

— Venha aqui.

Me viro para Darius, que já está na frente da outra porta.

— As escotilhas se abrem com uma mesma sequência de comandos, e é melhor você aprender. — ele completa.

Eu acho que ele está falando sobre como abrir a porta. Se for, quero aprender mesmo. Não que eu ache que vá conseguir decorar o que quer que seja de primeira. Minha memória nunca foi das melhores.

Ele me mostra quais botões apertar e qual ordem. Os símbolos neles quase fazem sentido, mas minha cabeça está doendo demais para eu tentar entender o que estou vendo. Pelo menos acho que vou conseguir me lembrar da maioria disso aqui.

A porta se abre com um ruído sibilante. Tento dar um passo atrás e quase caio quando esqueço que preciso fazer força para levantar os pés. Acho que não devia estar parada na frente da porta de uma nave, em uma estação abandonada, sem capacete, máscara, sei lá, qualquer coisa. Esse lugar está *abandonado*, afinal! Aliás, eu nem devia estar aqui. Devia ter ficado lá dentro mesmo, voltado para o quarto para tentar cochilar. Sim. Muito melhor que sair andando por uma estação abandonada.

Com o canto dos olhos, vejo quando Darius balança a cabeça, sorrindo.

— Os sensores da nave analisaram *toda* a estação. Isso inclui a situação da atmosfera artificial. — ele fala, saindo da nave. — Os geradores ainda estão funcionais e o ar está em condição adequada nas áreas públicas. Nas áreas de mineração ainda existe resíduo demais e precisaremos de capacetes, mas provavelmente não iremos até lá.

Olho para a outra porta, pensando em voltar. Mas já estou aqui mesmo, e o ar só está com um cheiro um pouco estranho, fora isso parece normal. Vamos ver onde vim parar, então. Saio da nave.

Estamos em um hangar. Não consigo chutar o tamanho desse lugar, mas é enorme. O teto forma uma abóbada, e consigo ver a marca de onde ele se abre para as naves entrarem e saírem. Tudo é feito de metal, sem nenhuma decoração, a não ser os símbolos perto de controles e das portas — consigo ver cinco, mas acho que tem mais do outro lado.

Olho para o teto de novo e cruzo os braços. Essa camada de metal é tudo que separa a gente do espaço. Puta merda. Não acho que quero sair não. Acho melhor voltar para a nave. Se acontecer qualquer coisa...

— Tati, essa estação não corre o menor risco de começar a se despedaçar ou coisa do tipo.

Me viro para Darius. Sua voz está controlada, mas tenho a leve impressão de que ele está fazendo um esforço para não rir. E...

— Você está lendo minha mente?

Ele olha para cima e bufa.

— Não, mas você está encarando o teto há uns bons cinco minutos, com os braços cruzados

com força e inclinando o corpo na direção da nave. Mesmo que conseguisse fazer isso, não precisaria ler sua mente para saber o que estava pensando.

Olho para a porta da nave. Tá, ele está certo, eu provavelmente estou sendo muito óbvia.

— Se quiser ficar, vou abrir a outra porta para você. Mas eu quero dar uma olhada na estação primeiro, então vai ficar lá sozinha.

E se der merda, não vai fazer a menor diferença se eu estiver na nave ou não, porque sozinha não vou conseguir fazer nada. Engulo em seco e assinto.

— Vou com você.

Darius inclina a cabeça, indicando a porta mais próxima. Respiro fundo e vou até onde ele está. Sem dizer nada, ele tira aquela coisa parecendo um tablet de dentro de um bolso – a calça dele deve ser diferente da minha, porque não vi bolso nenhum – e aperta alguma coisa. A porta da nave se fecha atrás de nós, com o mesmo ruído sibilante. Okay, tablet funcionando como controle remoto. Nada demais.

A porta do hangar se abre sem nenhuma combinação complicada. Saímos em um corredor com paredes de um rosa claríssimo e sem as barras que a nave tem. Será que é porque é de antes de começarem a usar isso? Ou uma estação não tem as mesmas coisas que uma nave?

Tento nem pensar demais enquanto sigo Darius pelo corredor. Tenho a impressão de que estou dentro de uma fábrica depois do horário do expediente, andando onde não devo, e que a qualquer momento alguém vai chegar e me pegar ali. Ou então alguma máquina vai ligar e eu vou estar no caminho. Continuo de braços cruzados, olhando de um lado para o outro. As poucas portas no caminho parecem ser reforçadas, são cinza escuras, e têm vários controles ao lado.

Saímos do corredor para um salão retangular nem de longe tão grande quanto o hangar. As paredes claras deixam ele mais amigável, e vejo monitores embutidos em vários pontos da parede. Algum tipo de sala de entretenimento? Não, perto assim do hangar provavelmente é uma sala de reuniões, ou algum lugar para as pessoas se reunirem antes de irem para as naves.

Darius olha ao redor, balançando a cabeça.

— O que foi? — pergunto em voz baixa. Qualquer coisa que faça ele balançar a cabeça não é boa coisa, especialmente aqui dentro.

Ele se vira para mim e relaxo um pouco quando vejo que ele não parece preocupado.

— Ou evacuaram a estação por completo, ou alguém passou por aqui e levou toda a mobília. Acho que não preciso dizer que é raro evacuarem e levarem os móveis, não é?

Alguém... Piratas. Engulo em seco. Mas se foram os piratas, eles teriam levado os monitores também, não?

Darius para na frente de uma das telas e toca na parede ao seu lado.

— Provavelmente os monitores só continuaram aqui porque são integrados na estrutura da estação. Eles não conseguiriam tirá-los.

Assinto, mesmo que Darius não esteja olhando para mim.

Do outro lado do salão estão quatro portas, duas fechadas, uma torta e obviamente emperrada, e a última aberta. Me aproximo. Acho que um dia isso foi um elevador ou algo do tipo, mas já faz muito tempo.

— Vamos subir pelas escadas.

Só não dou um pulo porque as botas não deixam. Não ouvi ele se aproximando.

Darius ri em voz baixa e aponta para uma porta quase camuflada na parede, logo depois

dos elevadores. O acompanho até ela, que na verdade não dá para uma escadaria, mas sim para uma escada vertical feita de metal escuro. Entro e olho para cima. Está tudo escuro, e parece que isso aqui é só um tubo subindo sabe-se lá até onde.

Eu devia ter ficado na nave.

— Vou na frente. — Darius fala, passando ao meu lado. Preciso dar um passo atrás para ele caber no tubo. Isso não vai prestar, mas não tenho como voltar agora. — Tem um setor nessa estação que os piratas provavelmente não conseguiram acessar. Quero tentar chegar lá.

E se os piratas não conseguiram acessar, provavelmente é porque tem armadilhas ou sei lá o quê no caminho.

Não, já chega. Respiro fundo enquanto vejo Darius começar a subir a escada. Epa. Eu vou subir atrás dele. Se tivesse uma luz... Sorrio quando ele acende alguma coisa. O importante é que tem luz. Isso quer dizer que consigo ver o que está ao nosso redor e a melhor parte: consigo ver a bunda de Darius. Já falei que ele tem uma bunda que merece ser encarada? De repente subir essa escada não parece tão ruim assim. Tenho uma ótima distração.

A escada parece não ter fim. Acho que nunca parei para pensar de verdade em como seria uma estação espacial. Na verdade, pra quê eu ia pensar nisso? Mas nunca imaginei quantos andares uma coisa dessas poderia ter. Continuamos subindo, e a essa altura já estou cansada demais para continuar encarando a bunda de Darius. Meus braços e minhas pernas estão doendo de tanto subir escada. Posso não ser uma pessoa completamente sedentária, mas não é pra tanto também.

E isso me lembra: não sei quanto tempo fiquei presa, mas sei que estava naquela maca. Não faz sentido que eu esteja andado assim, de boa, nem que tenha aguentado subir essa escada toda. Não depois de tanto tempo praticamente imóvel.

— Como... — começo, em voz baixa, mas minha voz ecoa pelo tubo da escadaria. Me encolho por um instante, surpresa. Não esperava tanto eco.

Darius não responde, mas quando olho para cima ele parou e está me encarando. Assinto para mostrar que já vi que não dá para conversar e ele gesticula indicando alguma coisa mais para cima. Posso ter esperanças de que estamos chegando onde quer que seja?

Quase solto um “graças a Deus” quando Darius abre uma porta e passa para o outro lado da escada. Mas não vou fazer isso de novo, um sussurro vira um estardalhaço aqui dentro.

Paro de frente para a porta e me concentro para passar para o outro lado da escada. Isso seria fácil se eu não estivesse toda dolorida nem usando essas botas pesadas. Quase me solto quando sinto as mãos de Darius na minha cintura. Sem dizer nada, ele me puxa para o corredor, me carregando como se eu não pesasse nada. Sinto minhas botas se prenderem no piso um instante antes de Darius me soltar. Ele fecha a porta atrás de nós e gesticula para eu o acompanhar.

O corredor onde estamos é minúsculo e estreito. Poucos passos depois, saímos em outro salão, esse com um formato estranho. Na verdade, não é bem um salão. É um corredor muito largo que parece estar contornando alguma coisa de formato meio circular.

— Você está conseguindo se mover normalmente porque temos tecnologia para estimular os músculos quando alguém precisa ser imobilizado por algum motivo. — Darius fala, de repente.

Paro.

— Você está lendo minha mente. Não tem outra explicação.

Ele dá de ombros, de costas para mim e andando ao longo da parede.

— A pergunta era óbvia.

Não. Das outras vezes até podia ser, mas dessa vez não. Como que ele ia conseguir adivinhar em que eu estava pensando subindo a escada? Não dava nem para falar que notou pela minha expressão.

— Acredite no que quiser. — ele continua, parando ao lado de uma porta com ainda *mais* controles estranhos. — Não vou perder tempo discutindo.

Respiro fundo e viro as costas para ele. Se continuar muito tempo aqui vou ficar imune a qualquer tipo de grosseria. Respiro fundo de novo quando meus olhos enchem de água. Não vou chorar.

— Tatiana?

Me viro para Darius e vejo que ele abriu a porta. O ar que vem dali de dentro é mais fresco,

e estreito os olhos tentando ver o que é aquilo. Darius passa pela porta e desaparece de vista. Fico onde estou, sem saber o que fazer. Não vou entrar nessa sala escura antes de ele falar alguma coisa.

— Venha. — Darius para na porta e gesticula para mim.

Por algum motivo, essa sala está me incomodando mais que o tubo da escada. Pelo menos nele eu consegui ver onde estávamos assim que entramos. Aliás, agora que estou parando para pensar nisso, não sei de onde a luz está vindo. Mas o fato é que a estação está iluminada. Esquisito. E essa sala está toda escura, mesmo logo além da porta.

Entro atrás de Darius, forçando a vista para tentar enxergar alguma coisa. Não que adiante muito. Darius coloca uma mão na minha cintura antes de fechar a porta. Engulo em seco.

— Se tiver luz não vamos conseguir ver. — ele fala, segurando minha mão e começando a me puxar.

O acompanhamento, nós dois andando lentamente. Algum tempo depois ele para e coloca minha mão no que parece ser um parapeito. Se estou segurando em um parapeito é porque posso cair do lado de lá. Dou um passo atrás. Não consigo ver nada aqui, não quero ficar perto de um buraco.

Darius ri em voz baixa e coloca a mão nas minhas costas.

— Olhe.

Estou olhando. E não estou vendo nada. Quero voltar para a nave. Não, quero voltar para a minha casa e esquecer disso tudo.

Ele não fala nada nem se mexe. Fico onde estou, sem coragem para tentar achar a porta. Tem algum tipo de buraco na minha frente e Darius parou bem aqui. Mas não consigo ver nada. Nada mesmo.

A não ser os pontinhos de luz aparecendo um pouco abaixo de onde estamos. Estendo os braços até achar o parapeito e me aproximo dele. A escuridão abaixo de nós está brilhando, com pontinhos de luz criando formas que parecem se mover sozinhas. E que têm várias cores, também. São linhas e ondulações brilhantes, mas não tão claras a ponto de iluminar a sala.

— Isso é lindo. — murmuro.

— São restos de nerkarath. Depois que o minério é extraído, fica essa substância. Não sei como costumam chamá-la, mas todas as estações de mineração têm uma sala assim.

Assinto, sem conseguir tirar os olhos das luzes e cores se movendo. Elas parecem estar se tornando mais fortes, mas provavelmente só estou me acostumando com a escuridão. Ou não. Agora a luz está forte o bastante para iluminar minhas mãos no parapeito.

Olho para Darius. Ele está olhando para o jogo de luzes e cores ali embaixo, e a mesma luz avermelhada que ilumina minhas mãos está batendo no rosto dele, me deixando ver sua expressão. Darius está sorrindo. Respiro fundo. Ele não está só sorrindo, está relaxado, sem nada daquela tensão ou seriedade no seu rosto. Só agora estou percebendo que ele *não* é um cara sério. Ele só age assim porque precisa. E essa expressão... Puta merda, se eu já tinha achado ele lindo antes, agora então não tenho nem palavras.

E isso me faz pensar que se ele está sendo sério assim por algum motivo, também pode estar sendo um babaca por causa de alguma coisa. Sei lá, a história sobre ter me resgatado porque “era o certo” não me convenceu. E vai ser muito desperdício se um cara desses *realmente* for um idiota.

Sem dizer nada, me aproximo de Darius e apoio o corpo nele. Ele passa o braço ao redor da minha cintura, sem tirar os olhos das luzes. Sim, está agindo como babaca por algum motivo. Nenhum cara que seja um babaca de verdade seguraria minha cintura assim, como se fosse a forma mais natural do mundo, mas sem tentar me puxar nem nada.

E eu posso estar imaginando coisas demais, mas foda-se.

— Passei muito tempo em uma estação como essa quando era mais jovem. — ele falou, de repente. — Essas salas são feitas para a tripulação, como um tipo diferente de sala de entretenimento. Mesmo sendo simples, raramente ficam vazias.

Assinto, apoiando a cabeça no ombro dele. É fácil demais entender por que esse lugar não ficaria vazio. É lindo. Consigo imaginar as pessoas espalhadas ao redor das luzes, apoiadas no parapeito. Especialmente os casais. É o tipo de lugar para onde as pessoas viriam para passar algum tempo juntas.

Então por que Darius me trouxe aqui?

Ele pega minha mão direita e puxa até que estou completamente virada para ele. Seu rosto ainda está quase todo nas sombras, e a luz multicolorida não me deixa ver muito da sua expressão agora que ele está me encarando. Darius solta minha mão, sem dizer nada e sem desviar o olhar. Levanto a cabeça, encontrando seus olhos. O que ele está fazendo? Para um cara que não queria nem *falar* sobre o que fizemos quando eu ainda estava meio dopada, agora ele...

Darius abaixa a cabeça e me beija. Antes de entender o que está acontecendo já estou abrindo a boca, retribuindo seu beijo. Não faço a menor ideia de por que ele resolveu me beijar agora, mas não vou recusar. Não mesmo.

E dessa vez é diferente. Aquela urgência de antes ainda está aqui, mas está apagada. Esse beijo é calmo, como se estivéssemos realmente nos conhecendo, explorando para descobrir o que o outro gosta. Não, não é bem isso. Mas não sei como definir o que estou sentindo enquanto seus lábios exploram os meus e nossas línguas se entrelaçam.

Coloco as duas mãos na sua cintura, segurando nossos corpos juntos. Posso sentir a ereção de Darius, mas ele não faz nada, só continua me beijando como se tivesse todo o tempo do mundo, como se isso fosse a coisa mais importante a fazer. Suspiro contra seus lábios quando ele acaricia meu rosto e para com a mão no meu pescoço. Fofo. Não, ainda não é essa palavra, não exatamente. Levando em conta onde estamos, as luzes e como Darius está agindo, acho que a palavra certa seria “romântico”. Esse beijo é isso: romântico. Mas não consigo usar essa palavra com Darius depois de como ele agiu.

— Pare de pensar. — ele murmura contra minha boca, antes de girar e me empurrar contra a parede da sala.

Solto um gemido contra sua boca, sentindo cada centímetro do seu corpo contra o meu, e abro os olhos por um instante. Darius é só uma silhueta cercada por luzes coloridas, mas ele provavelmente consegue me ver perfeitamente. Não importa. A única coisa que me interessa é que ele está me beijando e me tocando e não acho que vai parar tão cedo.

Me aperto ainda mais contra seu corpo, e agora o beijo não tem mais nada de fofo ou romântico. É urgente, como antes. Mordo seu lábio inferior quando ele me solta, querendo ele mais perto, não se afastando. Mas suas mãos vão para meu blusão, que ele abre em questão de segundos e então começa a brincar com meus mamilos através do tecido fino da camiseta. Tá, pode se afastar. Um pouco. E só se continuar fazendo isso. Gemo quando sua boca encontra a minha de novo e enfio as mãos por baixo do blusão e da camisa de Darius. Sinto seus músculos se

contraindo quando o toco, e seu coração está tão disparado quanto o meu.

— Tati... — ele murmura contra meus lábios.

Passo as unhas de leve pelos seus mamilos e ele treme. Resmungo quando suas mãos vão para a minha cintura, mas calo a boca quando ele puxa o cós da minha calça.

— Eu não te trouxe aqui para isso. — ele fala.

Repito o mesmo movimento de antes e ele aperta minha cintura com força. Sorrio e abro os olhos, vendo as luzes coloridas atrás de Darius e seu rosto quase todo na sombra. Mas eu não preciso ver sua expressão agora.

— E isso importa? — levanto um ombro e o deixo cair.

Darius não responde, só me puxa com força para perto, colando nossos corpos de novo, ao mesmo tempo em que enfia uma mão sob o cós da minha calça. Aperto sua cintura, me segurando enquanto sua mão desce mais e mais, por dentro da minha calcinha agora. Solto um gemido baixo quando um dedo pressiona meu clitóris, mas ele não continua ali. Darius continua descendo a mão, seus dedos me explorando, indo até minha entrada e subindo de volta até meu clitóris. Tremo e aperto sua cintura, antes de soltar uma mão e a enfiar entre nossos corpos. Sei que não vou conseguir abrir a calça de Darius, mas aperto sua ereção de leve, antes de começar a mover a mão para cima e para baixo sobre ele.

— Tire a calça.

A voz de Darius faz arrepios atravessarem todo o meu corpo. Está daquele jeito perigoso de novo: grave e rouca. Obedeço, ou pelo menos tento, porque ele continua com a mão dentro da minha calcinha, fazendo aquele vai e vem enlouquecedor do meu clitóris até minha entrada e voltando. Gemo alto quando ele enfia o dedo em mim e pressiona o clitóris com a base da mão.

— Estou esperando, Tatiana. — ele abaixa a cabeça e morde o lóbulo da minha orelha.

Respiro fundo, soltando o ar de forma trêmula, e finalmente consigo abrir o fecho da calça. A empurro para baixo de qualquer jeito, junto com minha calcinha. Darius para o que estava fazendo e quase reclamo, mas ele coloca a mão no fecho da sua calça. Já entendi. Chuto a calça para o lado, resmungando quando ela agarra nas minhas botas. Elegância em pessoa, eu sei. Mas foda-se.

Darius não se dá ao trabalho de tirar a calça, só a abaixa um pouco. Ótimo. Pra quê perder tempo? Não precisamos de mais que isso. Encaro sua ereção. Um dia desses ainda quero ele na minha boca, mas agora não.

Ele sorri e segura minhas coxas. Passo as pernas ao redor da sua cintura e me seguro no seu pescoço, enquanto ele ajeita suas mãos para sustentar parte do meu peso. Sinto seu pau na minha entrada um instante antes de Darius me apertar contra a parede. Ele entra em mim de uma vez e abafo um grito no seu pescoço. Estou ensopada, mas mesmo assim ele é grande demais, largo demais, e eu nunca me senti tão *cheia* na minha vida. Inclino a cabeça para trás, até encostar na parede, sentindo meus músculos se contraindo ao redor dele enquanto Darius sai de dentro de mim e então volta, lentamente. Sinto cada milímetro dele, o movimento fazendo todo o meu corpo ficar tenso, toda a minha atenção na sensação dele entrando e saindo de dentro de mim. Nunca me senti assim antes, a ponto de toda a minha pele parecer hipersensível, como se eu estivesse esperando qualquer toque dele, qualquer movimento. E como se o menor toque fosse o suficiente para me incendiar.

— Darius... — gemo.

Ele para no meio do movimento. Enfia as unhas nas suas costas e abro os olhos. Ele sustenta meu olhar por um instante antes de investir com força. Minha vista escurece e me seguro com mais força nele quando Darius sai de dentro de mim e volta, agora com força, depressa. Acompanho seus movimentos, gemendo, abafando meus gritos no seu pescoço, apertando suas costas. O som dos nossos corpos se chocando ecoa pela sala vazia e isso só me deixa ainda mais excitada.

Sinto a pressão crescendo de novo, se aproximando, e começo a me mover contra Darius ainda mais depressa. Falta pouco, muito pouco. Ele inclina o corpo, acertando um ponto diferente, e explodo ao redor dele. Até mesmo meus braços estão tremendo, e não sei como consigo continuar me segurando no seu pescoço enquanto Darius continua se movendo, ainda mais depressa agora, antes de parar e apertar seu corpo contra o meu.

Darius apoia a testa na parede, e eu estou com o rosto no seu pescoço, por algum motivo. Puta merda, o que foi isso. Não sei se suspirei ou gemi, mas a ideia é a mesma. Estou completamente satisfeita.

Lentamente, solto as pernas. Darius me segura até eu colocar os pés no chão, o movimento o tirando de dentro de mim. Solto um suspiro, mas mesmo que quisesse não ia conseguir fazer nada agora. E não acho que vou conseguir ficar de pé se ele se afastar. Não agora. Meus músculos viraram gelatina.

Ele ri em voz baixa e coloca uma mão na minha cintura, sem sair do lugar, enquanto as luzes coloridas ainda brilham atrás de nós.

NOVE

Eu acabei de transar com um alien dentro de uma estação de mineração abandonada, com umas luzes estranhas que parecem ter vida própria brilhando atrás de nós. Acho que preciso mudar minha definição de “esquisito”. Não que isso tenha sido estranho. Nem um pouco. Foi perfeito.

Rio, sem nem me importar com como o som ecoa aqui dentro. Estou começando a achar que posso mesmo gostar daqui. É esquisito, mas é um esquisito bom.

Darius suspira e se endireita, antes de se afastar. Me viro para ele, ainda sorrindo. A luz agora é azul e se mistura com a cor da sua pele, mas o importante é que consigo ver sua expressão claramente. Meu sorriso morre quando percebo que ele está sério de novo, e já estou me preparando para a próxima grosseria quando ele balança a cabeça.

Por que é que pensei que ter me trazido aqui ia mudar alguma coisa? Ah, provavelmente porque ele foi um cara *fofo* aqui. Mas não importa. Não quero nada com ele, mesmo. Nada além do sexo. Isso. Então não importa se ele for um babaca, desde que faça por onde na parte que me interessa.

— Isso não deveria ter acontecido. — ele fala, seco.

Reviro os olhos.

— Eu queria, você queria, pronto, os dois satisfeitos. Qual o problema?

Ele se vira para o meio da sala e vai até o parapeito, me dando as costas. Educação mandou lembranças. Respiro fundo, esperando. Já sei que lá vem merda.

— Você não sabe o que está fazendo.

— Claro, eu sou o quê, uma criança, para não saber o que estou fazendo?

Darius continua de costas para mim, mas vejo quando ele aperta o parapeito. Ao menos uma reação.

— Você estava sob o efeito de sabe-se lá quais drogas até pouco tempo atrás. — sua voz é tão seca e gelada que dou um passo atrás e bato as costas na parede. — Você não sabe o que está fazendo. Você não conhece este mundo. E nem deve. Seu lugar não é aqui, é de volta na Terra. E meu lugar não é me distraindo com uma terráquea.

Encaro suas costas, sem acreditar no que estou ouvindo. Puta que pariu. Retiro o que falei. O sexo não vale isso. Prefiro ficar na seca do que ter que ouvir isso.

Me abaixo e pego minhas roupas. Pelo menos a luz está forte o suficiente para eu conseguir ver onde estão. Darius não se mexe enquanto eu me visto e fecho o blusão que ele abriu. E eu não vou ficar aqui esperando para ouvir mais merda. Meus olhos estão ardendo com a força que estou fazendo para segurar as lágrimas, mas não vou chorar. Não mesmo. Ele não merece isso.

Ele não merece nada.

Não depois de falar isso, como se eu não fosse nada. “Meu lugar não é me distraindo com uma terráquea”, como se eu fosse um brinquedo inconveniente, pra não falar outra coisa. Não, menos que isso. Eu posso ser só uma terráquea que foi abduzida, mas acho que depois do que fizeram comigo tenho direito de fazer minhas escolhas.

Saio da sala. O salão continua iluminado, e confiro minhas roupas. Tudo certo. Ótimo. Agora é só conseguir voltar para a nave. Estou com tanta raiva que nem me incomodo com a ideia de

encarar aquela escada sozinha. Na verdade, acho bom. Vou ter alguma coisa para gastar a raiva.

Escuto Darius me chamando quando abro a porta que dá para a escada, mas nem olho para trás.

Passar para o outro lado da escada nem é tão difícil, na verdade. Pelo menos, não parece. Agora só tenho que descer até chegar no chão. Por sorte o nível do hangar é o último, senão eu ia ter que ficar tentando adivinhar em qual porta sair.

Respiro fundo e começo a descer, me concentrando nos degraus. Às vezes paro para xingar Darius mentalmente. E me xingo também, quando vejo que estou olhando para cima e esperando ver ele descendo. Eu não quero que ele venha atrás de mim. Não quero.

Meus braços estão doendo de novo quando a escada acaba. Espero um instante para minha visão acostumar com a luz antes de sair do tubo escuro para a sala iluminada. Agora só preciso lembrar qual porta dá para o hangar. Se bem que acho que todas as portas vão dar lá, é só uma questão da distância que vou ter que andar até a nave.

— Finalmente.

Só não pulo por causa das botas magnéticas. Darius está parado perto de uma das portas, de braços cruzados. Como ele chegou aqui? Não interessa.

— Depressa. — ele se vira para o corredor, sem esperar resposta minha.

Vai se foder. Não posso nem ter alguns minutos de paz.

Darius já está parado na porta da nave quando entro no hangar. Travo os dentes, sem nem querer olhar para ele. Se olhar vou reparar nos músculos maravilhosos e estou com raiva demais para fazer isso agora. Subo a rampa e viro para ir direto para o quarto. Pelo menos acho que estou virando na direção certa.

— Para a ponte. — Darius fala, entrando atrás de mim e fechando a porta.

Me viro para ele, levantando as sobrancelhas, antes de continuar a andar na direção que estava indo. Não preciso falar nada, até mesmo um ET consegue entender esse olhar, tenho certeza.

— Enquanto você estava fazendo pirraça, um dos alarmes disparou. Para a ponte, agora.

Paro. Se um dos alarmes disparou, com certeza não é boa coisa. Mas, “fazendo pirraça”. Não sou obrigada a escutar isso. Não sou. Preciso sair daqui. Mesmo que ainda ache que não é uma boa ideia voltar para a Terra, não quero ficar perto de Darius. Não mesmo. Não se ele vai ser fofo em um minuto e um idiota no outro. Não quero isso.

Mesmo assim, não sei o que está acontecendo. Enxugo os olhos com as costas das mãos e me viro na outra direção. Darius já está quase na porta da ponte de comando, e vou atrás dele. Tenho a leve impressão de que, se ele precisar manobrar a nave, vou ser jogada de um lado para o outro se estiver na cama. Se não fosse por isso, provavelmente ia ignorar a ordem dele.

Me sento na mesma cadeira de antes. Darius já está na sua cadeira, mexendo nos controles. Os gráficos no monitor gigante mudaram, e agora parecem um radar, com vários círculos concêntricos e um pontinho — não tão pequeno assim — se movendo entre eles.

Darius olha para mim rapidamente, antes de voltar a encarar a tela. Ele mexe em alguns controles e sinto algo me prendendo na cadeira.

— Campo de força. — ele explica antes de eu perguntar. — Uma nave pirata está se aproximando da estação e é bem provável que já tenham nos detectado aqui. Vou tentar escapar deles.

Outra nave atrás da gente? Por favor, já deu. Porque eles não podiam ter feito essa confusão toda enquanto eu ainda estava apagada?

— A vantagem é que a maioria das naves piratas não tem o mesmo tipo de capacidade de manobra que a minha nave tem. — Darius continua. — Então vai ser relativamente fácil escapar dele. Só precisaremos achar outro lugar para nos esconder.

Ele continua mexendo nos controles e um símbolo brilha no monitor. Estreito os olhos. Agora esses símbolos estranhos estão começando a fazer sentido.

— Você ligou o sistema de comunicação? É isso, não é? — pergunto. — Mas se estavam usando ele para rastrear...

— Liguei o sistema de comunicação local. É uma rede aberta de curto alcance, para as naves que estão próximas se comunicarem e mais nada. As naves de Arcen não vão conseguir captar nosso sinal. Quero ver se os piratas vão falar alguma coisa.

Isso é loucura. Fecho os olhos. Não quero nem ver o que vai acontecer. Vai dar merda. Tenho certeza.

Abro os olhos quando os minutos vão passando e não acontece nada. Ainda estamos no hangar, a outra nave ainda está se aproximando e Darius ainda está mexendo nos controles. Puta merda, só falta essa nave ter dado defeito.

— Não vamos sair daqui?

— Não enquanto não for a única opção. — ele responde sem se virar para mim.

Encaro o monitor, vendo o pontinho que é a outra nave se aproximando do centro dos círculos, que imagino que seja nossa posição. Outro ponto aparece, mais próximo que a primeira nave.

— O que é isso? — pergunto.

— O quê?

Aponto para o novo ponto.

Darius xinga naquela língua que não entendo e faz alguma coisa nos controles. Uma imagem borrada de outra nave aparece ao lado do radar.

— Outra nave pirata se aproximando.

Estamos fodidos. Completamente fodidos. Fecho os olhos de novo. Definitivamente não quero ver o que vai acontecer.

— Drek? Cai fora, vimos eles primeiro. — ouço uma mulher falar.

— Se você está falando da nave pousada dentro da estação, sinto te informar que é uma das minhas. — a segunda voz é masculina e sibilante.

— Porra nenhuma. Tá pensando que sou uma idiota para cair numa coisa dessas?

Abro os olhos. Darius está encarando o monitor com uma expressão dura, mas não parece tão preocupado.

— O que... — começo e calo a boca. Não sei se as pessoas que estão falando podem me ouvir.

Darius balança a cabeça.

— Estamos apenas recebendo as transmissões. Pode falar. E isto... Parece que nossos problemas foram resolvidos, por hora.

Resolvidos? Como assim? Ainda tem duas naves piratas vindo para cá, como nossos problemas podem ter sido resolvidos?

— Estou pensando que você é esperta o bastante para não comprar uma briga comigo, Rumra. — o homem de voz sibilante falou. — Mandei dois dos nossos verem se a estação estava em boas condições.

Encaro o radar, vendo que a segunda nave está se posicionando entre a primeira e onde nós estamos. Isso não vai prestar. A primeira nave pirata pode até ir embora, mas aí vamos ter que dar um jeito de escapar da segunda.

— Você acha que sou idiota. Pra quê mandar gente para ver se a estação está em boas condições? — a mulher retrucou.

— Isso não é da sua conta. Você tem um minuto para recuar, Rumra. Meu pessoal vai passar um tempo por aqui e não queremos interrupções. — o homem da voz sibilante parece não estar nem um pouco preocupado com os outros piratas.

A mulher demora a responder, e vejo o pontinho que é sua nave começar a se virar e se afastar.

— Boa sorte com isso, Drek. — ela fala.

— Ah, não preciso de sorte. As defesas e armas da estação ainda estão funcionais, sabia? — o homem responde.

Um ruído baixo de estática me conta que, seja lá como essa comunicação funcione, foi encerrada. Me viro para Darius.

— Como...

Ele se vira para me encarar.

— Eu disse que os reforços chegariam.

— Por algum motivo não acho que os piratas sejam seus reforços.

Ele olha de mim para os controles, para o monitor, e de volta para mim.

— Não exatamente. Parece que meu reforço não conseguiu vir e enviou a melhor ajuda que conseguiu.

— Os piratas.

Tá, um bando de piratas. Essa foi a ajuda que o reforço dele mandou. Okay. Excelente.

— Os piratas. — Darius assente.

Por algum motivo, a expressão dele não é o suficiente para me acalmar.

Demora algum tempo até a nave pirata entrar no hangar, e mais um tempo até ele ser *pressurizado* de novo e os geradores de atmosfera reporem a ar perdido. Pelo menos, é isso que Darius diz. Vejo os status aparecendo na tela gigante, mas não faço ideia do que querem dizer, mesmo que agora esteja conseguindo ler esse alfabeto. Darius não está exatamente relaxado enquanto espera, e isso só serve para confirmar o que pensei: ele não estava esperando os piratas.

E vamos ser honestas: quem é que chama piratas como *reforço*? Acho que é mais fácil eles quererem me vender de volta para as naves lá que estavam atrás de nós.

Cruzo os braços e fico encarando o monitor, esperando para ver o que vai acontecer. É melhor que ficar olhando para Darius. Não quero ficar reparando nele nem ficar tensa só porque ele está nervoso.

Ouçoo um apito suave, e então aquele homem de voz sibilante fala.

— Estou esperando códigos de identificação.

Dou um pulo na cadeira e olho ao redor antes de perceber que é óbvio que ele está falando pelo comunicador. Olho para Darius, que está ainda mais sério enquanto mexe nos controles. Respiro fundo. Não quero mais nada com Darius depois do que ele falou, mas não tenho certeza de que ir parar na mão desses piratas vai ser uma boa coisa, então estou torcendo para ele não ter problemas.

— Darius la'Dyraiv. — o homem faz um som estranho que acho que é uma risada. — Devo dizer que não estou nem um pouco feliz por saber que fomos infiltrados pelo Corpo Militar.

— Não foram infiltrados. Ithori não tinha ordens para espionar ou roubar qualquer tipo de informação de vocês. — Darius responde depressa. — Ele foi enviado para aprender e fazer contatos que poderiam ser úteis futuramente.

— Como agora. E tenho a impressão de que já vi estes códigos de identificação antes.

Darius se inclina para trás na cadeira e solta a respiração de forma pesada. Levanto as sobrancelhas, curiosa. Qual o problema se o pirata já viu os códigos?

— Podemos ter nos encontrado antes. — ele fala, com as mãos sobre os controles. Pronto para fugir? Balanço a cabeça, sem entender mas sem querer entrar no meio da conversa.

— Você levou uma das nossas. O que fez com ela? E não me venha com essa conversa de que ela não era uma das nossas. — a voz do homem fica ainda mais sibilante.

— Não fiz nada com ela. Precisávamos do testemunho da terráquea contra Arcen. — Darius se inclina sobre os controles, esperando.

Me seguro nos braços da cadeira, sem saber o que esperar. Não faço a menor ideia do que está acontecendo aqui ou do quê eles estão falando.

— Então onde ela está? Aposto que a esqueceram em algum buraco depois que foi útil para vocês.

— Ela não quer voltar para a Terra e o Acordo não lhe daria cidadania. A terráquea está em um lugar de onde vai escapar assim que parar para analisar a situação, se já não tiver escapado. Se ela quiser, vai entrar em contato com vocês.

Espera... Darius levou uma mulher terráquea que era parte da tripulação desse pirata? Estou

entendendo certo? E agora vai deixar ela fugir? Isso não faz o menor sentido.

— Vou confiar na sua palavra porque, apesar de ter sido *infiltrado*, Ithori continua sendo um dos nossos.

Darius solta os controles e se encosta na cadeira. Pelo visto, o problema foi resolvido. Balanço a cabeça de novo. Loucos, todos eles.

— Vai confiar na minha palavra porque Ithori te ofereceu um bom acordo para vir atrás de nós. O que tenho que pagar?

— Ah, ele já autorizou um bom pagamento em dinheiro. — mesmo com a voz sibilante, consigo perceber que o homem está satisfeito. — O restante é melhor acertarmos cara a cara.

O ruído de estática me conta que o alien desligou o comunicador. Darius encara os controles por alguns segundos, antes de desligar do nosso lado também.

Pelo menos alguma coisa eu entendi: aparentemente esse Ithori, que acho que era o reforço de Darius, negociou com os piratas para eles virem atrás de nós. Menos mal.

— E agora? — pergunto.

— E agora saímos para conversar com Drek. — ele suspira. — Para um bando de piratas, eles não são tão ruins. E sei que não estão interessados no comércio de terráqueas, pelo menos.

Tenho mesmo que ir? Não posso voltar para o quarto? Hibernar até resolverem isso tudo? Sério, acho que já ouvi o suficiente por hoje.

— Drek vai querer ver você. — Darius continua, como se estivesse lendo minha mente *de novo*. Respiro fundo e não falo nada. Não quero nem saber como ele está fazendo isso. — E, pelo que Ithori me contou, ele realmente trata bem as terráqueas que passam pela sua nave.

Como se eu tivesse opção. Mas, ei. É um bando de piratas. Tudo bem que são alienígenas, mas será que vai ter mais algum alien gostoso? Sorrio e me levanto. Vai ser ótimo se tiver algum, às vezes assim consigo tirar essa tara pelo Sr. Azul do meu sistema.

E se forem vários aliens gostosos? Meu sorriso se alarga ainda mais enquanto sigo Darius pelo corredor. Tenho ótimas ideias sobre o que fazer se isso acontecer. Ótimas mesmo. Acho que mereço.

E Darius bem que poderia ler minha mente *agora*.

Paro assim que saio da nave e olho para o lado. A nave dos piratas é muito maior que a de Darius. Não foi à toa que demoraram tanto para pousar. Engulo em seco. A nave tem uns bons quinze metros de altura, eu acho. Da altura de um prédio pequeno. E uns cem metros de largura. Quer dizer, não tenho certeza de nada mais. Olho para o teto, *lá no alto*. Qual é o tamanho desse hangar se uma nave desse tamanho não parece estar ocupando muito espaço? Puta merda.

Volto a olhar para a nave. Ela parece ser mais larga no meio, como se os “andares” de cima e de baixo fossem um pouco menores. O casco é de metal escuro, e está todo marcado. Provavelmente por causa de alguma troca de tiros ou coisa assim. Estreito os olhos. Se fizer um esforço, consigo ver várias linhas e reentrâncias no casco, mas de longe ele parece ser relativamente liso.

— Tatiana.

Pisco e balanço a cabeça quando Darius me chama. Ele está parado alguns passos à frente, obviamente me esperando. Respiro fundo e vou até onde ele está.

— Eles realmente *vivem* dentro da nave. — não consigo conter minha surpresa. Posso ter assistido uns tantos filmes de ficção científica, mas porra, eram *filmes*. É outra coisa ver uma nave dessas e perceber que um bando de piratas pode *sim* viver dentro dela confortavelmente.

Darius não responde, só continua andando na direção da outra nave, contornando a sua. Três aliens descem uma rampa assim que nos aproximamos, e quase paro de novo. Estava esperando uma coisa mais Capitão Jack Sparrow, mas não. Eles são verdes. Verde musgo, na verdade. E têm cabelo azul grosso e longo. E escamas, se não estou vendo coisas. É, aquelas coisas meio brilhantes nos ombros de um deles e no pescoço de outro definitivamente são escamas. Os três estão vestindo calças escuras justas por dentro de botas parecidas com a que estou usando e coletes que parecem ser feitos do mesmo material das calças. Um deles – uma, aliás, agora que estamos mais perto consigo ver que é uma mulher – também está usando uma proteção escura nos antebraços. Estreito os olhos. Se o cabelo dela não fosse tão grosso, e fosse rosa ao invés de azul, eu ia achar que estava vendo a Gamora. Os outros dois são homens – machos, sei lá o que é o certo para falar sobre aliens. Sorrio. E são gostosos pra caralho. Os encaro de cima a baixo sem nem tentar disfarçar. Os dois são altos e quase tão musculosos quanto Darius. O colete justo que estão usando me deixa ter uma boa ideia dos tanquinhos de dar água na boca. O espaço está cheio de homens gostosos. Amei. O rosto deles é estranho, não tão *humano* quanto o de Darius, mas não sei explicar o que tem de diferente. Pelo menos, não assim. O que significa que eu estou bem curiosa sobre eles. Fazer o quê, gosto de coisas diferentes.

Tipo um alien azul e preto.

Argh. Puta merda, nem depois de Darius ter falado aquilo eu estou conseguindo tirar ele da cabeça? Puta que pariu. Até eu tenho um limite de tolerância pra babacas e Darius *já passou* desse limite.

— La'Dyraiv. — o alien que está no meio dá um passo à frente, encarando Darius.

— Drek. — Darius assente.

Ah, então “Drek” é o nome do capitão dos piratas. Achei que era algum palavrão em outra língua, pelo tom que a mulher na outra nave usou e pelo jeito que Darius estava falando antes.

— Vamos resolver isto logo. O que Ithori prometeu para você? — ele continua, seco.

O pirata levanta uma mão, com a palma virada para fora, e vejo que ele tem garras em vez de unhas. E pelo visto o gesto para esperar é o mesmo para os aliens.

— E você, terráquea? Qual o seu nome? — ele se vira para mim.

Gente, um alien educado. Agora que estou gostando *mesmo* desses piratas.

— Tati.

— Tati. — ele assente. — Eu sou Drek, e estes são Rhi e Dsara. — ele indica primeiro o homem e depois a mulher. Então Gamora se chama Dsara. Mais fácil falar Gamora mesmo. — Qualquer coisa que precisar, estamos à disposição.

Qualquer coisa? Sorrio. Gostei muito desses piratas. Muito mesmo.

— Drekkor. — Darius fala antes de eu responder. Droga.

O capitão pirata dá de ombros.

— Você não vai confiar na minha palavra se eu contar qual foi meu acordo com Ithori, então é melhor esperar que ele chegue aqui. Vamos ficar na estação até ser seguro vocês saírem.

Quer dizer que ainda não vamos embora? Ah, que maravilha. Mais tempo aguentando Darius. Pelo menos agora tenho umas companhias mais interessantes. Será que o restante dos homens do bando de Drek é gostoso assim? Foda-se pele verde e garras, eu pego *fácil*.

— Minha intenção é sair daqui o mais depressa possível. — Darius insiste.

Olho de relance para ele. Acho que alguém está irritado. Só acho.

Drek balança a cabeça.

— Ithori me disse para avisar que é mais seguro ficarem aqui. As naves de Arcen ainda estão rastreando você... vocês. — ele se vira para mim e sorri sem mostrar os dentes. — É melhor esperar até terminarem de verificar as propriedades de Arcen primeiro, antes de saírem daqui. Pelo menos, foi o que Ithori falou.

— E vocês vão ficar aqui enquanto não sairmos.

O pirata dá de ombros.

— O combinado foi servir de escolta para vocês enquanto estiverem dentro de território pirata. E tenho que admitir que escolheu o melhor lugar possível para parar. Essa base realmente ainda tem os sistemas de defesa funcionais.

Darius suspira. É, pelo visto vamos continuar aqui.

— Que seja, então. O que sabe sobre a situação lá fora?

— Arcen foi preso. Por isso Ithori não conseguiu se encontrar com você, teve que dar apoio em alguma coisa. Se quiser detalhes, vai ter que esperar ele chegar. Não sou militar nem político para saber mais que isso.

Darius faz um ruído irritado e eu sorrio. Qualquer um que deixe ele com raiva é meu melhor amigo nesse momento.

— Vão cuidar da defesa, então? — ele pergunta.

— Sim, mas seria bom se mantivesse seus sensores ligados. Os sensores de vocês são melhores que os meus. — Drek sorri de novo. Acho que ele está querendo dizer mais de uma coisa, mas não faço ideia do que seja.

— Vou manter.

Darius se vira para voltar para a nave. Sei que ele acha que vou fazer o mesmo mas, pensando bem... Na nave dele tenho uma cama me esperando e um alien babaca. Aqui fora tem vários aliens gostosos que parecem pelo menos ser educados. Difícil escolher. Tá, eles são alienígenas, mas ei, foda-se, são gostosos. E Darius não vai com a cara deles. Não preciso saber de mais nada.

— Como é uma nave dessas por dentro? — pergunto.

— Posso te mostrar. — Drek inclina a cabeça, ainda sorrindo, e gesticula na direção da nave.

— Obrigada.

— Tatiana.

Me viro para Darius. Ele parou um pouco à frente e não parece nem um pouco satisfeito por eu estar conversando com os piratas.

— Vamos voltar para a nave.

Voltar para a nave, para eu continuar ouvindo desaforo dele? Deixa eu pensar... Não. Levanto as sobrancelhas e mostro o dedo do meio para ele. Darius olha para minha mão e então para o meu rosto.

— O que quer que isso signifique, não me interessa.

Dou de ombros.

— Não é problema meu.

Vejo quando ele abre a boca para responder, mas a risada estranha e sibilante vinda de trás de mim não deixa ele falar nada. Me viro. Drek está rindo como se isso fosse a coisa mais

divertida do mundo e os outros dois aliens estão trocando olhares e tentando segurar o riso. Já amo eles.

Darius vira as costas para mim e volta para a nave.

Bom, Drek falou que estava à minha disposição, não falou? Então estou aproveitando. Ele e Gamora me levaram para fazer um tour pela nave, enquanto Rhi foi coordenar as equipes que estão se espalhando pela estação e conferindo os sistemas de defesa. Quando eu comentei que eles pareciam um tanto quanto organizados demais para um bando de piratas, Drek explicou que precisavam da organização para manter a eficiência nos trabalhos e evitar perder pessoal, e que era por isso que o bando dele tinha uma reputação de praticamente invencível entre os outros bandos e os mercenários.

— E isso faz muito mais sentido agora. — Gamora comenta e Drek assente.

— Como assim? — pergunto, parando na porta do que parece ser uma cantina enorme.

— Sempre insisti em mais organização que a maioria dos grupos de piratas. — Drek segura meu braço, com cuidado para não me cortar com suas garras, e me vira na direção de uma mesa enorme com várias bandejas cobertas sobre ela. — Mas muita coisa que usamos foi sugestão de Ithori, que veio parar na minha tripulação como pouco mais que um prisioneiro.

— O mesmo Ithori que trabalha para Darius. — me lembro da conversa de mais cedo, no comunicador.

Gamora me passa um prato fundo.

— Qualquer coisa aqui é compatível com seu organismo. Suelen gostava muito disso aqui, ela falava que era quase idêntico a alguma coisa da Terra. — ela aponta para uma bandeja cheia de batatas fritas meio vermelhas.

Tá, vou comer umas batatas fritas e depois exploro o resto do buffet. Já falei que amo esses piratas? Eu nem tinha notado o tanto que estou com fome, mas não comi nada desde que acordei e Darius tentou me explicar o que estava acontecendo.

— Suelen? — pergunto enquanto encho meu prato.

— A terráquea que era parte da nossa tripulação.

Assinto enquanto eles me levam para uma das mesas. Estamos praticamente sozinhos na cantina, mas os poucos aliens espalhados pelas mesas não parecem estranhar ter uma terráquea aqui. Faz sentido, se tinham uma terráquea na tripulação, mesmo que todos pareçam ser da mesma espécie que Drek e Gamora.

Tudo na nave, inclusive as mesas e utensílios da cantina, é feito de materiais que ou parecem metal, ou plástico, ou uma mistura estranha deles com cerâmica, mas que não são exatamente nada disso. Posso não saber do que as coisas são feitas, mas tenho a impressão de que esse prato não se quebraria de jeito nenhum.

Quero levar uns desses para casa, se voltar para a Terra. E copos também.

— E você estava contando do tal do Ithori. — lembrei, começando a comer.

Drek ri e se senta também, assentindo.

— Ele é um agente do Corpo Militar que se infiltrou no meu bando. Só estou fazendo isso porque pelo menos nesse ponto la'Dyraiv foi honesto: ele não roubou informações nossas. Na verdade, acabou nos ajudando muito com suas sugestões.

— Se bem que se soubéssemos que as estratégias e métodos de organização eram do Corpo Militar... — Gamora se inclina para trás na cadeira e apoia os pés no assento na sua frente.

— Provavelmente não teríamos usado nada. — Drek balança a cabeça. — E, ironicamente, a única pessoa que roubou informações de nós, mesmo que não fossem nossas, foi Suelen.

— Hein?

— É uma longa história.

— Estou morrendo de fome, não tenho nada melhor para fazer, e nem estou a fim de voltar para a nave de Darius tão cedo. — sem mencionar que nessa nave aqui tem vários aliens gostosos para eu encarar. Mas não vou falar isso em voz alta. Ainda não.

Gamora ri e se vira para Drek.

— Gostei dela.

— Também gostei de você, Gamora. — não resisto.

— Dsara. — ela se vira para mim.

— Gamora é mais fácil.

Os dois me encaram com expressões idênticas. Suspiro.

— Gamora? Guardiões da Galáxia? — a expressão continua a mesma. Reviro os olhos. — Por favor, me fala que tem algum jeito de conseguir filmes da Terra.

— Não sem ir até lá. — Drek responde.

Bufo. Não tem nem graça explicar quem é a Gamora.

— Resumindo: é alienígena, é verde e se veste quase igual a você. E luta pra caralho.

Gamora dá de ombros.

— Se não é nenhuma mocinha indefesa, sem problemas.

Rio e volto a prestar atenção nas minhas batatas. Elas podem até ser meio vermelhas, mas o gosto não é tão diferente assim. Isso não faz muito sentido, mas já desisti de tentar entender as coisas aqui.

E falando em entender...

— Não querem me contar o que está acontecendo aqui não? Sério, Darius tentou me explicar, mas nem a versão resumida dele fez sentido.

Os dois trocam um olhar e Drek assente antes de se virar para mim.

— Versão completa ou resumida?

— Resumida, por favor!

Meia hora depois, Drek e Gamora conseguiram me explicar bem mais do que eu esperava. Pelo que entendi, existe um mercado de mulheres terráqueas abduzidas, já que a Terra não é protegida pelas leis do Acordo — que é como se fosse um governo central de todos os alienígenas. Existe um projeto para mudar isso, mas ninguém sabe se vai passar ou quando. Darius e o irmão dele, Kernos, estavam há anos atrás de um cara chamado Te'vi Arcen, que era um dos maiores financiadores dos mercados e usava as terráqueas para fazer experimentos, mas nunca conseguiram provar nada contra ele. Até que, um tempinho atrás, ele encomendou uma terráquea que acabou sendo comprada por Kernos. Aparentemente essa terráquea é uma hacker de primeira, porque conseguiu arrumar provas contra Arcen e ele foi preso. Agora estão vasculhando todas as propriedades e naves dele atrás de mais terráqueas presas e qualquer informação sobre os mercados. E os piratas ainda não deveriam saber de nada disso, mas Ithori tinha contado tudo para Drek.

Ainda não entendi onde a tal Suelen entrou no meio disso tudo, mas tudo bem, eu pedi a

versão resumida.

E minha dor de cabeça está voltando. Faço uma careta e coloco o garfo de volta no prato. Não sei o nome do que estou comendo, mas é verde, tem gosto de planta, e é bom. Menos esquisito que o ovo de gema rosa.

— Sem querer ser muito folgada, mas será que vocês não têm alguma coisa para dor de cabeça que eu posso tomar, não?

— Dor de cabeça? — Drek pergunta.

— Das fortes. E normalmente vira crise de enxaqueca.

— E la'Dyraiv não te deu nada...

Dou de ombros.

— Não contei para ele.

Drek me encara por um instante antes de se virar para Gamora.

— Leve ela para a enfermaria. Preciso conferir a situação da base com Rhi e as equipes. — ele se levanta. — Encontro vocês na rampa de desembarque em uma hora.

— Obrigada.

— Tente terminar de comer. — ele fala, se afastando.

Gamora coloca os pés – que ainda estavam no assento da cadeira na sua frente – no chão. Olho para o prato, sem saber se quero terminar de comer ou não, agora que a dor de cabeça voltou. Acho que é melhor não.

— Se não vai comer, vamos para a enfermaria de uma vez. — ela se levanta.

Faço o mesmo, só então pensando em como estou me sentindo muito mais à vontade entre os aliens que são *mais* estranhos que Darius. E Drek e Gamora também estão ajudando bastante. Na verdade, é como se eles estivessem agindo como eu acho que Darius deveria ter agido. Quer dizer, se você resgata uma pessoa o mínimo que você faz é cuidar, não é? E no fim das contas ele só me deixou com tanta raiva que eu não tive nem coragem de pedir alguma coisa para minha dor de cabeça.

Uma hora depois, o médico da nave já me deu uma injeção que acabou com a dor de cabeça quase milagrosamente. Claro, isso depois de me fazer passar por sei lá quantos sensores para ver o que poderia dar algum efeito colateral e tudo mais, mas o fato é: a dor de cabeça passou. Pela primeira vez na vida, algum remédio funcionou. Minha vontade é sair comemorando pelos corredores da nave, mas acho que isso vai ser exagero demais.

— Quais as chances de vocês me deixarem levar essa coisa que o médico aplicou em mim quando eu for embora? — pergunto assim que vejo Drek.

Ele me encara, erguendo uma sobrancelha azul.

— É sério! Nunca acharam nada que fizesse efeito na minha dor de cabeça antes! — insisto.

— Vou avisar Gheri para preparar uns tantos aplicadores para você. — ele balança a cabeça, sorrindo.

Dessa vez ele mostra os dentes, e eles são afiados. Garras e dentes afiados, além de pele verde com escamas e cabelo azul. Okay, esquisito. Mas ele continua sendo gostoso pra caralho. Nota mental: quando agarrar algum deles, nada de beijo de língua.

— Você não se assusta com nossa aparência. — Gamora comenta, olhando de Drek para mim.

— Isso é ruim?

— Não, mas a primeira reação de todas as terráqueas que encontramos é medo. — Drek explica.

— Bom, depois de ser abduzida, tentar fugir, ser dopada com sabe-se lá o quê e passar meses com aliens fazendo experiências comigo, acordar numa nave com um alien azul e preto e sermos perseguidos por duas naves gigantescas, acho que esgotei o estoque de medo. — paro e encaro Drek de cima a baixo. — E vocês serem gostosos pra caralho não atrapalha nem um pouco.

Drek ri alto, de novo, e Gamora sorri.

— Nesse ponto, ela é pior que a Suelen. — ela fala e ele assente, ainda rindo.

Balanço a cabeça, sorrindo. Não falei nenhuma mentira.

Meu sorriso morre quando olho para a nave de Darius. Tenho que voltar para lá. Que bosta. Preferia continuar com os piratas, mas acho que todo mundo tem mais o que fazer do que ficar me levando para dar voltinhas por aí.

— Estou indo para a sala de controle das defesas. Quer ir também? — Drek indica a porta mais próxima do hangar com um movimento de cabeça.

Bom, já que ele está me chamando...

— Óbvio!

— Dsara, o comando da nave é seu. — ele fala antes de terminar de descer a rampa.

O acompanho e atravessamos o hangar. Quando já estamos quase chegando na porta mais próxima, olho para trás. Darius está parado na porta da nave dele, olhando na nossa direção. Não resisto à tentação de dar um tiauzinho para ele. Solto uma risada baixa quando ele volta para dentro da nave, com aquele passo pesado que deixa mais que óbvio que está irritado.

Ao meu lado, Drek olha para trás e então balança a cabeça, sorrindo.

Suelen

Olho ao redor do quarto onde estou. Nada de novo. As mesmas paredes claras com alguns detalhes metálicos, os mesmos móveis minimalistas, os mesmos armários embutidos na parede e que se abrem com um toque nos botões escondidos. Os mesmos enfeites estranhos pendurados aqui e ali, como gotas brilhantes, todos de metal e com algumas pedras. Estou fazendo um esforço para não conferir se são mesmo pedras preciosas ou semi preciosas, mas se me deixarem aqui por muito mais tempo não vou resistir. E os enfeites são fáceis de carregar, se tiverem algum valor.

O que eu estou pensando? É claro que têm valor. Estou no complexo dos Dyraiv, no planeta que é a sede do Acordo. Tudo aqui é do bom e do melhor, obviamente.

Respiro fundo e me levanto da cama. Preciso dar um jeito de escapar daqui. Já fiz o que queriam, contei tudo o que ouvi sobre as naves de Arcen nos meus anos com os piratas. A essa altura, já deveriam ter usado as informações para o tal julgamento ou o que quer que fosse. Mas óbvio que não vão me contar nada, sou só uma terráquea que trabalhava com um bando de piratas. Daqui a pouco vão é aparecer aqui para me mandar de volta para a Terra.

Não. Não mesmo. Não vou voltar. Depois de mais de quatro anos, já é tarde demais para tentarem me mandar de volta.

Preciso decidir o que fazer. Começo a andar de um lado para o outro, aproveitando o espaço vazio do quarto. Não posso voltar para o bando de Drek. Mesmo depois de dois anos com eles, isso não muda o que eu fiz: roubei informações que pertenciam ao bando.

Meu último trabalho com o bando de piratas de Drek foi coisa de rotina: eles me venderam para um dos comerciantes de mulheres terráqueas, que me levou para um dos mercados. Então o bando usou os rastreadores implantados em mim para localizar o mercado, atacou a nave e roubou tudo de valor, incluindo as informações que estavam nos computadores deles. Pouco tempo depois, quando *Ithori* entrou em contato dizendo que eu podia ajudar a acabar com o comércio de terráqueas, eu roubei estas informações e as entreguei para Darius la'Dyraiv.

Faço uma careta e paro na janela, encarando a cidade gigantesca lá fora. Não queria pensar em como *Ithori* tinha me enganado, mas não conseguia tirar isso da minha mente. Quando o conheci, ele era só mais um prisioneiro de um bando de piratas, assim como eu. Ele me ajudou a aprender a viver aqui, e acabou se tornando meu amante. Juntos, conseguimos convencer o capitão deles que era melhor nos colocar para trabalhar que nos vender. E quando eles perderam tudo para Drek, fomos levados juntos. Não éramos mais prisioneiros, e sim parte do bando.

Até que *Ithori* desapareceu no meio de uma invasão que não deu muito certo. Só quando Darius la'Dyraiv me buscou na nave de Drek descobri o que aconteceu de verdade: *Ithori* era um agente do Corpo Militar infiltrado entre os piratas. Tudo o que ele me contou, a pessoa que eu conheci ali... Tudo era uma mentira.

E por causa dele eu estava aqui. Porque ele sabia que eu faria qualquer coisa para acabar com os mercados, depois de quatro anos vendo mulheres sendo vendidas sem poder fazer nada para ajudar.

Bom, eu fiz a minha parte. Roubei as informações que eles precisavam, mesmo que isso fosse me custar o único lugar onde eu me sentia em casa no Acordo. Se Drek descobrir o que fiz... Eu

não posso voltar. Ou seja, hora de descobrir o que vou fazer com minha vida, porque minha única certeza é que não vou voltar para a Terra.

Ou seja: hora de cair fora daqui.

Logo nos meus primeiros dias aqui, eu revirei todos os armários que consegui abrir. Roupas, roupas, mais roupas, praticamente todas masculinas e de materiais muito melhores que os tecidos que vi no meu tempo com os piratas. Mas em um armário em uma salinha perto da cozinha, eu achei uma mochila velha. Ela, pelo menos, é feita de um material que eu conheço, o que me fez pensar que provavelmente foi esquecida por algum empregado ou alguém que veio fazer algum trabalho nessa mansão. Óbvio que eu a peguei e escondi no quarto onde estou.

Tiro a mochila do fundo de um dos guarda-roupas. Ela é cinza escura e está puída e manchada em vários lugares. Nem tentei tirar as manchas, é melhor assim. Deixo a mochila em cima da cama e corro para a cozinha. Sei que estou sob vigilância. Eles provavelmente têm câmeras pela mansão toda, mas a segurança não é tão boa quanto eu esperava. Isso quer dizer que provavelmente tenho alguns minutos.

Abro os armários e encho as mãos com barras nutritivas. Essas coisas conseguem sustentar uma pessoa por um bom tempo e não são tão baratas assim. Ou seja, vou fazer estoque. Volto para o quarto e jogo as barras dentro da mochila antes de abrir outro guarda-roupa. As roupas de quando cheguei aqui estão limpas e dobradas: calça justa preta desbotada, uma camiseta que um dia foi branca ou cinza claro, e um sobretudo azul marinho que vai até a metade das minhas coxas e abotoa até a cintura. Me visto depressa, jogando as roupas novas dentro da mochila também, e saio do quarto de novo.

Preciso de coisas de valor, agora. Alguma coisa que me deixe comprar passagem para fora daqui e que sobre algum dinheiro para eu comprar o que precisar.

Comprar passagem. Rá! Não mesmo.

Pego alguns dos enfeites em forma de gota que estão nos corredores e volto para o quarto. Olhando de perto, não consigo ter certeza se as pedras são preciosas ou não, mas eles são fáceis de carregar. Depois dou um jeito de vendê-los ou trocá-los. Coloco todos na mochila e limpo as paredes do quarto também. Com esforço, consigo fechar a mochila. Não contei quantos enfeites peguei, mas eles estão pesando. Não importa, vou me livrar deles o mais depressa possível.

Coloco a mochila nas costas e olho pela janela do meu quarto. Não sei se esse edifício todo é o complexo Dyraiv, mas estou alto. Muito alto. Respiro fundo, abro a janela e coloco o rosto para fora, olhando para baixo. Sorrio. Amo demais essa arquitetura exibida, cheia de detalhes e arabescos. Isso quer dizer que tenho apoios o suficiente para descer. Isso é, se não cair.

Enfio a mão no bolso interno do sobretudo. Excelente, minhas luvas estão aqui. As calço, mexendo os dedos para ter certeza de que estão firmes. Elas têm os dedos cortados, mas esse tecido é feito justamente para ajudar em escaladas. É pura sorte que elas estejam aqui, mas tentaria descer mesmo sem elas.

Passo uma perna para fora da janela, procurando a primeira reentrância, e então a outra. Me seguro na janela e começo a descer, lentamente. Odeio isso. Escalar é muito mais fácil quando se está subindo: pelo menos dá para ver onde vou colocar as mãos e os pés. Descendo? Tenho que ir Tateando. E não tenho nem coragem de tentar ir mais depressa. Isso aqui é alto demais para eu correr esse risco. É melhor ser capturada do que cair e morrer – se for capturada sempre posso tentar fugir de novo.

Já estou uns tantos metros abaixo da janela quando vejo as luzes se acendendo no complexo.

Respiro fundo. Tive mais tempo que esperava. Agora é torcer para conseguir chegar em algum lugar antes de me verem dependurada na parede.

Escuto o barulho de um propulsor. Merda. Se vierem com alguma nave não vou ter a menor chance. Paro onde estou, me prensando contra a parede, e tento localizar de onde está vindo o barulho. De trás de mim. E de baixo. Confiro se minhas mãos estão firmes e olho para trás.

Sorrio. Não estão pegando naves para vir atrás de mim. Mas uma nave no complexo ao lado está prestes a decolar. Respiro fundo e olho para baixo. Péssima ideia. Péssima mesmo. Não que vá fazer alguma diferença.

Continuo a descer, agora vigiando a nave. Ela está pousada no teto do prédio ao lado, quase como se ele fosse um heliporto. Algumas máquinas estão levando carga para dentro dela, mas não tem ninguém visível. Perfeito.

Agora só preciso conseguir pular.

Respiro fundo. Isso é suicídio. Não, seria suicídio se fosse na Terra. Mas esse planeta tem a gravidade abaixo do que estou acostumada. Isso quer dizer que eu vou cair mais devagar e com menos força. E é melhor saltar do alto e cair alguns metros, do que saltar mais baixo e não conseguir chegar no teto.

Olho para cima. Ninguém está olhando pelas janelas. Ainda. As luzes continuam acesas e consigo ver as silhuetas passando de um lado para o outro. Certo, é tudo ou nada.

Respiro fundo, dobro as pernas e dou impulso, girando no ar. Vejo o teto do prédio se aproximando, e não sei se consegui dar impulso o suficiente, mas o ângulo do salto deve me ajudar...

Solto um grunhido quando bato no chão e rolo para absorver o impacto. Puta que pariu, consegui. Quem diria que minha física enferrujadíssima ia ser útil no espaço. Rio enquanto me levanto, ignorando a dor na minha perna e no meu braço direito. Não quebrei nada, e isso é o que importa.

Vou na direção da nave, andando como se trabalhasse ali e não estivesse fazendo nada demais. Uns anos atrás descobri que isso costuma funcionar tão bem no Acordo quanto na Terra, então vou usar. A única coisa que atrapalha é que estou mancando, mas não acho que isso vai fazer diferença. Continuo vendo só máquinas aqui. O piloto já deve estar dentro da nave, ou então só vai vir quando a carga já estiver toda na nave.

Espero uma das máquinas se afastar e entro no compartimento de carga tranquilamente. Vejo várias caixas empilhadas contra as paredes claras. Perfeito. Me espremo entre duas delas, procurando um lugar para me segurar. Quando a nave decolar descubro como sair daqui e convencer o piloto a me deixar em algum lugar.

TREZE

A sala de controle das defesas da estação não é muito diferente da ponte de comando da nave de Darius. Na verdade, acho que a única diferença é o tamanho. Seis aliens do bando de Drek estão sentados em terminais diferentes, encarando monitores e mexendo em controles. Vejo as informações aparecendo no monitor maior e luzes se acendendo, mudando de cor e apagando, mas não faço a menor ideia do que querem dizer. E não estou nem um pouco feliz por estar em pé esperando não sei nem o quê, mas pelo menos não estou na nave de Darius. E tenho alienígenas gostosos para encarar. Isso definitivamente é um ponto positivo.

— Sistemas ativos, Drek. Ninguém vai se aproximar de nós sem disparar o alarme. — um dos alienígenas falou.

— Sistema de defesa sendo ativado... agora.

— Sistemas de defesa ativos. — outro assente.

— Armas carregadas.

Balanço a cabeça, sem nem tentar acompanhar quem está falando o quê. Oi, estou dentro de um filme de ficção científica. Só espero muito que a gente não seja atacado. Já chega. Mereço um pouco de sossego.

— Isso quer dizer que essa estação se tornou quase uma fortaleza. — Drek fala, perto demais do meu ouvido. — Estações de mineração de nerkarath costumam ter defesas boas o bastante para nenhum pirata se aproximar.

— Então por que ela foi abandonada? — olho de relance para ele. Drek está sorrindo e encarando o monitor, mas está tão perto que se eu der um passo atrás vou encostar nele. E já mencionei que ele é de dar água na boca? Pele verde e garras a parte, ele tem um corpo de atleta. Não é tão musculoso quanto Darius, mas tamanho nem sempre é sinônimo de qualidade, não é mesmo?

— Se alguém sabe, não espalhou a informação.

Assinto, encarando os monitores. Drek está a menos de um passo de distância, tenho certeza que não está falando quase no meu ouvido à toa, e o que eu estou fazendo? Nada. Isso não está certo. Não mesmo.

Drek segura meu braço direito e se aproxima. Sinto seu peitoral contra as minhas costas. Só músculos. Quero.

— Até onde você vai? — ele pergunta em voz baixa, afastando meu cabelo do pescoço com a outra mão. Sinto meu corpo todo arrepiar.

— O quê?

— Eu já entendi o que está acontecendo entre você e la'Dyraiv. E você está tentando provar para ele que ele não é insubstituível. Até onde você vai?

Já falei que amo esse pirata?

— Até onde você me deixar ir.

Ele solta meu braço e coloca a mão na minha barriga, me apertando contra o seu corpo. Músculos, músculos, tanquinho. Por que é que estou perdendo tempo pensando em Darius quando tem um homem desses atrás de mim? Como é aquela música mesmo? Tem quem queira!

— Você está brincando com fogo.

Ele acha que estou brincando? Não mesmo.

— Não estou brincando. Já falei, você é gostoso pra caralho.

Drek ri em voz baixa e sinto sua respiração no meu pescoço.

— Vou te ajudar nisso. Mas não espere demais.

Puxa! Poderíamos nos divertir muito.

Ele aproxima o rosto do meu pescoço. Quase consigo sentir os seus lábios enquanto ele sobe lentamente, antes de chupar o lóbulo da minha orelha. Minhas pernas tremem. Acho que essa brincadeira está um pouco perigosa demais.

— Não pare. — murmuro.

Drek ri de novo e afasta o rosto. Só então me lembro que ainda estamos na sala de controle, com mais seis aliens sentados ao nosso redor. Aparentemente eles estão bem concentrados nos ignorando. Bom, não precisam ignorar. Se uns dois deles resolverem vir se juntar à diversão eu nem vou reclamar, mas entendo que estão trabalhando.

— Você precisa descansar. Já passou por coisa demais hoje.

Suspiro. Preferia que ele continuasse o que estava fazendo.

— Lá vou eu aguentar o Sr. Azul mal-educado. — resmungo.

Drek me solta e me viro para ele. Não sei entender o que está na sua expressão. E, aliás, por que ele está fazendo isso mesmo?

— Obrigada. — falo.

Ele sorri, assentindo.

— Como falei, estou à sua disposição.

Sorrio em resposta, me afastando. Ele não sabe para quem está falando nisso.

— Cuidado, senão vou acabar aceitando.

Drek ri alto enquanto eu saio da sala. Voltar daqui para as naves é tranquilo, e os piratas já conferiram os elevadores. Dois deles estão funcionando, então não preciso descer as escadas. Provavelmente foi assim que Darius chegou no hangar antes de mim, mais cedo.

E falando em Darius... Ele está encostado na parede, não muito longe da porta. Olho para trás. Por que será que tenho a leve impressão de que Drek sabia que ele estava por perto quando me puxou daquele jeito? Será que Darius viu aquilo? Espero que sim. Espero *muito* que sim. No mínimo, ele ouviu meu comentário sobre aceitar a proposta de Drek.

— Estava começando a achar que ia dormir em pé esperando você resolver voltar para a nave. — ele comenta.

É, ele viu. Certeza. Senão não ia começar com as grosserias do nada.

— Ninguém te obrigou a vir atrás de mim.

Passo por Darius e vou direto para o elevador. Sei que ele está vindo atrás de mim, mas não me viro.

— Você é minha responsabilidade. É óbvio que eu viria. — ele entra no elevador atrás de mim e bate no botão indicando hangar com força.

Respiro fundo. Falar ou não falar? Melhor esperar.

Ficamos em silêncio enquanto o elevador desce, sem nenhum ruído. Acompanho os indicadores dos andares, reparando de novo em como o elevador não tem muita coisa de diferente dos elevadores da Terra. Aliás, a maioria das coisas aqui não é tão diferente assim.

Saio assim que a porta se abre e respiro fundo, me virando para encarar Darius.

— Sabe, acho que você deveria parar para pensar em por que está tão irritado assim. Não acho que seja só porque eu passei um tempo na estação com Drek.

Darius fica ainda *mais* impassível. Sorrio e começo a andar depressa na direção da nave. Não vou esperar a resposta. Não mesmo.

Entro na nave e vou direto para o “meu” quarto. É, acho que eu devia estar estranhando mais isso tudo, mas não consigo. Acho que depois de ser abduzida, tentar fugir e ser dopada esgotei minha cota. Estou aqui, paciência, e ponto.

E ainda por cima tenho que aguentar um alien gostoso e bom de cama até demais que tem o pequeno problema de ser um babaca mal-educado. E estar obcecado em me levar de volta para a Terra.

Fecho a porta do quarto e olho ao redor. Darius deixou mais roupas em cima da mesinha. Deve ter um guarda-roupas aqui em algum lugar, mas não quero perguntar onde agora. Pego uma blusa grande que está na pilha e vou para o banheiro. Ela vai servir bem de camisola por enquanto.

Será alguém na tripulação de Drek não tem roupas que vão servir melhor para mim, não? Tenho que lembrar de perguntar para ele amanhã... Quando acordar, aliás. Como é que se contam os dias aqui?

Tomo um banho rápido, visto a blusa/camisola e volto para o quarto. Estou sentada na beirada da cama quando escuto a porta se abrindo. Suspiro. Estava bom demais para ser verdade.

— Eu não sei o que você está tentando fazer, mas não se esqueça que eles são piratas, Tatiana.

Me levanto e me viro para Darius. Não vou ficar sentada com ele parado me encarando. Não mesmo.

— E o que tem isso?

— O que quer que eles façam, é movido por algum interesse financeiro. Se estão se fazendo de seus amigos, é porque existe um bom motivo para isso.

Claro, tem que ter um motivo para uma pessoa ser educada. Reviro os olhos.

— Eu quero dormir. — falo, seca.

— Você não está me ouvindo...

— Ouvi perfeitamente. Agora quero dormir. Me dá licença? — gesticulo na direção da porta.

Darius dá mais um passo para dentro do quarto.

— Se você está achando que vai conseguir sexo com eles, está muito enganada.

— É mesmo? Drek pareceu bem interessado.

— Ele pode parecer interessado o tanto que for, a espécie dele não é compatível com a sua ou a minha.

— E isso quer dizer alguma coisa?

— Quer dizer que as coisas não encaixam.

“As coisas não encaixam”? Sério? Ele realmente falou isso?

— Bom, tem muito mais que dá para fazer sem encaixar nada em lugar nenhum, sabe. Quer que te ensine?

Ele para e me encara, de boca aberta.

— Sério, eu ensino, sem problemas.

Darius abre e fecha a boca, sem falar nada. Levanto as sobrancelhas. Ele fecha a boca e me encara, e vejo aquela expressão impassível começar a desaparecer. Puta merda. Acho que não devia ter provocado.

Mentira, devia sim.

Ela dá mais um passo, mais outro e respira fundo. Engulo em seco quando, de uma hora para a outra, ele parece mudar completamente. Não estou mais encarando o Darius filho da puta babaca. Não sei dizer o que mudou na sua expressão, mas sei que estou vendo o outro lado dele, o lado que me levou para aquela sala e me segurou como se eu importasse.

Dou um passo atrás. Ele continua se aproximando, sem desviar o olhar do meu rosto. Eu quero que ele me beije, me jogue na cama e faça meus músculos virarem gelatina de novo. Não, não quero. Não quero porque depois vou ter que ouvir ele falando que eu não sei o que estou fazendo e que ele não deveria perder tempo comigo. Mas é só sexo. Ele pode falar o que quiser depois que não vou me importar. Eu só estou usando ele. Só isso.

E se eu repetir isso mentalmente o suficiente, talvez acredite e pare de me incomodar com o que ele fala.

Darius para e sorri.

— Acho que preciso te provar que não precisa me ensinar.

Engulo em seco e dou um passo atrás. Minhas costas batem na parede. Eu estava recuando e nem notei.

— Você gostou da parede, não é? — ele estreita os olhos.

— É um ótimo lugar. — dou de ombros e faço um esforço para falar naturalmente. Não acho que consigo. Só tem um jeito de reagir a Darius quando ele fica desse jeito, e minha vontade é falar “vem aqui e me come”.

— Então vou deixar você continuar aí enquanto te provo que não precisa me ensinar que tem muito mais que posso fazer sem encaixar nada em lugar nenhum.

Engulo em seco quando ele se aproxima até que nossos corpos estão quase se tocando. Puta merda, eu acho que criei um monstro com aquele comentário.

Melhor coisa que fiz.

Darius se inclina, respirando fundo. Fico parada onde estou, esperando para ver o que ele vai fazer. Estou com raiva o suficiente para não fazer nada, mas não o suficiente para fazer ele parar. Isso tem cara de que vai ser bom. Muito bom. Não sou louca.

Fecho os olhos quando ele abaixa a cabeça. Sinto sua boca no meu pescoço, me dando um beijo leve, quase comportado, ao mesmo tempo em que ele enfia as duas mãos por dentro da minha camisola. No momento em que eu sinto sua pele contra a minha, sei que não deveria deixar isso acontecer de novo. Mesmo querendo muito. Eu já sei que todo aquele papo sobre ser errado vai acontecer novamente, e isso é motivo mais que suficiente para parar isso. Mas meu corpo sempre fala mais alto. Se tudo der errado, pelo menos aproveitei até o último suspiro.

Darius segura meu pescoço e me faz olhar para ele. Acho que notou que meu pensamento estava longe.

— Tatiana?

Tiro a mão dele do meu pescoço e o empurro para a cama. Ele sorri e entra no jogo. Só acho

que ele não sabe é que quem vai dar as regras agora sou eu. Se ele acha que pode falar as coisas para mim e deixar por isso mesmo, vai aprender agora que posso fazer a mesma coisa.

Assim que ele se senta na cama, ele tenta me puxar. Empurro suas mãos e tiro minha camisola. Darius dá um sorriso safado. Isso poderia até me deixar feliz por saber que ele me quer, mas não é o que acontece. Rastejo para cima dele, sentando no seu colo. Darius segura minha cintura e dessa vez deixo, passando as pernas em volta do seu quadril e nos aproximando o máximo que consigo. Subo minhas mãos por dentro da sua blusa e a puxo para cima. Ele levanta os braços e me ajuda a tirá-la, mas logo volta para a posição original. O encaro e sorrio. Posso ver o desejo nos seus olhos, mas também vejo curiosidade e preocupação. Acho que ele não está acostumado a não ter o controle.

Respiro fundo e inicio meu trabalho. Desço a boca até seu queixo firme. Passo minha língua pelo seu pescoço, sentindo a textura da sua pele. Darius me aperta com mais força, mas não paro. Com as mãos nas suas costas, uso as unhas para provocá-lo ainda mais. Darius treme. Posso sentir sua ereção mesmo através das camadas de tecido.

Ele agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para cima. Ah, quer ter o controle, é? Não dessa vez. Me solto e o empurro de novo. Ele cai deitado na cama e me remexo em cima dele, passando a língua por sua barriga e chupando sua pele. Darius treme e solta um grunhido.

— Tati?

Não respondo, de novo. Chego até sua calça e a abro, puxando a cueca junto quando Darius levanta o corpo da cama. Deixo a calça na altura do seu joelho. Não vou me dar ao trabalho de ir mais longe. Ele tenta se levantar, mas não deixo. Minha vez. Seguro seu pau e o coloco na boca sem a menor cerimônia. Já fiz oral em caras bem-dotados, mas Darius leva isso a um nível diferente. Ele consegue encher minha boca com apenas alguns centímetros.

Seguro a base de seu pau com força, usando minha mão para ir e vir junto com a minha boca. Darius solta algum tipo de rosnado quando chupo com força. *Está vendo? Nem tudo precisa de encaixe, moço.*

Darius inclina o quadril para cima, querendo mais. E por um momento de bondade, eu o levo mais fundo. Isso sim faz ele rosnar de verdade. Sinto seu olhar quase me queimando de tanta intensidade, mas não olho para ele. Ele coloca a mão na minha cabeça, mas eu a tiro com um balançar. Dá pra notar que isso o irrita, mas que se foda sua irritação. Quem sabe depois dessa chupada ele possa melhorar um pouquinho o seu humor.

Darius fica mais duro e pulsante em minhas mãos. Não preciso de muito para deixar ele pronto. Ponto pra mim. Me levanto e sento no seu quadril. Ele está com os olhos semiabertos, as veias de seu pescoço estão bem salientes. Se eu entendesse da anatomia deles, poderia dizer que ele está a ponto de explodir.

E como eu entendo a língua do sexo, tenho certeza que ele está a ponto disso.

Darius abre os olhos e me encara com raiva. Mas quem disse que eu me importo? Abro minhas pernas e me sento em cima de seu pau duro. Eu dei a ele o que ele queria, agora é minha vez de ter um pouco de diversão.

Amarro o meu cabelo em um coque, tirando ele do meu caminho. Darius faz uma careta. Pelo visto não gostou disso. Me importo? Não. E acho que ele já entendeu que, dessa vez, não vai ser como ele quer.

— O que...

Ele para de falar quando eu começo a me esfregar nele. Seus olhos se estreitam quando eu me apoio em seu peito para me equilibrar. Sua pele está tão quente quanto a minha. Quando foi a última vez que dei uns amassos assim?

Cravo as minhas unhas em seu peito e me movo para frente e para trás em cima dele. Fecho os meus olhos sentindo aquela sensação boa começar a aparecer.

— Tati!

Eu não o encaro. Não quero olhar para ele. Estou chateada demais para olhar e excitada demais para parar isso apenas para iniciar minha discussão.

Então, sem nenhum aviso, seus dedos vão para o meu clitóris. Prendo a respiração. Ele começa a esfregar, até eu relaxar as pernas e arquear as costas. Ele fica com os dedos ali enquanto ainda me esfrego no seu pau duro. Todo o meu corpo está tenso, e isso é bom. Essa tensão é boa. É diferente da tensão que estou sentindo o dia inteiro, por causa de tudo que aconteceu. Preciso gozar. Preciso gastar essa tensão de alguma forma.

Darius continua esfregando meu clitóris e eu me esfregando no seu pau, com as duas mãos apoiadas no seu peito. Gemo, arqueando as costas de novo quando ele inclina o quadril e puta merda, não sei o que ele faz com os dedos mas eu gozo. E gozo com força, me apoiando no seu peito e sentindo minhas pernas tremerem. Fecho os olhos e deixo meu corpo se entregar ao êxtase que me atravessa.

Darius me segura pela cintura, e desta vez eu deixo. Ele nos gira na cama e fica em cima de mim.

Ah não. Me remexo embaixo dele. Se ele está achando que vai continuar...

— Tati? — ele aperta minha cintura de leve.

— Acho que deu para ver que não precisa de encaixe, não é?

Me remexo ainda mais, até conseguir sair de debaixo dele. Pego minha camisola no chão e a visto.

— Tatiana. — ele se levanta e vem na minha direção, resmungando quando quase tropeça na sua caça.

Respiro fundo e aponto para a porta.

— Quero dormir.

Darius balança a cabeça lentamente e pisca, como se estivesse acordando, e sua expressão muda completamente. Está vendo só que delícia que é ser dispensado depois do sexo?

— Isso aqui ainda não foi resolvido. — ele fala, soando perfeitamente normal.

— Isso aqui?

— Nós dois. Essas brigas. Você indo atrás de Drek.

Ah, que lindo. Agora ele resolveu que existe um “nós dois”. Será que ele acha que eu não tenho memória?

— Que nós dois? Esse não é meu lugar, se esqueceu? E nem o seu. Não foi isso que falou?

Ele me encara, em silêncio. Deus me ajude, mas quero que ele negue. Quero que ele faça alguma coisa, fale que existe “nós dois” sim, que dê algum motivo para estar com isso na cabeça. Eu deveria estar me afastando o máximo possível de Darius, não transando com ele e criando fantasias na minha cabeça. Não mesmo. Devo estar ficando louca de vez, é a única explicação.

Sem dizer nada, Darius pega suas roupas e sai do quarto.

QUATORZE

Acordo me sentindo mais cansada do que quando fui dormir. É nisso que dá dormir chorando. Puta merda, por que é que eu me importo com o que Darius fala ou faz? Não devia estar nem aí. Mas não, tenho que ficar toda chateada porque ele é um babaca. Não. Já chega. Preciso parar com isso.

Me viro na cama, olhando ao redor. Alguma coisa está em cima da mesinha. Me apoio no braço esquerdo e levanto o corpo. Uma bandeja com um copo de suco azul e um ovo de gema rosa. Darius deixou comida para mim. Suspiro e caio de volta na cama. Não quero nada com ele. Nem mesmo a comida dele.

Viro para o lado e abraço meu Steve de pelúcia. Não entendo por que a atitude dele está me incomodando tanto. Juro que não sei. Nunca fui de me incomodar muito com se o cara é babaca ou não, se quero sexo e o cara é bom de cama, o resto não importa. É só sexo, mais nada. Já cansaram de me falar que não devia agir assim, mas para mim não faz diferença. Do mesmo jeito que os caras estão me usando só para uma transa, eu estou fazendo a mesma coisa.

Então por que é que não consigo ser assim com Darius?

Puxo a coberta e me enrolo nela. O quarto não está exatamente frio, só fresco, mas mesmo assim quero a coberta. Por que é que a fala de Darius ontem me deixou com tanta raiva? Nem eu entendo. Não tenho motivos para esperar nada dele. Quer dizer, acho que tinha, depois de como ele agiu comigo naquela sala. Pelo amor de Deus, ele foi *fofo* e romântico. Acho que foi isso. Eu não estava esperando que ele fosse fazer alguma coisa assim e fiquei puta. Deve ser.

E minha cabeça está voltando a latejar. Porra.

Coloco o travesseiro em cima da minha cabeça. Não que adiante alguma coisa. Quero voltar a dormir, mas já sei que não vou conseguir. Quando minha cabeça começa a latejar assim é porque tem crise de enxaqueca vindo.

Me sento na cama e olho para a bandeja. Não mesmo. Coloco Steve apoiado na cabeceira da cama e vou tomar um banho. A água fria termina de me acordar e não demora muito para eu estar vestida e calçando as botas de solas magnéticas.

Abro a porta do quarto e olho para os lados. Nem sinal de Darius. Perfeito. Saio do quarto e atravesso o corredor depressa. Espero que a porta da nave esteja aberta, não sei se consigo me lembrar da sequência que Darius me ensinou. Sorrio quando vejo a luz clara do hangar entrando na penumbra da nave. Perfeito.

Saio e vou direto para a nave de Drek. Ele me prometeu mais desse remédio para minha enxaqueca e disse que estava à disposição, então vou aproveitar *sim*. Especialmente se a outra opção for aguentar Darius. Além disso, acho que o café da manhã na cafeteria da nave vai ser melhor do que o suco estranho e o ovo rosa.

Um dos piratas está parado ao lado da rampa de desembarque. Ele me encara quando me aproximo, mas não parece surpreso. Estreito os olhos. Não conheci ele ontem, teria me lembrado das tatuagens negras e azuis que cobrem seu braço esquerdo. Legal.

— Tati, certo? — ele pergunta.

— Isso.

— Ckren. — ele inclina a cabeça.

— Se isso for seu nome eu nem vou tentar pronunciar. — comento.

Ele ri, sem nem tentar ser discreto. Definitivamente gosto desses piratas.

— Kren. Acho que assim fica mais fácil para você.

— Muito mais. — sorrio.

Kren gesticula na direção da nave.

— Drek avisou que você provavelmente voltaria. Pela hora, acho que vai querer passar na cantina.

Faço uma careta quando entramos na nave. Não tinha reparado ontem, mas a luz aqui dentro é mais clara. Não exatamente mais forte, mas está fazendo minha cabeça latejar ainda mais e meus olhos lacrimejarem. Puta merda.

— Enfermaria primeiro, por favor.

Ele me encara por um instante antes de virar em um corredor. Sigo o alien, sem nem ver o que está ao nosso redor e com os olhos meio fechados. Não que isso ajude.

— Pensei que fosse voltar dez horas atrás.

Abro os olhos e levanto a cabeça quando escuto a voz do médico. Gheri. Acho que é esse o nome dele. Ele faz um ruído sibilante e então a luz fica mais fraca. Solto um suspiro de alívio. Melhor. Bem melhor. Só então presto atenção no que ele falou. Dez horas atrás. Porque o remédio que ele me deu duraria só algumas horas.

— Acho que o remédio durou mais. — conto, me sentando na maca que ele aponta. — Minha cabeça só começou a doer quando acordei.

Ele para e olha para o outro pirata. O que tem de mais? Se o efeito durou mais, melhor para mim.

— Vou te dar outra dose. Quando sairmos daqui, você precisa ser examinada por alguém que tenha mais conhecimento e equipamento melhor que o meu.

— Isso é obrigatório. — resmungo enquanto ele pega um aplicador e o encosta no meu braço. Tenho que sair daqui e tenho que ser examinada para descobrir o que fizeram comigo. E aí descobrir se posso mesmo voltar para a Terra ou não.

Merda. Eu consegui passar umas tantas horas sem pensar nisso, e a porra da enxaqueca me fez lembrar.

— Prefiro que continue vindo aqui sempre que a dor de cabeça voltar, então não vou deixar nenhum aplicador com você. — Gheri continua. — Quero te monitorar, caso isso seja resultado dos experimentos.

Balanço a cabeça, soltando um suspiro aliviado quando nada dói.

— Já tinha essas crises bem antes de ser abduzida.

— Mesmo assim, prefiro te monitorar.

— Certo.

Ele conseguiu um remédio que acaba com minha dor de cabeça. Vou discutir? Claro que não. O alien assente antes de se virar para Kren, que está parado perto de uma das paredes.

— Ela precisa comer.

Kren assente e eu pulo da maca. Preciso comer mesmo, e gostei do que experimentei na cantina ontem. Melhor que suco azul e ovo rosa.

E eu não vou ficar com a consciência pesada por estar recusando a comida que Darius deixou

para mim. Não tenho que me preocupar com isso. Nem tenho que pensar nele. Não.

Drek e Gamora me encontram algum tempo depois, terminando de tomar meu café da manhã. Essa cantina é melhor que um hotel cinco estrelas e o alien tatuado é divertido. Ele estava me contando casos sobre a terráquea que foi parte da tripulação, Suelen, e das confusões por causa de costumes diferentes.

— Acho que entendi porque tem um rhergari irritado atravessando a estação de ponta a ponta. — Gamora fala, se sentando ao meu lado e esticando as pernas.

Agora traduz, por favor.

— Rhergari irritado?

— La'Dyraiv. — Drek explica, puxando uma cadeira para se sentar. Gamora deve ter colocado os pés em cima da outra cadeira vazia.

— Darius está irritado e atravessando a estação, isso? — qual a dificuldade em falar as coisas direito?

— Na verdade, acho que irritado não é a melhor palavra... — Gamora começa.

— Ele está acessando todos os sensores da estação. Obviamente, está procurando alguma coisa, mas não falou nada com meu pessoal. — Drek interrompe e estreita os olhos. — Ele não faz a menor ideia de onde você está, não é?

— Não. — dou uma mordida em uma fruta magenta. O gosto é estranho, mas não deixa de ser bom.

Os três alien riem e Drek balança a cabeça.

— Eu quase tenho pena dele, mas tenho a impressão de que ele fez por merecer.

— Ahh, garanto que fez.

Ele assente e não fala nada. Sorrio e continuo a comer. Darius está me procurando pela estação. Será que isso quer dizer que ele se importa? Não, sem ilusões. Ele provavelmente só está me procurando porque já se deu ao trabalho de me resgatar e fugir das naves do outro alien que esqueci o nome. Se eu sumir agora vai ser um desperdício de tempo.

Mas mesmo assim não consigo evitar um sorriso.

Drek inclina a cabeça para a direita, olhando para alguma coisa atrás de mim. Olho para trás mas não tem nada além das mesas vazias da cantina. Me viro para ele de novo e abro a boca para perguntar o que é. Kren balança a cabeça.

— Estou a caminho. — Drek fala, de repente.

Hein? De onde veio isso?

— Ele está usando um comunicador. — Kren explica. Nem pergunto como ele adivinhou o que estava passando pela minha cabeça. Dessa vez tenho certeza de que era óbvio.

Drek se levanta e me encara.

— Parece que temos novidades.

Dou mais uma mordida na fruta esquisita e me levanto também, pegando meu prato para deixá-lo na bancada perto da saída. Gamora ri em voz baixa enquanto se levanta e nos acompanha.

Nem me surpreendo quando vamos para a ponte de comando. Drek não me trouxe aqui ontem, e olho ao redor. A sala é circular e mais baixa que o restante do nível. Desço os cinco degraus na minha frente, encarando a plataforma elevada no centro de tudo. Imagino que seja a

cadeira do capitão ali. Tanto as paredes da sala quanto as da plataforma estão cobertas de terminais e monitores, e a parede diretamente à nossa frente é um monitor gigante.

— O sinal acabou de desaparecer, Drek. — um dos aliens fala, sem se virar para nós.

O acompanho até o outro pirata. Ninguém me mandou ficar parada mesmo, então vou aproveitar.

— Conseguiu descobrir o que era? — Drek pergunta.

O pirata que falou faz um gesto estranho antes de se virar para nós. Ah, é um dos que conheci ontem. Rhi, eu acho.

— Parecia ser um localizador, mas o sinal é diferente do que já vi antes. Os dados estão salvos, posso tentar rastreá-lo...

— Não acho que vamos precisar. É melhor esperar um pouco antes de começarmos a rastrear.

Balanço a cabeça, sem entender. Se captaram um sinal estranho que parece um localizador, sendo que ainda tem naves atrás de mim e de Darius, não faz sentido que Drek esteja calmo desse jeito.

— E se... — começo.

— Nós conhecemos os sinais que as naves de Arcen usam, Tati. — ele se vira para mim. — Isso não tem nada a ver com eles. Na verdade, pode até ser que seja um aviso de que podemos sair daqui.

Nossa, ajudou muito. Mas não pergunto nada. Ele não precisava nem me deixar estar aqui e sei bem disso.

Olho ao redor enquanto esperamos. Todos os piratas aqui estão concentrados nos seus terminais, encarando os monitores, mesmo que não estejam fazendo nada além disso. Nenhum deles se virou quando entramos ou parece estar prestando atenção no que estamos fazendo. Para um bando de piratas, não esperava ver essa disciplina toda. Não mesmo.

— Drek, temos uma nave abrindo comunicação. Está longe demais para termos uma identificação, e o sinal não está em uma das frequências comuns. — Rhi fala.

Me viro de volta para eles em tempo de ver Drek assentir.

— Aceite.

O ruído baixo de estática não dura cinco segundos antes de ouvirmos a voz de um homem.

— A estação vai ser atacada. Captamos uma transmissão entre algumas naves de Arcen que ainda não estão sob controle do Acordo e estão se organizando para entrar no território dos piratas. Se preparem.

QUINZE

Eu devia ter voltado para a nave de Darius e me trancado no quarto. Minha cabeça não está doendo, o que quer dizer que eu provavelmente ia conseguir dormir. Aí essa confusão toda ia acontecer sem eu nem ver. Mas não, preferi ficar na nave de Drek. Agora estou aqui sentada na cantina e ouvindo piratas indo de um lado para o outro enquanto se preparam.

Pelo que entendi, o homem que deu o aviso foi Ithori, o agente de Darius que tem alguma coisa com os piratas. Ele não soube dar uma estimativa de quando vamos ser atacados, só que provavelmente ia conseguir chegar aqui antes das naves de Arcen.

Fecho os olhos e abaixo a cabeça. Por que esse povo não me deixa em paz? Não faz sentido continuarem atrás de mim. Se eu era só uma cobaia, já deveriam ter desistido. Mas não, estão vindo para cá. Dentro do território dos piratas. O que quer que eles tenham feito comigo, não foi pouca coisa. Se fosse já teriam deixado para lá.

Respiro fundo. Eu não devia ter saído da cama. Isso. Devia ter ficado lá e tentado dormir mais. Era melhor, porque agora estou pensando *de novo* que não é uma boa ideia eu voltar para a Terra.

Porra, por que é que isso foi acontecer justamente comigo? Não é justo. Não é. No mínimo essa confusão toda podia ter acabado quando Darius me tirou da nave dos outros aliens. Mas não, eles têm que vir atrás de mim. Não bastou atirarem em nós quando ainda estávamos na nave de Darius, agora estão vindo para a estação. Não é justo. Eu só quero sossego, por que é que não me deixam em paz?

Fecho os olhos com mais força. Não vou chorar. Mas não é justo. Eu nunca fiz nada com ninguém. Posso até não levar desaforo para casa, mas nunca fiz nada. Isso não devia estar acontecendo comigo.

— A vida nunca é justa.

Ah, que ótimo, só faltava Darius aparecer aqui. Só isso mesmo. Viro a cabeça para o outro lado. Não quero que ele me veja chorando. Não quero ele aqui, ponto. Achei que estar dentro da nave de Drek ia ser o suficiente para evitá-lo.

Darius se senta ao meu lado e passa um braço ao redor dos meus ombros. Não me mexo.

— A vida nunca é justa. — ele repete, apertando meu ombro. — Ela sempre joga as coisas na nossa frente sem querer saber se merecemos ou se estamos prontos para isso. E você tem todo o direito de chorar por causa disso.

Só faltava isso. Ele resolveu que vai ser fofo de novo. O empurro com o ombro. Ele nem se mexe. Merda. Não quero Darius por perto. Muito menos sendo fofo. Enxugo os olhos com as costas da mão. Não caio mais nessa. Ele vai ser fofo agora e daqui a pouco vai estar falando alguma merda que vai me deixar puta de raiva. O empurro de novo.

Darius suspira.

— Você pode não acreditar, mas sei bem como a vida pode ser injusta. — ele aperta meu ombro de novo. — Como ela pode te pegar de surpresa e te colocar em uma situação que você nunca imaginou ser possível e que não tem volta.

Engulo em seco. É exatamente isso. Tudo o que está acontecendo deveria ser impossível, e não importa o que façam não tem como voltar atrás. Me viro para Darius. Ele está tenso, com o olhar fixo para frente, mas não tem nada ali.

Ele respira fundo e se vira para me encarar. Prendo a respiração por um instante. Não estava esperando por isso. A expressão dele é... É como se ele estivesse vendo um pesadelo. Não faço ideia do que aconteceu, mas pela primeira vez tenho certeza de que a vida deu uma rasteira em Darius também. E uma bem caprichada. Ele respira fundo de novo e aquela expressão desaparece.

— O que aconteceu? — pergunto.

Ele balança a cabeça e aperta meu ombro com um pouco de força demais, antes de relaxar. Dá para ver que ele está se forçando a não pensar em alguma coisa. É só por isso que não insisto quando ele balança a cabeça. Agora estou curiosa, mas não vou perguntar depois de ver sua expressão. Não tenho coragem.

— Se precisa chorar, chore. — ele me encara. — Ninguém aqui vai te julgar.

Balanço a cabeça. Minha vontade de chorar já passou. Nada como ser encontrada pela última pessoa que eu queria ver e ainda por cima ver ele com aquela expressão estranha.

Encaro a mesa, sem me mover. Sei que é melhor me afastar, mas... Não quero. Tem uma coisa boa em Darius me segurando assim, e não quero que ele me solte.

— Você estava aqui esse tempo todo?

Assinto, ainda encarando a mesa.

— Eu estava procurando por você.

— Eu sei.

Darius não fala nada por alguns segundos e então suspira.

— Estava preocupado.

Claro. Óbvio que estava preocupado. Já teve esse trabalho todo, me perder agora seria um desperdício. Não falo nada e ele suspira de novo. Não quero discutir, mas tenho certeza de que é isso que vai acontecer se Darius continuar falando.

— Tati...

Uma sirene interrompe Darius. Quase sorrio, levantando a cabeça. É melhor assim.

— O que é isso? — pergunto.

— O aviso de que o hangar está sendo despressurizado.

Olho para cima. Tá. Acho que isso quer dizer que estão abrindo o hangar. E não tenho ânimo nem para pensar no motivo disso. Alguma nave vai entrar ou sair, tá, foda-se.

— Ithori está chegando. — Darius conta, suspirando de novo. — Ele pediu para nos reunirmos, e o melhor lugar para isso é aqui.

Aqui na nave de Drek. Assinto. Acho que faz sentido, mas não importo.

Darius não fala nada, só continua sentado do meu lado.

Algum tempo depois, a sirene para de tocar. Escuto os passos dos piratas, e pouco depois Drek entra na cantina, acompanhado por Gamora, Rhi e um outro alien que nunca vi antes. Ele é um pouco mais baixo, com um metro e setenta no máximo, e parece humano. Sua pele é um pouco mais escura que a minha e o cabelo preto e raspado dos lados está preso em um rabo de cavalo. Ele está vestido como os piratas, com calças justas enfiadas dentro de botas magnéticas, uma blusa de mangas compridas e um colete, tudo em um tom de cinza escuro, quase preto. Entre Darius e os piratas, ele parece até magrelo, mas consigo ver os músculos definidos, mesmo que ele não seja grande como os outros.

Eles vêm na nossa direção. Quando se aproximam, consigo ver melhor o rosto do novo alien. Ele não é bonito, longe disso. E tem alguma coisa no rosto dele que deixa claro que não é humano. Imagino que seja o tal de Ithori.

O alien encara Darius e assente. Não vejo o que Darius faz, mas dá para notar a irritação de Drek, que puxa uma cadeira e se senta na minha frente.

— Ithori, esta é Tati. — Drek apresenta. — Tati, este é Ithori.

Ele se vira para mim e sorri. Uau. Ele pode não ser exatamente bonito, mas quando sorri assim... Não é bem charme, mas tem alguma coisa nele que chama atenção. E não só a minha atenção, se for levar em conta como Gamora está olhando para ele.

— A terráquea que está deixando os pesquisadores loucos. — ele inclina a cabeça.

Não sei o que responder. Na verdade, sei o que *quero* responder, mas acho que é melhor não falar o que estou pensando agora. Então só sorrio.

— O que sabe sobre isso? — Darius pergunta, seco, e Ithori se vira para ele. Isso, acaba com minha graça.

— Algumas naves escaparam quando o Corpo Militar foi atrás de tudo que pertencia a Arcen. Quase todas foram naves de pesquisa, e algumas delas já foram encontradas. O problema é: as que foram encontradas estavam com o mínimo de tripulação possível e sem nenhum dado nos computadores. Eles estão escondendo alguma coisa. — Ithori contou.

— E as que não foram encontradas?

— Quatro estão convergindo para a estação. Não sei quanto tempo até chegarem aqui, achamos melhor não esperar até Gabi conseguir refinar o que quer que estivesse fazendo. Mas ela conseguiu captar uma comunicação deles coordenando um ataque aqui, para levar a terráquea de volta.

— O que esse povo quer comigo? — resmungo.

Ithori se vira para mim, sério.

— Não faço ideia. Não conseguimos descobrir nada sobre a nave onde você estava, e Gabi tentou roubar os dados deles. Parece que descobriram o que ela estava fazendo e não estão mais mantendo as informações importantes na rede.

Do jeito que ele fala, parece que essa Gabi é uma hacker. A outra terráquea, companheira do irmão de Darius? Acho que me lembro de Drek falando que ela roubou dados sobre o tal de Arcen.

— Se estão vindo para cá, é melhor voltarmos para Nehyna. — Darius fala.

Ithori balança a cabeça.

— Kernos acha melhor ficarmos aqui até terminarem de averiguar as propriedades de Arcen e caçarem as naves que desapareceram. Arcen tem aliados demais, nada garante que não vão atacar dentro do Acordo. Com Drek aqui, esta estação é o lugar mais seguro nesse momento. — ele se vira para Drek. — Os sistemas de comunicação de vocês continuam ligados, não é?

Drek assente.

— Ótimo, vão entrar em contato através de vocês quando for seguro.

— E têm alguma ideia de por que estão atrás de Tatiana? — Darius pergunta.

— Nenhuma. A única informação que conseguimos foi que eles estavam com Tati há pouco mais de dois meses na contagem padrão. — Ithori se vira para mim. — Isso dá em torno de três meses terráqueos.

Engulo em seco e olho para baixo. Três meses. Faz três meses que fui abduzida, e não lembro de quase nada desse tempo. Só dos primeiros dias e de tentar fugir. Não sei se isso é bom ou ruim. Três. Meses. A essa altura já devem achar que estou morta. Fecho os olhos com força. Não quero pensar nisso. Não quero pensar no que aconteceu lá nesse tempo. Meus olhos se enchem de lágrimas. Não vou chorar agora.

— Tatiana. — Darius aperta o meu ombro.

Balanço a cabeça. Não quero falar nada, não quero ouvir nada. Só me deixe em paz. Ele desce a mão pelo meu braço e sobe de novo. Não quero que o toque dele me acalme, também. Faço um movimento brusco com o ombro e ele me solta.

— Vocês... — escuto Ithori começar, mas ele não fala mais nada.

— Dsara, leve ela para uma das salas de entretenimento, sim? — Drek fala.

Me levanto, agradecendo mentalmente, e vou para a porta da cantina sem nem olhar para os lados. Minha cabeça está começando a latejar de novo, eu quero chorar, e... Três meses.

— Tati? Por aqui. — Gamora chama.

Balanço a cabeça. Porra, não devia ter feito isso.

— Para a enfermaria. — murmuro.

Ela para na minha frente por um instante antes de assentir, séria, e começar a andar. A acompanho.

DEZESSEIS

Gheri, o médico, nem comenta nada sobre como o efeito do remédio passou depressa dessa vez. Eu também não pergunto nada. É a primeira vez que alguma coisa dá um jeito na minha enxaqueca, não quero perguntar e ouvir ele falar que estou criando resistência ou coisa do tipo. Pelo menos ele ainda funciona. Solto um suspiro aliviado quando a dor passa.

Olho ao redor. Tenho certeza de que Drek, Darius e Ithori estão planejando o que fazer quando atacarem a estação. Não tenho motivo nenhum para voltar para lá. E quero ficar sozinha. Três meses. Respiro fundo. Três meses com os aliens fazendo o que queriam comigo, com todo mundo achando que eu estou morta, provavelmente.

Preciso sair daqui.

Me levanto e saio da enfermaria. Não tem ninguém me esperando, e isso é ótimo. Acho que consigo achar a saída sozinha. E aí vou voltar para a nave de Darius, para o meu quarto, minha cama, e meu Steve.

Passo por alguns dos piratas, mas ninguém me para. Na verdade, um deles me indica o corredor certo quando quase viro para o lado errado. Nunca falei que tinha o melhor senso de direção do mundo. Saio da nave de Drek e vou para a de Darius. A porta se abre quando estou me aproximando, e não olho para trás para ver se Darius está ali. Acho que estou progredindo.

Entro no quarto e fecho a porta. Só tiro as botas e caio na cama, puxando meu Steve de pelúcia. Três meses. Eu estou pirando de novo, eu sei, mas não dá para evitar. Esse tempo todo...

Três meses nem é tanto tempo assim. Se nada disso tivesse acontecido eu mal ia ter notado o tempo passando. Ia continuar trabalhando, saindo com as amigas, curtindo a preguiça e brigando com a enxaqueca. Nada além do normal. Mas agora, pensando que tiraram tempo de mim... É muita coisa. A gente nunca para pra pensar na vida da gente, não é? Sempre achamos que isso sempre vai estar ali. É rotina, é normal. Até que não está mais. E eu perdi três meses. E provavelmente perdi qualquer chance de voltar para a Terra.

Enfio o rosto no boneco, chorando em silêncio. Tenho certeza de que Darius ainda não pensou nisso. Mas os aliens ficaram comigo por três meses, e agora estão fazendo tanta questão de me achar e me levar de volta... É óbvio que fizeram alguma coisa comigo e não foi qualquer coisa. Se fosse, já teriam desistido. Se ainda estão tentando me prender de novo é porque não podem me perder. Quem garante que vão conseguir desfazer o que quer que fizeram comigo? Quem garante que eu não vou passar mal de repente por causa de alguma coisa que fizeram?

Então... Três meses desde que me abduziram... E provavelmente o resto da minha vida sem voltar para a Terra.

Aperto Steve e continuo chorando.

Não sei quanto tempo passou quando escuto a porta se abrindo. Deve ter um jeito de trancar ela e nem mesmo Darius poder entrar. Preciso aprender a fazer isso.

— Vai embora.

— Vou ser rápido. Vamos enviar seus dados para os nossos contatos na Terra começarem a cuidar de tudo sobre o seu desaparecimento. — ele fala.

— Isso quer dizer que vão oficializar tudo sobre eu estar morta? É a explicação mais fácil para eu não voltar mais.

Darius solta um suspiro alto. Continuo com a cara enfiada no Steve. Quero ficar sozinha, será que não deu pra entender ainda?

— Isso quer dizer que vão criar uma história plausível para o seu desaparecimento e alterar as memórias de pessoas chaves. Assim quando voltar não vai ter problemas.

Solto uma risada que mais parece um soluço. Ele realmente não tira da cabeça que eu vou voltar para a Terra. Mas nem eu acredito mais nisso.

— O que quer? Identidade e CPF?

— Seu nome e cidade. Já é o suficiente para nossos contatos localizarem o restante das informações.

— Tatiana Oliveira, Manaus. Agora vai embora.

Escuto a porta se fechando. Quando ele não fala mais nada, olho ao redor. Ótimo, ele foi embora mesmo. E eu não devia nem pensar que teria sido bom se ele tivesse ficado aqui e me abraçado que nem antes, quando percebi que não estava sonhando. Não. Distância. Quero ele longe de mim.

Acordo me sentindo mais leve. Acho que chorei tudo que tinha para chorar, e devo ter dormido bastante. E ou não atacaram a estação ainda, ou atacaram enquanto eu estava dormindo e não ouvi nada, porque tudo está silencioso. Não que dê para ouvir muita coisa *dentro* da nave de Darius.

Me levanto, vou no banheiro, jogo uma água no rosto e encaro meu reflexo no espelho. Ainda estou mais magra que o meu normal, mas não estou mais tão pálida. Pelo menos isso. Suspiro e volto para o quarto. Não posso ficar aqui eternamente, e estou com fome. Calço minhas botas e saio.

De novo, nem sinal de Darius em lugar nenhum. Ótimo. Saio da nave dele e vou para a dos piratas. Dessa vez não tem ninguém na rampa de desembarque, e entro olhando para os lados. Para onde? Meu estômago ronca. Tá, cantina, entendi. Ao menos eu sei chegar lá.

Não vejo nenhum pirata pelos corredores. Estranho. E estou ouvindo barulho vindo de algum lugar, mas não dá para entender o que é. Espero que não sejam mais problemas. Já deu.

A cantina está completamente deserta quando eu entro. Olho para o buffet. Vazio. Muito estranho. Drek me falou que sempre tem comida aqui. Então o que aconteceu?

— Procurando alguém?

Olho para a direita. Uma das piratas está saindo de uma porta. Vi ela na ponte de comando, mais cedo, mas não me lembro se Drek falou seu nome.

— Procurando comida, na verdade.

Ela sorri e aponta para cima.

— Estão fazendo uma festa no salão. A comida está lá.

Então é isso o barulho.

— Como chego lá?

— Estou subindo. Venha comigo.

Saímos da cantina e viramos em um corredor que acho que não tinha visto antes. A mulher para na frente de uma reentrância na parede e vejo uma escada subindo. Ótimo, mais escadas.

— São só dois níveis. — ela fala e começa a subir.

Paramos em um corredor idêntico ao outro. O barulho está muito mais alto agora. É aquela

mistura de música alta com muitas pessoas conversando e alguns gritos ritmados. Definitivamente uma festa. A música é diferente, instrumental, com uma batida definitivamente alien e uns sons que não faço ideia do que podem ser. Mas é animada, e isso é o que importa. Isso e a comida, na verdade.

Entramos no salão. Olho ao redor. Ele parece ser no mínimo do tamanho da cantina, se não for maior. Tem piratas espalhados para todo lado, uns tantos dançando no espaço vazio no centro do cômodo, outros nos sofás, uns tantos em pequenos grupos ao perto das paredes. Um desses grupos está gritando encorajamentos. Dou dois passos para o lado para tentar ver o que é que está acontecendo. Alguém está jogando dardos, ou pelo menos alguma coisa parecida com isso.

A mulher que subiu comigo põe uma mão no meu ombro e me vira até que estou encarando uma mesa comprida.

— Comida. — ela fala.

Quando me viro para agradecer, outro pirata já a puxou e eles estão indo para a pista de dança improvisada. Sorrio e balanço a cabeça, relaxando. É uma festa. Só isso. E uma festa cheia de caras gostosos, se eu não prestar atenção na pele verde e no cabelo azul. Vou é aproveitar. Mas, primeiro, comida.

Encho um prato e procuro um sofá vazio. Tem um não muito longe da mesa, e isso é uma surpresa. Mas acho que eu sou a única pessoa aqui que está mais interessada na comida. Começo a comer depressa, olhando ao redor de forma distraída. Isso é tão normal que chega a ser esquisito.

Levanto a cabeça quando alguém coloca um copo com uma bebida verde na minha frente. Drek se senta ao meu lado, segurando um copo com uma bebida vermelha.

— Evite as bebidas vermelhas. Fora isso, tudo é compatível com seu organismo. — ele se inclina para trás no sofá e apoia os braços no encosto.

O encaro por um instante antes de pegar o copo e provar a bebida. É doce e não vou nem tentar definir o gosto disso. E com certeza é alcoólica. Amo.

— Obrigada.

Drek assente e não fala nada enquanto termino de comer.

— Qual o motivo da festa? — pergunto assim que termino e deixo o prato na mesinha.

— Um dos nossos, que pensamos que estava morto, voltou. — ele dá de ombros. — É óbvio que vamos comemorar.

Um deles... Ithori?

— Mas Ithori não foi infiltrado?

— Sim, mas enquanto estive conosco ele agiu como um de nós, e guardou nossos segredos mesmo depois que voltou para o Corpo Militar. Então vamos continuar agindo como se ele fosse um de nós. — Drek sorri, mostrando os dentes afiados. — Além disso, ter um contato dentro do Corpo Militar pode ser útil.

Bom, se ele está dizendo...

— E quanto a você e la'Dyraiv? — ele pergunta.

Viro a bebida quase toda em um gole. Opa, essa coisa é forte.

— O que tem eu e Darius?

Drek ri.

— Como andam as coisas depois que ele me viu te abraçando?

O encaro, de boca aberta.

— Você sabia que ele estava vendo e ouvindo a gente.

— Claro. — ele dá de ombros. — Está óbvio que tem alguma coisa entre vocês dois e que por algum motivo estão tentando negar isso. Pelo que já notei sobre você, não acho que negaria nada, então a culpa é dele. Não custava nada dar um empurrãozinho.

Viro o resto da bebida. Foda-se, é forte e quero mais.

— Eu estou negando. Quero distância de Darius. Ele é um idiota. Estou numa festa cheia de homens gostosos, devia estar era aproveitando, não pensando nele.

Ele ri de novo e passa um braço ao redor dos meus ombros. Nem estranho quando sinto suas garras no meu braço e ele me puxa para perto. Drek é uma delícia e um amorzinho. Por que é que não posso estar com essa tara louca por ele em vez de por Darius? Nem me incomodo se "as coisas não encaixarem". Sempre dá pra dar um jeitinho.

— Você já conseguiu se virar até aqui. Vai resolver isso também. — Drek fala.

Claro que vou resolver isso. Vou chutar Darius pra puta que pariu e pegar algum dos aliens gostosos que estão aqui. Facinho.

Argh.

Drek me solta e se levanta, apontando para outra mesa perto da parede.

— As bebidas estão ali. Não se esqueça, nada vermelho.

Encaro suas costas enquanto ele se afasta. Gostoso demais. Sério, por que é que estou com Darius na cabeça sendo que podia estar pegando Drek? Não acho que ele ia recusar. Caralho.

Me levanto e vou pegar mais bebida. Vim parar num open bar e open food alienígena, óbvio que vou aproveitar.

Estou me afastando da mesa, com um copo da bebida verde na mão, quando alguém segura meu braço. Olho para a mão azul e então para Darius. Ele me solta.

— O que foi?

Ele suspira e fecha os olhos por um instante, antes de me encarar.

— Eu sei que fui um idiota. Não pensei antes de falar.

Espera, ele está se desculpando, é isso? Eu ouvi bem? Tomo um gole da bebida e cruzo os braços.

— Não pensei antes de fazer muitas coisas, na verdade. Eu quero você, e isso é... Inesperado. Eu devia ter pensado antes de agir e falar, e não descontado a minha confusão em você.

Levanto as sobrancelhas. Eu sou a pessoa que foi abduzida e usada como cobaia por três meses, e ele que está confuso e descontando nos outros. Certinho. Tomo mais um gole de bebida.

— Eu sei que não é justo com você. Nada disso foi justo com você, e ao invés de ajudar eu só piorei a situação.

Que bom que você sabe.

— Só... Podemos tentar de novo?

Respiro fundo e sustendo seu olhar. Ele parece ser sincero, mas o que é que eu sei sobre aliens? Nada, a não ser o fato de que aparentemente tenho uma coisa por esse alienígena em específico.

Não vou transar com Darius. Não vou. Não mesmo. Tenho princípios. Não muitos, mas tenho. Ele

pode até ter pedido desculpas, mas não. Agora não. O encaro. Ele está sério, sem desviar o olhar de mim. Mas não é a expressão séria de quando ele começa a ser babaca.

Suspiro. Eu estou ficando louca. Não tem outra explicação.

— Eu ainda estou com raiva de você. — falo.

Darius sorri. Ah, foda-se. Um beijo não vai fazer mal nenhum.

DEZESSETE

Me viro na cama e abraço meu Capitão de pelúcia. Não quero levantar agora. Está bom demais aqui debaixo das cobertas e todos os músculos das minhas pernas estão doendo.

Já faz quase um mês que estamos na estação. A essa altura, tudo já virou rotina. Darius, Ithori e eu dormimos na nave de Darius. Comemos na nave de Drek (a cantina é muito melhor que o que ele tem aqui) e passamos o dia entre a nave e a estação. Os piratas estão consertando umas tantas coisas nela, e pelo que entendi querem começar a usá-la como um tipo de base. Eu acabo passando mais tempo nas salas de entretenimento, tanto da nave quanto da estação, isso quando Gamora não me arrasta para fazer algum exercício. Diz ela que preciso recuperar a massa muscular que perdi enquanto estava dopada. Mas o mais importante é: aprendi a mexer nos computadores e terminais deles, e tem alguns filmes interessantes aqui. Posso ter feito um pouco de bagunça e estragado uma das unidades de entretenimento, mas o importante é que aprendi. Estou tendo meu merecido descanso.

Depois da festa de boas-vindas para Ithori, Darius andou se comportando. Tenho minhas suspeitas de que isso tem a ver com como Drek continua me tratando – os abraços e brincadeiras –, mas ele jura que não tem ciúmes. Aham, tá, eu finjo que acredito. Isso quer dizer que estou vendo demais o lado fofo dele. Esses dias acordei e dei de cara com uma caixa de chocolate. Não faço ideia de onde ele conseguiu arrumar isso, mas Gamora contou que ouviu Darius perguntando a Ithori o que me dar. Ele não precisava ter feito o esforço de ir atrás de chocolate, mas se a intenção dele era me deixar de bom humor, conseguiu. Aquela noite foi excelente. Eu tinha que recompensar ele, não é, e já que não tinha como comprar nada...

Fecho as pernas com força. Se controle, Tati.

Suspiro e me viro para o outro lado na cama. A cada dia que passa, eu realmente penso mais e mais que Darius foi feito sob medida para mim. Mesmo que estejamos presos dentro de uma estação espacial, ele não está grudado em mim. Em vez disso, ele começou a deixar surpresas para mim nas salas onde costumo ficar. Um chocolate, uma garrafinha do suco roxo que eu adoro, algumas flores que até hoje não descobri de onde vieram... Já estou ficando mal acostumada. E ele pode até ter ciúmes, mas não fala nada quando eu fico encarando ou faço algum comentário sobre os homens gostosos que estão na estação. Ponto para ele, definitivamente, porque só estou falando, não fiz nada. Nem pretendo.

E isso é estranho. Normalmente, se eu estivesse com um cara e não fosse nada sério, eu não teria o menor problema em ir atrás de outros caras. Ainda mais levando em conta o festival de homens gostosos que é essa estação. Mesmo se eu tivesse algum problema com as “coisas que não se encaixam” dos piratas, ainda tem Ithori, que pode não ser tão musculoso, mas mesmo assim é uma delícia e vive fazendo brincadeiras comigo. Mas não, só quero saber do meu alien azul.

Meu.

É, tem alguma coisa muito errada aqui.

Tá, admito que tenho uma quedinha por ele desde o dia que o efeito do que os aliens me deram passou, quando ele me carregou para o quarto e prometeu que tudo ia ficar bem. E essa quedinha foi virando um tombo com o passar dos dias. Todas as vezes que precisei, ele estava ali. As vezes que estava pirando de novo. Quando descobri o tempo que fazia desde que fui abduzida. Os dias que acordei, olhei ao redor e não quis sair da cama porque tudo era demais, e

não no bom sentido. Ele sempre estava aqui. Darius foi um babaca, mas nas horas que contam ele não me deixou na mão. Não que isso compense os momentos idiota de marca maior antes da festa.

E é justamente por isso que estou tentando não deixar esse “tombo” por ele virar mais nada. Ele não fez mais nenhum comentário babaca, mas não tocamos no assunto voltar para a Terra. Não duvido nada que assim que eu falar qualquer coisa nesse sentido o babaca vai voltar com toda força. E eu não vou tolerar mais nenhum comentário que nem o que ele fez naquele dia. Pode me chamar de covarde, mas prefiro deixar as coisas como estão.

Rolo na cama de novo antes de me levantar e ir para o banheiro. Já deve ser o meio da “manhã” na contagem de tempo que estamos usando, com dias de vinte e oito horas. Por mais que eu ame minha cama, depois de um mês dentro da estação já estou agoniada e querendo sair, então vou dar uma volta e ver se acho alguém à toa com alguma ideia para passar o tempo.

Tomo um banho rápido, penteio meu cabelo e me visto. Não vejo nem sinal de Darius quando saio do quarto, mas isso é normal. Ele e Ithori costumam sair cedo e ir para a sala de controle da estação monitorar as defesas. As naves que Ithori falou que estavam vindo ainda não apareceram, mas eles têm certeza de que vão dar as caras mais cedo ou mais tarde.

Já estou quase na porta da nave – escotilha, como os piratas vivem me corrigindo – quando noto uma luz diferente dentro da ponte de comando. Sempre tem algo ligado lá dentro e pelo menos um gráfico no monitor gigante, mas essa luz ciano eu nunca vi antes. Enfio a cara para dentro da sala. Não preciso procurar muito: o radar está brilhando na tela enorme, bem na minha frente. Conto dois, quatro, seis pontinhos se aproximando da parte central.

Putaquepariu, pra quê eu fui lembrar das naves que não tinham aparecido?

Corro para a nave de Drek. Um mês entrando e saindo dela me deixaram mais que acostumada com os corredores, e vou direto para a ponte de comando. Alguém já deve ter visto isso, já devem estar se preparando. E é mais fácil descobrir o que está acontecendo se perguntar para quem está responsável pelo sistema de comunicação.

Só não saio derrapando pelos corredores por causa das botas magnéticas. Os poucos piratas que estão no caminho não me param. Deveria ter mais gente nos corredores, se vamos ser atacados. Quer dizer, eu acho.

Paro na entrada da ponte e me seguro na porta. Tudo calmo. Algumas cabeças se viram na minha direção. Como eles podem estar nessa tranquilidade toda? Oi, estamos no espaço e vamos ser atacados. Se eles abrirem um rombo no casco dessa estação, sabe o que vai acontecer? Pois é, todo mundo morto em segundos.

Merda. Me lembro de alguém comentando que os radares da nave de Darius são melhores que os outros.

Um dos que se viraram para mim foi Rhi, que está no terminal de comunicação. Ótimo. Tento respirar fundo, mas não adianta muito.

— Seis naves. — aviso. — Seis naves se aproximando. Avise Darius.

— Nada nos sensores. — escuto uma mulher avisar. Provavelmente está em um dos terminais atrás da plataforma do capitão.

— Os sensores dos rhergari e do Corpo Militar são melhores que os nossos. — Rhi responde, já mexendo nos controles do seu terminal. — Localizem la'Dyraiv e Drek. Temos seis naves se aproximando.

Solto um suspiro de alívio quando vejo a luz do terminal de comunicação piscar quase no

mesmo instante.

— Não temos nada nos sensores aqui. — Darius responde.

— Tati viu nos sensores da sua nave. — Rhi me encara e eu assinto.

Me apoio na parede. Aviso dado. Posso desmontar agora? Faz muitos anos que não corro assim.

— Peça para ela subir. — Drek fala. — La'Dyraiv está descendo. Soe o alarme, quero todos em posição.

Assinto assim que Rhi se vira para mim e saio da ponte. Poucos segundos depois escuto uma sirene estranha, de um tom grave e oco. Quase sorrio. Os piratas de Drek podem ser loucos e gostar de uma boa festa regada a muita bebida, mas estão preparados. E eu...

Tudo que é bom dura pouco, não é isso? Paro e volto um corredor, indo para a enfermaria. Minha cabeça está começando a doer e não faço ideia do que vai acontecer. Melhor pegar o remédio de uma vez. Ou pegar uma caixa. Sabe-se lá o que vai acontecer agora.

Respiro fundo e faço um esforço para *não pensar* que vamos ser atacados a qualquer instante.

Assim que Gheri aplica o remédio, saio da nave quase correndo. Darius já tinha me falado que quando fôssemos atacados era para eu subir para a sala de controle. De acordo com ele, é o ponto mais seguro: os hangares normalmente são os primeiros alvos, porque é mais fácil conseguir uma abertura neles do que no restante do casco da estação. Isso sem mencionar que atacar os hangares é uma forma de destruir qualquer chance de fuga. Melhor ficar em uma das áreas mais reforçadas da estação., mesmo que sem nave. Se fosse o caso, poderíamos ficar ali por alguns dias e torcer para o irmão de Darius mandar reforços.

A sala de controle está uma loucura quando chego. Drek está soltando ordem atrás de ordem enquanto os piratas correm de um lado para o outro e mexem nos terminais. Me espremo contra a parede perto da porta, para não ficar no caminho. Um olhar confirma que Darius não está mais aqui. Deve ter descido para a nave no outro elevador.

— Confirmado, naves se aproximando. — escuto um dos piratas falar. — Duas acabaram de ser captadas nos sensores da nossa nave e Darius está vendo mais quatro.

Seis naves. Exatamente o que eu vi.

Nunca quis tanto estar errada na minha vida.

Engulo em seco quando me viro e vejo a imagem e os dados de uma das naves em um monitor. Ela parece com a nave gigante que estava atrás de nós antes de chegarmos na estação. Me aperto ainda mais contra a parede. Seis naves como essa, contra uma estação espacial abandonada...

Putá merda. A gente vai morrer aqui.

— Tati?

Balanço a cabeça, tentando me concentrar. Drek está me chamando, e acho que não é a primeira vez.

— La'Dyraiv pediu para você não sair dessa sala. — ele me olha da cabeça até os pés. Engulo em seco de novo. — Tente não prestar atenção nos monitores, vai ser melhor.

Eu sabia que não devia ter saído da cama. Sabia.

Respiro fundo de novo e tento acompanhar o que estão falando. Falar para eu não prestar atenção nos monitores é a mesma coisa que falar para alguém não olhar para baixo: é óbvio que

é a primeira coisa que eu faço. E dou de cara com as imagens de naves ainda maiores. Puta que pariu.

— Confirmado, seis naves de classe militar. — escuto a voz de Darius.

Classe militar. Isso eu sei o que é. É que nem a nave gigante que estava vindo atrás de nós mesmo. A para onde queriam me levar. Seis como ela. Engulo em seco e aperto meus braços. Não quero morrer aqui. Não quero.

A conversa dos piratas vira uma massa de som. Consigo entender uma ou outra frase, mas não sei se é porque estão falando alguma língua que meu tradutor não entende ou porque estou em pânico.

— Calculando estimativa de poder de fogo.

— Tempo para estarmos em alcance, vinte e três minutos.

— Como conseguiram esconder esses monstros por tanto tempo?

Darius. Darius está lá embaixo, no hangar. Que vai ser o primeiro alvo.

— Evacuem todas as áreas externas. Repito, evacuem todas as áreas externas, incluindo os hangares.

— Quero todo o pessoal com conhecimento de engenharia perto dos geradores.

Solto uma risada, sem nem preocupar se ela soa um tanto quanto histérica. Mas... Piratas que sabem engenharia. Que mundo é esse?

— Todo o restante do pessoal sem posto definido: para as armas. Agora! Isto não é um treinamento.

Me encolho entre a parede e um terminal quando três piratas saem correndo, Kren entre eles. Nem tinha visto que ele estava aqui.

O chão treme. Cambaleio e consigo me segurar no batente da porta, ao mesmo tempo em que percebo um ruído estranho. É quase como o barulho de água fervendo, mas seco e distante, e vem crescendo, se aproximando e virando um rugido, tão alto que quero tampar os ouvidos mas não posso soltar a parede.

Luzes ciano começam a piscar.

— Acertaram o hangar!

DEZOITO

— Comportas inferiores fechadas.

Me endireito e olho ao redor, tentando entender o que está acontecendo. Não tinham falado que as naves iam demorar uns vinte minutos para poderem nos atacar? Como assim, acertaram o hangar?

E Darius está lá!

— Foi um caça, Drek.

Me viro para o pirata que está falando, sem ter certeza do que estou ouvindo.

— Um caça não tem poder de fogo para isso. — Drek se aproxima do homem que falou, se segurando no encosto da cadeira.

— Ele não atirou. Ele explodiu contra a entrada no hangar.

Não entendo a resposta de Drek e nem preciso. Puta que pariu.

Ele se vira para mim.

— Tati, se sente em uma das cadeiras vazias e coloque as proteções. — ele aponta para uma cadeira na frente de um terminal desligado e me dá as costas. — Vhora, quero saber se perdemos alguém na explosão ou quando as comportas se fecharam.

Eu não quero morrer aqui eu não quero morrer aqui eu não quero morrer aqui eu não quero morrer aqui.

E eu não quero que Darius tenha morrido aqui.

Corro para a cadeira e coloco o cinto de segurança ou seja lá como isso se chama. As quatro faixas de um material resistente se fecham na altura da minha barriga, prendendo meus ombros e meu torso. Não vou sair voando se acertarem a estação de novo.

Se? Estamos na porra de uma estação espacial enorme. Não tem como errarem.

E Darius estava no hangar. Não quero nem pensar que ele não tenha conseguido sair a tempo. Não quero. Puta que pariu, por que ele tinha que descer para conferir o radar? Íamos ser atacados e ele volta justamente pro lugar que ia ser o primeiro alvo. Puta merda, por quê?

Quero fazer alguma coisa. Não, quero sumir daqui. Isso. Só isso. Não quero ver o que está acontecendo. Fecho os olhos com força. Não vou chorar. Não vou chorar, não vou perguntar nada, não vou comentar nada. Isso não vai ajudar. E eu não quero morrer aqui.

— Quatro dos nossos não estão respondendo. — uma mulher fala. — Não consigo dados conclusivos, eles podem estar simplesmente sem comunicação.

— La'Dyraiv?

Me endireito na cadeira, fazendo um esforço para não perder nenhuma palavra.

— Nem sinal dele.

Nem sinal. Engulo em seco. Não quero morrer aqui, nem quero que Darius morra. Não. Eu quero tempo para tentar entender porque ele age como um babaca quando falo de voltar para a Terra, porque está sendo tão fofo comigo e...

E eu jurei que não ia deixar esse “tombo” por ele virar mais nada. Olha só como estou agora.

— Onde estão os escudos da estação? — Drek continua, andando de um terminal para o outro. — Precisamos deles ativos!

— Ithori está a caminho...

— Por que diabos *Ithori* foi ativar os escudos?

— Porque ele tem os códigos do Corpo Militar, consegue acessar mais funções que nós.

— Não interessa, só quero esse escudo ativo ou vamos ser um alvo fácil.

Paro de prestar atenção no que estão falando e só encaro os monitores que estão mais perto de mim. Um deles tem uma contagem regressiva, marcando o tempo até estarmos no alcance das naves. A contagem marca seis minutos e alguns segundos. Seis minutos até começarem a nos atacar para valer.

Fecho os olhos e respiro fundo. Não acredito que isso esteja acontecendo. Não tem como acreditar. Eu sou só uma pessoa. Tá, eles ficaram três meses comigo, mas *nada* que fizeram pode ser tão importante assim. Estão atacando uma estação no território dos piratas... Isso é praticamente uma garantia de que vão ter perdas. O que quer que tenham feito comigo, eu não posso valer mais que uma nave dessas, então por que não me deixam em paz?

Me seguro na cadeira quando a estação treme de novo. Desta vez não tem nenhum barulho, pelo menos. Abro os olhos e encaro o monitor com a contagem regressiva. Como assim já se passaram os seis minutos?

— Defletores no gerador auxiliar!

— Preciso do gerador principal agora! — Drek praticamente grita.

E eu preciso fazer alguma coisa. Qualquer coisa. Se ficar parada aqui só sentindo as explosões e ouvindo as ordens de Drek e os comentários dos piratas vou ficar louca.

Mexo na cadeira até achar a alavanca que a destrava e me deixa girá-la. Me viro para Drek. Ele está de costas para mim, se segurando no encosto de outra cadeira enquanto se inclina para um dos monitores. A estação treme de novo, e dessa vez escuto um barulho, mas nada como a primeira explosão. Drek só afasta os pés e continua onde está.

— Onde estão os engenheiros?

Respiro fundo. O que quer que esteja acontecendo, não é bom. Não é nada bom, pelo tom de voz de Drek. E eu não sou louca de interromper.

— Não temos... Não. Chame Ithori. Agora!

Drek se vira para mim, sem soltar a cadeira. Engulo em seco. Estamos fodidos. Muito fodidos. Só assim para ele estar tão tenso.

Eu não quero morrer aqui.

— Se você está pensando que quer fazer alguma coisa, não podia ter escolhido hora melhor.

E se ele está me oferecendo alguma coisa para fazer é porque não tem outra opção. Puta que pariu.

— Continuem tentando! — Drek fala, antes de atravessar a sala depressa.

Ele se segura no encosto da minha cadeira, puxa a alavanca e me gira de volta para o terminal desligado. As telas se acendem com um toque dele e ele carrega um diagrama da estação: um cilindro meio disforme com vários níveis girando em direções intercaladas. Vários lugares estão com marcas vermelhas, especialmente nos níveis mais baixos, que são mais largos.

— Esses são os pontos onde nos acertaram. Os níveis exteriores são mais vulneráveis, porque quando o casco é rompido em uma parte, não importa as medidas de segurança que forem usadas, a área ao seu redor fica mais fraca. — ele fala depressa, apontando. — Essa mancha maior é o hangar principal, onde nossas naves estão. O casco foi rompido aqui, bem na abertura

normal dele.

Até aqui, tudo bem, mas eu tenho a leve impressão que não vai demorar muito para eu não estar entendendo nada que ele está falando.

— Versão resumida. — peço.

Drek se vira para mim e então de volta para o diagrama, apontando para uma linha do lado de fora do contorno da estação.

— Isso é um escudo defletor. Ele deveria ser capaz de absorver os tiros dessas naves, mas está funcionando a um quinto da potência normal. Preciso que ele volte a funcionar normalmente. O gerador principal foi bloqueado e só pode ser destravado de forma manual. Preciso de pelo menos duas pessoas para fazer isso.

Mudei de ideia. Não quero fazer nada. Especialmente se isso quer dizer sair daqui.

— Mas você não tinha colocado gente perto dos geradores?

— Dos geradores auxiliares. — ele balança a cabeça.

A estação treme de novo, quase como se estivesse concordando comigo. Vejo um ponto laranja aparecer no diagrama, pouco acima do hangar. Eles estão atirando, e Drek quer que eu saia daqui?

— Os geradores ficam na coluna central da estação. Ithori sabe o que é preciso fazer, ele vai te explicar os detalhes.

Espera. Ele quer que eu vá com Ithori até o centro da estação para ligar manualmente os geradores que dão energia para o escudo? De verdade? Eu *quebro* coisas assim, não as conserto. Ele devia saber disso, levando em conta que consegui estragar uma unidade de entretenimento na nave dele. E eu provavelmente sou a única pessoa aqui que não tem a *menor* ideia de como mexer em um gerador desses, então...

— Por que eu?

— Drek!

Ele se vira para o pirata que chamou. A estação treme de novo e desta vez eu escuto o barulho da explosão. Uma seção do diagrama começa a piscar em vermelho.

— Evacuem o segundo anel! — Drek se vira para mim de novo. — Versão resumida?

Assinto.

— A gravidade é mais forte na coluna central. Sua espécie tolera mais gravidade que a minha. Você e Ithori não vão ter problemas... Provavelmente. Qualquer um dos meus provavelmente não vai conseguir respirar se passar um minuto lá.

— E continuamos sem sinal de Darius, então você é a melhor opção.

Nos viramos para a porta. Ithori está parado ali, se segurando na barra do lado de fora da sala.

Só então presto atenção no que ele falou. Sem sinal de Darius. Ele ainda está em algum lugar lá embaixo. Me recuso a pensar que ele pode ter morrido na primeira explosão. Mas isso quer dizer que ele está lá embaixo, e se continuarem atirando assim não vai ter um “lá embaixo” por muito tempo.

Caralho, eu estou ficando louca. Não tem outra explicação. Não tem mesmo.

Mas... Darius entrou sozinho em uma nave inimiga para me resgatar, e isso sem nem me conhecer.

Respiro fundo.

— O que eu tenho que fazer?

DEZENOVE

Eu não acredito que concordei em fazer isso. Não acredito mesmo. Me abraço na barra de metal na minha frente quando a estação treme de novo, mais forte que antes. O barulho da explosão é ensurdecedor, e parece que não veio de muito longe. Aperto a perna contra o “degrau” onde estou apoiada enquanto tudo treme. Não quero morrer aqui, não quero morrer aqui.

Alguna coisa cai, batendo nas paredes da coluna e fazendo um ruído metálico. Me aperto ainda mais contra a barra de metal, torcendo para o que quer que seja não me acertar.

Ei. Será que isso *podia* estar solto?

— Tati? — a voz de Ithori ecoa dentro do espaço apertado.

— Não fui eu!

Ele fala alguma coisa, mas não consigo entender. Dou de ombros e espero. Só tenho que puxar uma alavanca nesse nível, e ele vai me avisar quando for a hora. Enquanto isso, só preciso me segurar. E torcer para nada cair em mim. E para a estação não explodir.

Olho ao redor. A coluna central da estação é exatamente isso: um cilindro que a atravessa de ponta a ponta. Os geradores principais estão aqui, e tenho certeza que mais algumas coisas. Cada nível tem um passadiço que leva da porta até os terminais dos geradores. A coluna onde estão os terminais é cercada por uma grade larga. Não sei para quê ela é, exatamente, mas está sendo excelente para eu me segurar. A primeira coisa que fiz foi passar a perna por uma das barras.

Pelo que entendi, a gravidade da estação é gerada por rotação. Por isso os níveis da estação ficam girando lentamente. Não faço ideia de como isso funciona, mas já que estão falando, que seja. Essa coluna central é o que interliga tudo.

Tento respirar fundo mas paro. Até respirar é difícil aqui. Eu não parei para pensar no que Drek queria dizer quando falou que a gravidade aqui era mais forte, mas agora entendi bem demais. É como se eu estivesse pesando o triplo. Atravessar o passadiço até aqui, com a estação tremendo, não foi nada legal. Se não fosse Gamora me arrastando para fazer exercícios, não sei se ia conseguir aguentar isso.

Aliás, não tenho certeza de que é uma boa ideia ficar muito tempo aqui. Acho que li em algum lugar que o corpo humano não consegue suportar uma gravidade maior depois de um certo tempo... Mas é claro que não lembro nem o tempo nem a gravidade.

— Vai demorar? — grito para Ithori, que está dois níveis abaixo mexendo em alguma coisa.

— Não!

Ótimo.

A estação treme de novo e escuto o barulho da explosão. Puta merda, parece que acharam um ponto fraco ou coisa assim. *Anda depressa, Ithori, não quero morrer aqui!*

Por que é que saí da sala de controle mesmo? Ah é, porque eu queria fazer alguma coisa em vez de ficar parada vendo a confusão toda, porque ninguém mais ia conseguir entrar aqui sem morrer e porque Darius está em algum lugar lá embaixo e ele não vai morrer antes de eu entender que porra é essa entre a gente.

— Vai!

Puxo a alavanca e encaro a tela. A barra que aparece ali sobe, azul, e fica cada vez mais

clara. Nada bom. E tenho certeza de que não puxei nada errado: lthori veio comigo até aqui para apontar exatamente o que eu preciso fazer.

Um aviso começa a piscar. Preciso de um segundo para entender as letras: sobrecarga.

— lthori!

Escuto ele xingando lá embaixo. Não preciso entender o que ele está falando para reconhecer o tom.

A estação treme de novo e escuto outra coisa vir caindo. Olho para cima a tempo de ver fagulhas num terminal mais no alto.

Eu não quero morrer aqui eu não quero morrer aqui eu não quero morrer aqui eu não quero morrer aqui.

— Aperta o botão amarelo! — lthori grita.

Encaro o terminal de novo. Puta merda, o que é que eu estou fazendo aqui?

Botão amarelo, botão amarelo, botão amarelo... Achei!

Aperto o botão. Na tela, a barra fica ainda mais clara, quase branca... E então desce e escurece. Solto um suspiro aliviado.

— Quase pronto!

Apoio a testa em uma das barras de metal. Deu certo. Está dando certo. Vamos conseguir consertar isso.

Escuto um ruído que parece um zumbido. Uma das luzes do painel acende, pisca algumas vezes, e então fica firme.

— Tudo pronto! Vai!

Me solto da grade e me viro para o passadiço. Pelo menos esse treco tem corrimão. A porta na outra ponta está fechada, por medida de segurança, mas pelo menos sei que ela abre fácil pelo lado de dentro. Se pudesse, ia correr até a outra ponta, mas não consigo. Andar depressa já estava complicado quando chegamos aqui, depois de um tempo parada me sentindo três vezes mais pesadas, sem chance. Vou andando normalmente.

Pelo menos a estação parou de tremer. Ei. Isso quer dizer que o gerador está funcionando. Sorrio enquanto atravesso o passadiço. Agora só tenho que sair daqui, voltar para a sala de controle e desmontar na cadeira.

O piso é feito de alguma coisa de metal, que faz barulho enquanto ando, me segurando no corrimão. lthori falou que ia esperar eu atravessar, por via das dúvidas, antes de ir, então deve estar parado me vigiando. Acho que essa gravidade não faz muita diferença para ele, seja lá o que ele for.

Paro na frente da porta e aperto o botão para ela se abrir. Solto um suspiro aliviado quando o ar mais quente da estação bate no meu rosto, antes mesmo da porta terminar de se abrir.

E dou de cara com quatro armas apontadas para mim.

Caralho. Caralho, fodeu.

— Não se mova.

Não sou louca. Fico parada. Tem seis aliens do outro lado da porta, todos eles usando aquela roupa protetora escura e capacetes. Dois deles são pouco mais altos que eu, e os outros são mais baixos. Não que faça diferença reparar nisso.

Eu não quero morrer aqui.

— Venha conosco e ninguém se fere.

Ninguém? Aham, claro, eu acredito.

Um dos aliens se aproxima da lateral do passadiço e aponta a arma para baixo. Merda. Eles sabem que lthori está aqui.

— Você tem duas opções, terráquea. Venha conosco sem resistir ou seja levada à força. — o que está falando aperta alguma coisa na sua arma e escuto um zumbido baixo.

Não tenho como fugir. Só tem a coluna dos geradores atrás de mim e o espaço vazio entre os passadiços dos níveis.

— Vai! — lthori grita.

Ele está me mandando ir com os aliens? Sério mesmo? Engulo em seco, encarando as armas apontadas para mim. Não quero morrer aqui. Mas não quero voltar para a mesa de experiências também não.

Gelo. Não que eu vá ter alguma chance de escolher. Eles não vão me matar. Não depois de fazer isso tudo para me conseguir de volta. Provavelmente vão me dopar aqui mesmo para garantir que eu não dê problemas. Não é justo.

Por que é que as coisas não podem ser simples?

As palavras parecem estar presas na minha garganta. Engulo em seco de novo antes de conseguir falar.

— Vou com vocês.

Eu não quero. Não quero. Se não posso voltar para casa, quero ao menos ter sossego. Não vou voltar para a mesa de experiência. Não vou. Prefiro morrer.

Tem que ter algum jeito de escapar. Tem que ter. Só porque estava começando a me acostumar aqui... Sinto meus olhos enchendo de água. Mas não posso chorar agora. O que eu mais quero é me enrolar em um canto, esquecer do mundo e chorar até não conseguir mais. Mas preciso tentar achar um jeito de escapar.

Os aliens me cercam, sempre apontando as armas. O que estava falando, um dos altos, vai na frente. Como é que eles entraram aqui? Quero perguntar, mas tenho medo de me doparam se eu fizer qualquer coisa, então fico calada.

Andamos por alguns minutos pelos corredores desertos, até que paramos na frente de uma das comportas. O alien que está na frente abre o painel ao lado dela e mexe nos comandos. A comporta se abre, mostrando uma sala minúscula e outra comporta do outro lado.

Engulo em seco. Sei o que é isso. É um dos selos de setores. Darius me explicou sobre isso: cada nível da estação é dividido em vários setores, com salas assim entre eles, por medida de segurança. No caso de um rombo no casco, as comportas se fecham imediatamente ao redor da área e o setor é evacuado. Se alguém precisar entrar no setor, tem que passar por uma sala dessas. As duas comportas nunca ficam abertas ao mesmo tempo, o que não deixa a atmosfera da estação escapar para o setor que está no vácuo.

O alien entra na sala, pega alguma coisa e sai de novo.

— Vista isso.

Olho para o bolo de tecido que ele me entregou. É outra roupa de proteção. Puta merda. Agora entendi como eles entraram na estação. Explodiram um pedaço do casco. Eles *sabiam* que íamos ter que consertar o gerador. E agora eles vão sair pelo mesmo rombo por onde entraram. A nave provavelmente está esperando, e como já estava dentro dos escudos quando consertamos o

gerador...

Eu estou fodida. Não tem como eu escapar disso aqui. Posso tentar sair correndo, mas eles provavelmente só vão atirar em mim e não acho que vai ser um tiro para matar. Eles vão me apagar e me levar para a nave deles por bem ou por mal.

Começo a vestir a roupa, esperando algum milagre. Ithori viu o que estava acontecendo, mas não acho que ele teve tempo para nos alcançar, levando em conta que estava dois níveis abaixo. E que eu me lembre nenhum dos piratas estava por perto dessa área.

Porra, vida, custava não me foder ao menos uma vez?

Fecho os olhos e paro, com uma perna enfiada dentro da calça dessa roupa. Não quero acabar assim. Não quero voltar para a mesa de experiências. Não é justo. Não é.

Um dos aliens baixinhos se aproxima e levanta sua arma. Escuto aquele zumbido de novo.

Não tenho opção.

Respiro fundo e continuo a me vestir.

Se abaixe.

Engulo em seco e olho ao redor. Três dos aliens continuam me encarando, apontando suas armas, enquanto os outros três vigiam o espaço ao nosso redor. O baixinho que está mais perto gesticula com a arma e eu aperto a calça na minha cintura. Mas então por que eu tenho quase certeza de que ouvi a voz de Darius?

Me abaixo para pegar a jaqueta dessa coisa.

No chão, agora!

Caio no chão. Posso estar ficando doida, mas...

Vejo o alien que está mais próximo dar um passo na minha direção e então parar. A qualquer momento agora vão atirar em mim, porque eu estou alucinando.

A cabeça do alien cai, ainda dentro do capacete, que quica no chão. Encaro a mancha de sangue azul. Como...? Fecho os olhos. Não quero ver isso. Escuto o barulho do corpo dele caindo também. Puta merda. Puta merda.

Mas se alguma coisa está matando os aliens pode ser que eu consiga fugir. Abro os olhos de novo e engulo em seco quando vejo a cabeça de outro alien cair. Menos dois. Escuto o zumbido das armas. Os outros estão atirando, e pelo visto não é na minha direção.

O que tenho a perder?

Rastejo para a frente. Não vou me levantar no meio dessa porra toda. Faço um esforço para ignorar o sangue dos dois aliens. Esbarro no corpo de um deles. Eca. Ahh, puta que pariu.

Me levanto e corro para o corredor da direita. Acho que vi outro corredor cortando ele, se chegar lá não vão conseguir atirar em mim. E foda-se se sou um alvo fácil. Não vou ficar parada esperando me levarem.

Alguém grita atrás de mim. Continuo correndo e não olho para trás. Não vou ser retardada. Não vou... O corredor! Me viro nele e paro. Tento ouvir se alguém está vindo atrás de mim, mas tem um zumbido no meu ouvido, meu coração está disparado, e não consigo ouvir nada.

Não que fosse adiantar ouvir, não consigo correr muito mais que isso.

Me apoio na parede e escorrego para o chão. Não me achem aqui, por favor. Só dessa vez, vida, não me fode. Abaixo a cabeça e respiro fundo. Aos poucos, o zumbido vai passando. Em vez disso minha cabeça começa a doer. Puta que pariu. Respiro fundo de novo e escuto passos.

Me afasto da entrada do outro corredor, tentando me levantar. Se os aliens estiverem voltando atrás de mim, eu...

Darius para na entrada do corredor.

Darius.

Puta merda, ele conseguiu escapar. Ele está aqui. Deve ter sido ele quem atirou nos aliens.

Corro para ele sem nem lembrar que estava exausta um segundo atrás. Darius me segura pela cintura quando pulo nele e passo os braços ao redor do seu pescoço. Estou rindo feito uma retardada, mas nem me importo.

Nos encaramos por um instante. Não sei quem se move primeiro, mas então estamos nos beijando. Ele enfia a mão no meu cabelo e segura minha nuca com força, enquanto eu passo as pernas ao redor da sua cintura. Todo o meu corpo arrepia quando sinto seus lábios se movendo

contra os meus, sua língua me explorando. É um beijo desesperado, frenético, e eu me aperto ainda mais contra o corpo de dele. Quero bem mais que só um beijo agora. Bem mais. Minhas costas batem na parede. Isso. Perfeito. Parede. Meu corpo já está sensível só de lembrar o que aconteceu da outra vez que ele me empurrou contra a parede assim. Desço as mãos pelos braços de Darius, sentindo seus músculos se contraindo. Ele aperta minha nuca, me fazendo gemer, e sobe a mão que está na minha cintura até que está passando os dedos pela curva dos meus seios. Enfio as mãos por baixo da sua jaqueta e me aperto ainda mais contra o seu corpo. Sinto sua ereção. Quero. Quero ele agora, aqui, contra a parede, depressa e com força.

Paro para respirar e abro os olhos. Darius está me encarando com uma coisa nova no olhar, e isso só me deixa ainda mais excitada. Puta merda, esse homem me deixa louca. Passo as unhas pelo seu abdome, sentindo os músculos saltarem. Ele inclina o quadril, apertando seu pau duro contra o meu corpo. Gemo e puxo sua jaqueta. Hora de tirar essa roupa.

Escuto alguma coisa caindo no chão não muito longe de onde estamos. Darius para e volta a segurar minha cintura. Passo os braços ao redor do seu tronco e enfio as unhas das suas costas. Não é hora de parar. Ele balança a cabeça e segura meu braço direito. Resmungando, tiro as mãos de debaixo da sua jaqueta.

Só então penso no que estamos fazendo. Estou que nem personagem clichê de romance que esquece que está no meio de uma situação de vida ou morte e para pra agarrar o mocinho gostoso. Uma amiga minha sempre reclama quando pega algum livro que tem isso. De acordo com ela, os personagens não sabem o que é prioridade. Foda-se. Se me encontrar com ela de novo com certeza posso falar que sabem qual é a prioridade sim. E agora a prioridade definitivamente é agarrar meu alien gostoso.

Darius ri, me encarando. Ele também está ofegante, e consigo sentir seu coração disparado. Bom saber que pelo menos não sou a única.

— Ithori? Tudo certo? — ele se vira para o corredor.

— Já localizaram o transporte que eles usaram e o destruíram. Drek está mandando pessoal para conferir se tem mais alguém escondido no setor lacrado.

Olho para o lado, esperando ver Ithori ali, mas nem sinal dele.

— Ótimo. — Darius responde, sem me soltar.

E eu também não quero soltá-lo. Isso *definitivamente* não é normal. Não mesmo. Mas depois da explosão no hangar, de ficar sem saber se ele estava vivo ou não, de quase ser levada pelos aliens... Não quero soltá-lo. Não mesmo. Aliás, quero é saber por que ele parou.

— É seguro ir aí? — Ithori pergunta.

Oi? Os aliens estavam lá para fora, não? Por que ele está perguntando se é seguro?

Darius faz um ruído que parece quase um rosnado e me beija de novo. Isso. Enfio as unhas nas suas costas e me aperto contra o seu corpo, mas ele afasta nossos rostos depressa, balançando a cabeça.

Porra, Darius, prioridades.

— Estamos vestidos. — ele fala.

Ah, seguro nesse sentido. Sorrio.

— Que pena. — Ithori para na entrada do corredor.

Rio. Não é a primeira vez que ele faz algum comentário desse tipo, e pelo visto Darius não se incomoda. Ei. Será que ele é gay? Ou bi, levando em conta que ele faz esses comentários para

mim e para Darius? Ou será que é só brincadeira mesmo? Isso me dá ideias. Ótimas ideias.

Darius sorri e me solta. Escorrego pelo seu corpo, sentindo sua ereção, até colocar os pés no chão. Ele estreita os olhos. Sim, fiz de propósito. Não era hora de parar.

Ele balança a cabeça e segura minha mão. Encaro Darius, surpresa. A gente pode estar se pegando desde o primeiro dia, e todo mundo está cansado de saber disso, mas ele nunca faz isso. Não estou reclamando, não sou muito de sair pra todo lado de mãos dadas, mas...

Quando olho para frente, Ithori está encarando nossas mãos. Acho que ele também sabe que Darius não costuma agir assim.

— Os defletores devem ser o suficiente para conter os ataques por algum tempo. — Ithori fala. — Mas temos que pensar no que fazer a longo prazo.

Darius assente e me puxa na direção do outro corredor. Droga. Acabou o momento mesmo. Argh.

Começamos a andar na direção oposta à da comporta, mesmo que o caminho mais rápido de volta para a sala de controle seja passando por aquele corredor... Mas eu não quero ver o que sobrou dos aliens.

— Não precisamos nos preocupar com isso. Só precisamos de dois dias, no máximo. — Darius avisa.

Ithori e eu paramos e nos viramos para ele. Darius sorri.

— Tive tempo o suficiente para mandar uma mensagem para Kernos, antes de evacuarmos o hangar.

Ithori sorri e volta a andar. Ótimo. Lindo. Não me explique, claro.

— E isso quer dizer...? — resmungo.

— Quer dizer que em dois dias vamos sair daqui.

Explicou muito. Odeio quando ele faz isso. Qual a dificuldade de explicar as coisas direito? Balanço a cabeça e volto a andar.

Dou dois passos antes de ver que Darius está parado no mesmo lugar. Como ele ainda está segurando a minha mão, paro. Ele me puxa de volta.

— Essas naves são da frota de Arcen, que agora é ou propriedade do Corpo Militar, ou da companheira do meu irmão. Elas deveriam ter sido recolhidas na época em que te resgatei. Ao invés disso elas escaparam. Kernos já enviou um destacamento para emboscar as naves aqui, e ele e Gabi estão vindo nos buscar. Só precisamos esperar.

Assinto e sorrio. Vamos sair daqui. Isso quer dizer que vão parar de vir atrás de mim e que vão poder me examinar e tentar descobrir o que fizeram comigo.

E que vamos voltar ao assunto de “voltar ou não para a Terra”.

Meu sorriso morre e solto um suspiro resignado. Posso começar a me preparar para a volta do Darius babaca.

Minha enxaqueca volta de uma vez só. Porra! Travo os dentes enquanto atravessamos a estação e não falo nada.

Quando chegamos na sala de controle, tudo está tão calmo que nem parece que pouco tempo atrás estávamos sendo atacados. Olho para um dos monitores. Na verdade, ainda estamos, mas acho o escudo defletor está absorvendo o impacto. Não consigo deixar de sorrir. *Eu fiz isso funcionar.* Quer dizer, ajudei. Mas deu pra entender a ideia.

— Quanto tempo temos? — Darius pergunta.

Drek se vira para nós, ainda sério, mas bem mais calmo que antes.

— Aproximadamente quatro dias até conseguirem enfraquecer o escudo, se o gerador não falhar de novo.

— Não vai. — Ithori passa por nós e vai para um dos terminais. — Eles usaram um código antigo para desativar o gerador principal. Eu mudei os códigos de acesso.

Ah, então era isso que ele estava fazendo.

E puta merda, por que essa luz tem que ser tão forte? Estreito os olhos, mas não adianta, minha cabeça continua estourando de dor.

— Drek, sobrou alguma coisa da enfermaria? — pergunto.

Ele me encara por um instante e se vira para um dos piratas.

— Localize Gheri. A essa altura ele está organizando uma enfermaria provisória com o equipamento que tirou da nave.

Esperamos, e não demora muito para o pirata assentir, encarando o monitor.

— Nível oito. Ele está mandando alguém encontrar vocês perto das escadas.

Assinto. Pelo menos ainda tenho o remédio para minha enxaqueca.

— Obrigada.

Drek se vira para Darius.

— Eu assumo esse turno.

Darius assente, e saímos da sala. Não falo nada enquanto descemos as escadas, saindo dois níveis abaixo de onde estávamos. Os elevadores estão desativados por causa dos rombos no casco, então vamos ter que usar a escada por um bom tempo. Pelo menos eu já me acostumei a subir e descer por aqui.

VINTE E UM

Demora quase uma hora até Gheri nos liberar e Darius me levar para um alojamento. Pelo visto eles tinham levado a ameaça de um ataque mais a sério do que pensei, porque a maior parte do equipamento da enfermaria estava na estação e parte dos alojamentos já estava preparado. No fim das contas, não perdemos muito do que estava nas naves.

Mas demoramos por dois motivos. Primeiro, o médico dos piratas insistiu em me examinar, para ter certeza de que o tempo que passei em gravidade superior ao que estava acostumada não me afetou, antes de aplicar o remédio. Depois, ele fez questão de examinar Darius, que tinha vários cortes e hematomas pelo corpo. Ele tinha escapado da explosão, mas por muito pouco. Era pura sorte que não tivesse quebrado nenhum osso. Sorte e sua resistência natural. Gheri falou alguma coisa sobre “densidade óssea de alguém nascido e criado em alta gravidade”.

E mesmo depois de escapar por pouco de uma explosão, ele foi atrás de mim. Posso derreter?

— Não tivemos tempo de preparar quartos para todo mundo, então vamos ter que dividir. Espero que não se incomode. — Darius fala.

Me viro para ele e levanto as sobrancelhas. Claro, vou achar horrível dividir o quarto – e a cama – com um alien gostoso. Ele nem está me comendo quase toda noite, olha só.

Darius ri e digita um código simples no painel ao lado da porta, esperando para ter certeza de que estou vendo. Assinto. Esse mês aqui andou ajudando minha memória: com tantas portas para abrir com códigos de acesso, sou obrigada a me lembrar deles. E o da porta é bem básico, não vou me esquecer. Espero.

Entro no quarto. Ele é bem menor que o meu quarto na nave, com uma cama larga contra a parede direita e um armário de tamanho médio na parede esquerda, ao lado de uma porta. Olho para a cama e paro. Meu boneco. Meu Steve de pelúcia. Ele estava na nave, no hangar.

Meus olhos enchem de água. Eu sei que é estúpido, mas não consigo evitar. Ele era a única coisa que eu tinha da Terra, da minha vida antes dessa loucura toda. É como se ele ter ficado para trás, no hangar que explodiu, seja um sinal de que minha vida antiga explodiu de vez e não tenho a menor chance de salvar nada. Estou só tentando correr da explosão, sem muito sucesso.

— Procurando por isso?

Me viro para Darius. Ele está segurando o Steve. Uma das portas do armário está aberta, mas não faz sentido. Eu estava abraçada com o Capitão de manhã, antes de ver as naves no radar. Darius não teve como trazer ele para cá antes...

Porra, ele se lembrou de pegar o meu boneco quando Drek deu a ordem para evacuar. Com as naves atacando a gente. Mesmo assim, ele lembrou do meu boneco. Gente. Puta merda, as coisas que esse homem faz...

— Não vai fazer nada?

Pulo em Darius, indo direto para sua boca. Eu não acredito que ele fez isso. Não acredito. Mas o boneco está aqui, apertado contra as minhas costas enquanto Darius me segura. Me afasto e o encaro. Ele está sorrindo, satisfeito. Dou outro beijo nele antes de me lembrar dos cortes e hematomas. Eu não devia estar pulando nele assim.

Darius não deixa eu me afastar. Em vez disso, ele me entrega o boneco e me puxa para um abraço. Passos os braços ao redor da sua cintura. Ele me aperta e apoia a cabeça no meu ombro. Não falamos nada, e Darius só continua me apertando.

— Eu preciso te levar de volta para a Terra logo. — ele murmura.

Estava demorando. Suspiro e o solto, mas Darius parece nem notar.

— Você está correndo perigo demais aqui... — ele continua. — Pensei que não ia conseguir chegar a tempo. Pensei que eles iam conseguir te levar.

E eu pensei que ele estava morto ou preso perto do hangar. Engulo em seco e passo os braços ao redor da sua cintura de novo. Não vou discutir dessa vez. Eu entendo porque ele está falando isso. Tremo quando penso em como me senti quando ouvi os piratas gritarem que o hangar tinha sido atacado. Não quero me sentir assim de novo. Nunca mais. Não mesmo.

Não sei quanto tempo ficamos assim. Só agora o que aconteceu está fazendo sentido na minha cabeça, e quero desabar. Fomos atacados. Darius quase morreu, eu quase fui levada de novo. Isso não é minha vida. Não pode ser. Eu *leio* histórias assim, só. Sou preguiçosa demais para fazer mais que isso. E agora...

Darius levanta a cabeça e me encara. Não falo nada, e ele passa os dedos pelo meu rosto, fazendo uma linha perto da minha orelha esquerda.

— Você precisa de um banho. — ele fala e me puxa para a outra porta.

Não falo nada. Nem tinha me lembrado disso, mas minha roupa está manchada de sangue azul e poeira. E meus braços também. Darius está todo coberto de poeira e vejo uma mancha mais escura na sua roupa. Não parece ser azul, como o sangue dos aliens que tentaram me levar, mas não sei se é sangue dele ou de algum dos piratas.

O banheiro também é pequeno: uma pia com um armário, o vaso sanitário de frente para ela e um espaço para o chuveiro, separado do restante do cômodo por um campo de força como o da nave de Darius.

Darius se abaixa para tirar suas botas e então liga o chuveiro, sem se importar com o restante das roupas. Não que as nossas roupas tenham salvação depois disso tudo. Tiro as botas também e entro debaixo do jato de água.

Nem me surpreendo quando ele puxa minha blusa e a joga para o lado de fora. Me viro para Darius, que me encara, concentrado. Todo o meu corpo arrepia com o olhar dele e abro a boca para soltar um comentário sobre o que podemos aproveitar para fazer. Mudo de ideia quando seu olhar encontra o meu. Ele estava preocupado mesmo... E com medo. Consigo ver seu alívio por eu não estar ferida. Engulo em seco. Por que ele se importa tanto assim?

Deixo ele tirar minha calça e me encarar do mesmo jeito. Viro de costas, sorrindo, e ele bufa. Mesmo assim, sinto seu olhar correndo pelo meu corpo todo. Estou bem, foi só um susto.

E eu sei que ele está preocupado e tudo mais, mas ele me encarando assim só me faz pensar uma coisa.

— Por que é que nunca transamos no banheiro? — pergunto e me viro para ele.

Darius ri quando puxo sua blusa, mas ele ainda está tenso. Encaro as marcas mais escuras no seu peito, quase se misturando com as linhas pretas. Parece que ele foi jogado contra alguma coisa. Não uma parede, aí teria um hematoma gigante só, mas alguma superfície irregular. Vejo dois cortes, quase que só arranhões, mas sei que suas costas estão cheias de cortes mais fundos, alguns o suficiente para o médico ter precisado fechar usando a versão alienígena de pontos.

Ele tira a calça e eu encaro. Suas pernas estão ainda *mais* marcadas que o peito. Engulo em seco. Não entendo como ele não quebrou nada. Darius *com certeza* foi arremessado pela explosão.

— Eu sou de um planeta de gravidade alta. Meus ossos são mais densos que o da maioria das espécies do Acordo.

Isso explica o que Gheri falou quando o examinou.

E não é nada bom pensar que se não fosse por isso ele estaria de cama agora... Isso se tivesse conseguido escapar.

É, eu entendo exatamente por que ele está me encarando desse jeito.

Sem dizer nada, Darius me empurra de volta para debaixo da água. O encaro, e ele pega o sabonete líquido, que é o mesmo da sua nave. Devem ter trazido para cá antes de tudo, também. Passo as mãos pelo meu corpo, tirando o grosso da sujeira, e faço o mesmo com o meu cabelo. Estico as mãos para Darius, querendo o sabonete, mas ele balança a cabeça.

E por algum motivo isso me faz lembrar de outra coisa.

— Eu ouvi sua voz. Lá em cima, logo antes de começarem a atirar... Eu ouvi sua voz na minha cabeça. Você está lendo minha mente... E consegue me fazer te ouvir. Como? E nem tente negar. — completo quando vejo sua expressão se fechar.

Darius sustenta meu olhar por um instante e então suspira. Espero, enquanto ele coloca o pote do sabonete de volta no seu lugar e me encara. Ah, certo, entendi. Saio de debaixo da água e ele começa a ensaboar meus braços.

— Darius... — insisto quando ele não responde.

— Você já sabe. — ele suspira de novo, massageando meus braços. — Estamos ligados. Só... Não me peça para explicar isso agora.

Não é a resposta toda, mas já é alguma coisa. Tento segurar um gemido quando suas mãos vão para a minha barriga e sobem. O toque de Darius nos meus seios é rápido, só o suficiente para espalhar o sabonete, mas mesmo assim eu arrepio toda. Ele não respondeu minha primeira pergunta, aliás.

Ele me vira de costas e continua a me ensaboar/massagear.

— Darius...

— Me deixe terminar.

Okay. Eu deixo. Claro que deixo. Porque não é, não sou eu quem vai interromper o homem gostoso que está passando as mãos pelo meu corpo todo. Não mesmo. Continue. Continue desse jeito. E pode demorar um pouco quando chegar no meio das minhas pernas. Sabe como é. Nem estou derretendo aqui. Imagina.

Apoio as mãos na parede quando Darius massageia minha bunda. Mas ele também não demora ali, e desce as mãos pelas minhas pernas, me ensaboando e massageando, até chegar nos meus pés. Preciso respirar fundo três vezes para conseguir me endireitar quando ele termina.

Volto para debaixo do jato de água e enxáguo o sabonete. Darius ainda está me encarando, e quase que ainda posso sentir as mãos dele em mim. Esse homem ainda vai acabar comigo.

E aliás, acho que é minha vez.

Sorrio e pego o pote de sabonete. Viro uma boa quantidade nas mãos e gesticulo para Darius virar de costas. Ele levanta uma sobrancelha, mas obedece. Ótimo.

Engulo em seco quando vejo todos os cortes nas suas costas. Lentamente, começo a ensaboá-lo, tomando cuidado com os ferimentos. Os músculos das suas costas se contraem e paro, sem ter certeza de se é porque o estou machucando ou...

— Por que parou?

Sorrio. Agora ele está falando quase como eu.

— Só admirando a paisagem.

Tenho certeza de que ele está sorrindo, também, quando continuo. As costas dele merecem ser exploradas, sério. Mas não é hora. Vou fazer como ele e tentar não exagerar. O que não me impede de apertar sua bunda. Viro mais sabonete nas mãos e começo a ensaboar seus braços. Nham, músculos. Todo meu. Sério, Darius é meu sonho de consumo feito de carne e osso. Nem se eu tivesse encomendado sairia alguém tão perfeito assim.

— Vira. — peço.

Ele obedece e me encara. Darius ainda está tenso, mas agora não é só aquela tensão por causa do que aconteceu. Olho para baixo e sorrio. Dessa tensão eu gosto bastante. Ele ri em voz baixa.

— Sabia que você não ia se comportar.

— Qual ia ser a graça? — dou de ombros enquanto começo a ensaboar seu peito.

Ele não responde, mas faz um ruído satisfeito. Continuo o que estou fazendo, ensaboando seu tanquinho e então descendo. Seguro seu pau duro.

— Tati...

— Quietinho. Tenho que te ensaboar todo. — falo enquanto mexo a mão de cima para baixo. A espuma ajuda a deslizar mais fácil, e Darius solta um grunhido abafado.

Puxo a cabeça de Darius com a outra mão e o beijo. Ele me puxa pela cintura, me apertando contra seu corpo, e morde meu lábio. Mordo de volta e começo a mover a mão mais depressa. Darius segura meu pulso.

— Não. — sua voz é quase um rosnado, tão grave que arrepio só com essa palavra.

— Por que não?

— Porque estamos em uma estação espacial. — ele para e respira fundo. — Temos que poupar água.

— Isso só quer dizer que eu tenho que terminar mais depressa. — sorrio.

Ele aperta meu pulso.

— Sim, temos que terminar mais depressa e sair desse banheiro. Aí você pode fazer o que quiser.

Ei. Meu sorriso se alarga. Essa é uma oferta que não tenho como recusar.

VINTE E DOIS

Eu adoraria sair do banho e enxugar Darius com todo cuidado. E obviamente não reclamaria se ele fizesse isso comigo. Mas claro que o campo de força que separa o chuveiro do restante do banheiro nos seca assim que passamos por ele. Sem graça.

Ele ri e cola seu corpo nas minhas costas, passando um braço ao redor da minha cintura. Hmm, delícia. Mas... Esse banheiro é pequeno demais para eu aproveitar direito, já que Darius disse que posso fazer o que quiser. Então, para o quarto.

Rebolo um pouco, sentindo sua ereção, antes de segurar sua mão e atravessar o banheiro, chutando as nossas roupas imundas para o lado. Darius resmunga alguma coisa e rio. Ah, prometeu agora aguenta. Vou fazer o que quiser sim. E se eu quiser provocar, eu vou provocar.

Assim que saímos do banheiro, eu me viro e o empurro contra a parede. Darius me puxa pela cintura, colando nossos corpos, e me beija como se o mundo estivesse acabando. Seguro sua nuca, respondendo do mesmo jeito. Nossas línguas se entrelaçam, se separam, explorando a boca um do outro, e eu não quero parar, não quero que isso acabe nunca. Darius aperta minha bunda, e quero pular nele, quero ele dentro de mim, agora, sem parar...

Não.

Não, não e não.

Afasto o rosto, ofegante.

— Você disse que eu podia fazer o que eu quisesse. — reclamo.

— E não quer fazer isso? — Darius me aperta contra ele de novo e preciso respirar fundo para não mandar ele me comer agora. Puta que pariu, essa voz devia ser ilegal, sério.

— Ah, eu quero. Mas agora não. — sorrio quando ele levanta uma sobrancelha. — Temos tempo, não temos?

Ele assente e tiro sua mão da minha cintura. Darius sorri quando dou dois passos para trás, mas continua onde está. Que bom que ele sabe que vai ter que cumprir o que prometeu. Cruzo os braços e o encaro de cima a baixo. Meu alien gostoso. Todinho meu, para fazer o que eu quiser. Estou no paraíso. Agora, por onde começo?

Penso seriamente em jogar ele na cama, mas me lembro da última vez que fiz isso. Eu estava puta de raiva e querendo dar uma lição nele. Dessa vez é diferente, então não vou fazer isso de novo. É, acho que estou começando a gostar demais de paredes.

Me aproximo de Darius de novo e beijo seu peito. Ele não se mexe, mas sinto quando seus músculos se contraem. Tão bom isso. Passo a unha no seu mamilo direito e sinto quando ele treme. Melhor ainda. Sorrio antes de dar outro beijo molhado no seu peito e chupar o outro mamilo. As mãos de Darius vão para a minha cintura, mas ele não faz mais nada. E se ele gostou da minha unha... Mordo seu mamilo esquerdo. Darius solta um gemido e aperta minha cintura.

Rio em voz baixa, descendo as mãos pelo seu tronco e as passando para trás, para apertar sua bunda. Já falei que Darius tem uma bunda que merece ser apertada? Apertada, beliscada... Dá até para pensar seriamente em dar umas mordidas.

— Estou começando a achar que não foi uma boa ideia ter falado que podia fazer o que quisesse. — Darius comenta.

Levanto a cabeça e o encaro, sorrindo. Pisco os olhos, tentando fazer uma expressão inocente,

mas tenho certeza de que não consegui.

— Tarde demais para se arrepender.

Muito tarde, porque agora já tenho planos.

Aperto sua bunda de novo, antes de dar mais alguns beijos molhados no seu peito, e me abaixar, passando as mãos pelos seus músculos definidos. Ah, esse tanquinho. Esse homem é um sonho em carne e osso, sério.

Seguro seu pau duro. Darius respira fundo, fecha os olhos e apoia a cabeça na parede. Sorrio e mordo o lábio antes de me ajoelhar no chão. Isso fica cada vez melhor. Subo a mão um pouco, antes de descer até sua base de novo, e passo a língua pelo seu comprimento. Darius solta um grunhido. Olho para cima, e ele está me encarando com uma expressão tão *intensa* que todo o meu corpo se arrepia.

— Vai ficar parada aí? — ele pergunta.

Ele faz de propósito. Tenho certeza. Essa voz só pode ser de propósito. Puta merda.

Passo a língua pelos lábios lentamente, ainda encarando Darius. Ele geme mas não desvia os olhos. Ótimo.

E agora para a melhor parte. Subo e desço a mão pelo seu pau duro algumas vezes, sentindo ele pulsar quando aperto um pouco a base. Darius começa a falar alguma coisa, mas coloco seu pau na minha boca. Chupo com força antes de relaxar e passar a língua ao redor da cabeça, sem tirá-lo da boca.

Darius fecha os punhos com força e acho que ouvi outro gemido.

Se ele não estivesse enchendo minha boca, eu teria sorrido. Começo a subir e descer, com minha mão acompanhando o movimento da minha boca, sempre brincando com a língua ao redor dele. Faz tempo demais que quero fazer isso — aquela vez que eu estava com raiva não conta — e vou aproveitar. Aproveitar muito, aliás. Darius não se mexe, mas vejo como seus músculos estão tensos e como ele continua com os punhos fechados. E estou adorando ele não ter resolvido segurar minha cabeça. É um incentivo para eu fazer isso mais vezes.

— Quando... Quando quiser.

Tiro seu pau da minha boca e olho para cima. Darius continua me encarando, e posso ver seu peito subindo e descendo depressa. Sorrio, e ele passa um dedo pelos meus lábios. Chupo de leve antes de soltá-lo e apertar o seu pau enquanto minha mão sobe e desce.

— Tem certeza? — pergunto. — Não tinha se arrependido?

Passo a língua ao redor da sua cabeça e Darius grunhe alguma coisa. Ainda bem que não estou esperando uma resposta. Começo a chupá-lo de novo, subindo e descendo, levando ele o mais fundo que consigo e brincando com a língua ao seu redor. Intercalo movimentos mais rápidos e mais devagar, sempre vigiando a tensão dele, tentando adivinhar quando ele vai gozar. Não que seja muito difícil: só tenho que esperar até ele começar a se mexer, como se não conseguisse mais se controlar. Chupo com força, subindo e descendo a mão, e Darius goza na minha boca.

Continuo chupando e engulo tudo, até a última gota, antes de soltá-lo. Hmm, gosto diferente.

Darius me puxa pelos braços. Me levanto, e ele me puxa de novo, colando nossos corpos. Ele está suado, e eu sei que fui eu quem fiz isso. Sorrio e o encaro. Ele ainda está com aquele olhar meio distante de quem gozou bem, mas segura minha nuca e me beija. Puta merda, se esse beijo serve de indicação isso realmente foi só o começo. Me agarro a ele enquanto sua língua invade minha boca.

Ele gira, me colocando contra a parede, e quando vejo ele está se abaixando e eu estou ofegante, querendo mais daquele beijo. Mas não, ele está se abaixando e... Darius se ajoelha na minha frente, levanta minha perna direita e a coloca no seu ombro. Gostei dessa ideia. Gostei muito.

— Hora da vingança? — pergunto.

Ele levanta a cabeça e passa um dedo da minha entrada até meu clitóris. Estou ensopada, mas isso não é nenhuma novidade.

— Só uma boa forma de passar o tempo. — ele dá um sorriso safado enquanto desce o dedo de novo.

Uma boa forma de passar o tempo até ele se recuperar. Certo. Ótimo, excelente ideia, porque eu já tenho planos. Me apoio na parede quando ele segura minha bunda com as duas mãos e me faz inclinar o corpo. Sinto sua respiração quente em mim um instante antes de sentir sua língua no meu clitóris. Puta merda, eu não vou conseguir ficar em pé.

— Darius...

Minha vez.

E pelo visto ele vai brincar comigo igual brinquei com ele. Darius passa a língua entre meus lábios, chupando de leve e deixando beijos de ponta a ponta, contornando minha entrada e subindo de novo, lambendo o meu clitóris, passando em volta dele, chupando tudo menos o que eu quero que ele chupe. Mas ele me deixou fazer o que eu queria, então não vou agarrar a cabeça dele e apertar a boca dele onde quero. Não vou.

Fecho os punhos com força quando ele enfia a língua em mim. Acho que Darius está querendo me matar. Só pode. Não tem outra explicação. Gemo alto, inclinando ainda mais o quadril, mas ele me segura na posição que quer enquanto me penetra com a língua, sem a menor pressa. Isso é vingança sim. Respiro fundo, mas outro gemido escapa e estou tremendo. Minhas mãos se abrem e fecham quase sozinhas, mas não tenho onde me segurar. Aperto meus seios e gemo de novo quando isso só piora a situação. Ou melhora, juro que não sei mais.

Darius tira a língua de dentro de mim e ri em voz baixa. Puta que pariu, até a *respiração* dele está me deixando louca. Aperto o calcanhar contra as suas costas, mas ele me ignora completamente. Ele lambe meu clitóris uma vez, antes de endurecer a ponta da língua e...

— Ainda não. — ele afasta o rosto.

— Porra! — bato o calcanhar nas suas costas com força.

Ele ri – filho da puta – e enfia um dedo dentro de mim. Mas está se mexendo devagar demais, e não posso fazer nada porque ele ainda está me segurando firme com a outra mão.

— Paciência, Tatiana, paciência.

— Eu não tenho paciência. — bato o calcanhar de novo e só agora percebo que ainda estou apertando meus seios. Preciso gozar, puta merda.

Darius ri de novo antes de enfiar mais um dedo dentro de mim. Isso! Melhor, muito melhor. Solto um gemido quando ele começa a mexer os dedos mais depressa e os dobra um pouco, acertando exatamente aquele lugar. E então sinto a respiração quente dele. Porra! Darius começa a chupar meu clitóris, intercalando com lambidas, enquanto seus dedos ainda estão dentro de mim. Aperto os seios com mais força, puxando os mamilos. Meu corpo está pegando fogo e Darius não para, não diminui o ritmo. Sinto meus músculos começarem a tremer um instante antes dessa *tensão* toda explodir pelo meu corpo e ainda assim Darius não para de me chupar. Não sei se estou gemendo

ou se estou gritando, sei que estou vendo estrelas e puta que pariu, isso é bom demais e eu não quero que acabe.

Abro os olhos, sem saber como ainda estou de pé. Darius tira os dedos de dentro de mim e dá uma última lambida da minha entrada até meu clitóris, antes de tirar minha perna de cima do seu ombro. Pelo menos ele não me solta. Tenho quase certeza que não vou conseguir ficar em pé se ele não estiver me segurando.

— Eu acho que ouvi alguma coisa sobre planos... — Darius comenta, se levantando. Um olhar rápido me mostra que ele já se recuperou. Agora só preciso conseguir sentir meus músculos de novo, porque nesse momento sou uma gelatina.

— Só... Só me dá um minuto. — murmuro.

Puta merda, como é que ele fez isso?

Ele ri e me pega no colo, como se eu não pesasse nada. Não consigo nem gritar, e nem quero, na verdade. Planos. Sim, eu tenho planos. E ainda não terminei. Darius me coloca em cima da cama e me sento. Ele levanta uma sobrancelha.

— Deita logo.

— Posso saber quais são esses planos? — ele se estica na cama e coloca as mãos atrás da cabeça.

Me ajoelho com uma perna de cada lado de Darius e as mãos no seu peito. Só o encaro por um instante, esticado na cama, para eu fazer o que quiser. Quando foi que eu virei sortuda mesmo? Não faço ideia, só sei que vou aproveitar. Continuar aproveitando, na verdade.

— Já vai saber. — sorrio, me afastando até estar sentada sobre suas pernas.

Darius já está de pau duro, mas mesmo assim eu o seguro e masturbo um pouco. Só um pouco, antes de me sentar nele. Apoio as mãos no peito de Darius de novo enquanto desço o corpo e ele entra em mim. Puta merda, nessa posição ele consegue me preencher ainda mais, e realmente estou me sentindo no meu limite. Solto um gemido quando ele está todo dentro de mim, e Darius grunhe alguma coisa em resposta. Isso. Não precisa falar nada.

Ele segura meu quadril quando começo a me mover, subindo e descendo. Deixo ele escolher o ritmo, estou mais interessada em achar a posição perfeita. Inclino o corpo, sentindo ele entrando e saindo, a sensação tão mais forte agora, perfeita. Devia ter feito isso antes. Gemo quando Darius me puxa para baixo com força e começo a me mover mais depressa, subindo e descendo, sentindo a pressão crescendo de novo, a sensação dele dentro de mim, me preenchendo desse jeito que ninguém nunca conseguiu antes. Inclino o corpo mais um pouco e quase grito quando ele acerta o ponto perfeito. Isso. É isso. Enfio as unhas no seu peito, subindo e descendo depressa, com força, enquanto sinto meus músculos começarem a tremer de novo.

Dessa vez não gozo com tanta força, mas mesmo assim caio sobre Darius, ofegante. Puta merda, eu devia ter feito isso antes.

— Terminou? — ele pergunta.

Apoio o braço no seu peito e levanto a cabeça.

— Já fiz tudo o que eu queria. — consigo falar. Pelo menos, eu acho que deu para entender.

— Minha vez então.

— O que...

Darius nos gira na cama, sai de dentro de mim e me vira de bruços antes de eu conseguir terminar de falar. Ele passa um dedo pela linha da minha coluna, devagar, enquanto joga o cabelo

para trás, dobro os joelhos e empino a bunda. A vez dele, tudo bem. É justo. E eu que não vou reclamar. Não mesmo.

Ele segura meu quadril com uma mão antes de me penetrar de uma vez. Abafo um grito no travesseiro e Darius se inclina sobre mim, apoiando a outra mão do meu lado.

— Se toque. — ele fala no meu ouvido, antes de se afastar e investir de novo.

O travesseiro abafa meus gemidos enquanto Darius se move num ritmo frenético, forte, sem pausa, e sinto suas bolas batendo em mim. Puta merda. Aperto o travesseiro, sentindo a pressão começar a crescer de novo. Ele disse para eu me tocar, mas se eu me tocar vou explodir.

— Goza comigo. — Darius fala no meu ouvido de novo, e sua voz está mais rouca, é quase um rosnado.

Enfio uma mão por baixo do meu corpo. Sei que não vou precisar de muita coisa, não do jeito que estou e com Darius me penetrando desse jeito. Toco meu clitóris, movendo o dedo depressa. Os movimentos de Darius ficam ainda mais rápidos, mais fortes, e ele se levanta e segura meu quadril com as duas mãos. Massageio meu clitóris mais depressa, apertando um pouco, sentindo a pressão crescendo cada vez mais, a sensação tilintante se espalhando e explodindo pelo meu corpo um instante antes de Darius se apertar com força contra mim.

VINTE E TRÊS

Me viro na cama, sentindo todos os meus músculos doloridos. Pelo menos é uma dorzinha boa. Muito boa, aliás, se eu parar para lembrar do motivo dela. A noite foi boa. Mentira. Foi excelente.

Abro os olhos e nem me surpreendo quando vejo que estou sozinha no quarto. Tenho uma vaga lembrança de Darius falando alguma coisa sobre ter que liberar Drek. Ou seja, ele provavelmente está na sala de controle. Me espreguiço e me sento. Meu Steve de pelúcia está em cima do armário, virado para a cama. Sorrio. Darius realmente é um fofo.

O que sobrou das minhas roupas está dentro do armário, e pego uma calça escura e uma camiseta cinza. Entre Darius e os piratas, meu guarda roupa tem uma variação impressionante de cores: preto e tons de cinza. Incrível. Isso definitivamente não combina comigo, mas é o que tem, então paciência. Pelo menos o irmão de Darius já deve estar chegando, e aí vou poder resolver minha vida.

E não vou ficar pensando que Darius vai voltar a agir feito um idiota assim que eu falar que não acho que é uma boa ideia voltar para a Terra.

Me visto e saio do quarto. Comida, agora. Não sei onde montaram a cozinha na estação, estava comendo na nave, mas deve ter alguém na sala de entretenimento nesse nível. Mais fácil perguntar.

Não andei nem metade do caminho quando minha cabeça começa a latejar. Caralho. Paro e tento me localizar, me lembrando de onde está a enfermaria provisória. Para a direita. Se eu seguir esse corredor e depois virar... Isso, acho que é isso mesmo.

Paro na porta da sala que virou a enfermaria e procuro Gheri, mas a única pessoa que está aqui é uma das piratas que quase não vi antes.

— Tati? — ela chama.

Entro, olhando ao redor. Ontem estava cansada demais para reparar, mas parece que o equipamento quase todo está aqui. Pessoas prevenidas. E Gheri deve estar descansando, também. Provavelmente ficou até sei lá que horas cuidando de quem se feriu no ataque.

— Tem o remédio para enxaqueca?

Ela assente.

— Um minuto.

Me sento em uma cadeira enquanto ela mexe em um armário. Seria mais fácil se eles me dessem o remédio de uma vez e eu aplicasse quando minha cabeça começasse a doer, mas Gheri quer continuar me monitorando, então sempre tenho que vir atrás dele.

A mulher volta com o aplicador e o encosta no meu braço. Espero até ouvir o apito, e então me levando. A dor de cabeça desaparece quase no mesmo instante. Eu amo isso, sério.

— Obrigada. — me viro para ela e paro. Ela está encarando o aplicador, com a testa franzida e uma expressão preocupada. — O que foi?

Ela balança a cabeça.

— Nada demais. É só que a dosagem subiu bastante nos últimos dias. Ainda bem que não vai demorar para sairmos daqui. Arrume alguém para olhar o que é sua enxaqueca na primeira oportunidade que tiver.

Assinto e saio da sala, pensativa. Se tiveram que aumentar a dosagem para fazer efeito, isso

quer dizer o quê? Que estou criando resistência ao remédio? Que a enxaqueca está ficando mais forte? Mas não faz sentido. Eu estou tomando *menos* remédio do que quando cheguei aqui. Quer dizer, com menos frequência, pelo menos.

E eu posso passar o dia todo pensando nisso e não vou conseguir descobrir o motivo. Enquanto isso, minha barriga está roncando.

Lerda. Eu devia ter perguntado para a pirata onde é a cozinha. Volto para a porta da enfermaria e coloco a cara para dentro.

— Sim? — a mulher pergunta, sem se virar para mim.

— Onde tem comida?

— No nível de cima, no salão ao lado da sala de entretenimento perto dos elevadores.

— Obrigada!

Quase uma hora depois, subo para a sala de controle. Acho que todos os piratas sabem que eu fui com Ithori arrumar o gerador, e fui parada por muita gente falando “bom trabalho” e coisas do tipo, além do “que bom que não conseguiram te levar”. Não nego que gostei de ouvir isso. Gostei foi muito.

Estou no corredor da sala de controle quando escuto a voz de Darius, e ele parece irritado. O que aconteceu agora? Me aproximo, tentando não fazer barulho. Me julgue, mas quero ouvir. Reconheço a voz de Ithori respondendo, mas não entendo o que ele fala. E então...

— Isso não é da sua conta.

Epa. Darius falando desse jeito com Ithori? Estranho. Paro onde estou.

— É da conta de quem, então? Deveria ser da sua, mas você obviamente não se importa. — Ithori responde.

— Já falei para não se meter.

— Você já percebeu o que está fazendo com ela? Acha mesmo que isso é justo?

— E o que eu deveria fazer? Explicar todos os detalhes do que está acontecendo? Que ela é compatível comigo e é por isso que está reagindo assim? Ela não precisa saber de nada disso.

Ela. A “ela” que eles estão falando sou eu.

E o que é isso que ele está falando sobre eu ser compatível? Como eu estou reagindo? Não faz o menor sentido. Não, espera. Esse “compatível” deve ser o que ele quis dizer sobre como estamos ligados, o motivo para ele conseguir ler minha mente e ter me feito ouvir a voz dele.

— Ela não precisa saber porque vai voltar para a Terra, não é? — Ithori insiste, seco.

— É óbvio. O lugar dela não é aqui.

— Já parou para pensar que isso pode não ser uma opção? Darius, você é do Corpo Militar! Sabe tão bem quanto eu que eles não teriam reunido seis naves de classe militar da frota de Arcen para vir atrás dela à toa! Ninguém sabe o que fizeram com ela. Gheri não conseguiu detectar nada. Você realmente acha que vai ser seguro para ela voltar para a Terra?

Prendo a respiração. Ithori está falando exatamente o que eu pensei. Não sei se acho bom ter alguém que concorda comigo, ou fico puta porque isso quer dizer que provavelmente não vou poder voltar mesmo.

— Vai ser mais seguro do que ela ficar aqui!

Ah, que lindo. E o Sr. Macho Alfa Superprotetor vai decidir o que é melhor para mim. Claro. Fecho os punhos, me contendo para não entrar na sala de controle xingando Darius de todos os

nomes. Filho da puta. Ele realmente acha que pode esconder as coisas de mim e decidir minha vida como se eu não conseguisse fazer isso?

— Então é isso. — preciso fazer um esforço para ouvir Ithori, agora que ele está falando mais baixo. — Você não está fazendo isso por ela. Está fazendo por você. Por causa do que aconteceu antes.

O que aconteceu antes?

— Você sabe. — Darius também abaixa a voz. — Você sabe exatamente por que estou agindo assim. Ela não pode ficar aqui.

— O que eu sei é que você está enganando ela. Na verdade, eu quase tenho a impressão de que a está usando. E também sei que, pelo visto, você ainda não percebeu que está lidando com uma situação completamente diferente.

— Eu sei o que estou fazendo. — a voz de Darius é quase um rosnado, e não no bom sentido.

— Sabe? Então sabe que está brincando com ela, não é? — consigo ouvir a raiva gelada na voz de Ithori. — Eu não vou ficar ao seu lado nisso.

Ithori sai da sala. Continuo parada. Não sei como reagir. Simplesmente não sei. Ele se vira e me vê. Nos encaramos por um instante e então ele respira fundo e balança a cabeça. Engulo em seco, sentindo meus olhos arderem. Ele não precisa me dizer para não comprar essa briga. Sei que não vale a pena.

Ele dá um passo na minha direção e é minha vez de balançar a cabeça. Viro as costas e começo a voltar na mesma direção de onde vim. Não sei o que vou fazer. Só sei que preciso de um quarto, alguma coisa. Não vou continuar dividindo a cama com Darius. Não depois de ouvir isso. Posso não ter entendido exatamente o quê eles estavam falando, mas entendi o suficiente. Não quero isso para mim. Não quero mesmo.

Entro no salão que virou a cantina e olho ao redor. Gamora está sentada em uma das mesas, conversando com Kren. Perfeito. Respiro fundo uma vez, antes de ir até onde ela está.

— Preciso de outro quarto. — falo assim que paro ao lado da mesa.

— Tati? — ela me encara.

Balanço a cabeça. Não quero falar agora. Se falar, vou começar a chorar.

Ela suspira e se vira para Kren.

— Tire as coisas dela do quarto de la'Dyraiv e leve para o meu.

Ele assente e se levanta, deixando sua comida na mesa. Gamora também se levanta, e segura meu braço.

— Vamos. Acho que você não quer ficar perto de ninguém agora, não é?

Balanço a cabeça. Ela resmunga alguma coisa que não entendo, mas tenho certeza de que são xingamentos. Não sei exatamente o quê, mas concordo plenamente.

— Meu quarto tem duas camas, mas eu estou sozinha nele. Privilégio de oficial. — Gamora fala enquanto me leva para fora da cantina e para a escada, apontando para cima. Ótimo, o quarto dela não é nem no mesmo nível que o de Darius. — Se quer privacidade, imagino que isso vai ser melhor do que ficar em um quarto sozinha.

Assinto. Menos chances de Darius ir atrás de mim e insistir em falar qualquer coisa quando eu não quero ouvir.

Mal vejo o caminho até que Gamora para na frente de uma porta e digita o código no painel. Abro a boca para falar que não consegui memorizar, mas ela balança a cabeça.

— Depois você se preocupa com isso. Deite, durma, e tente se acalmar. Não vou demorar muito a terminar meu turno, e volto direto para cá.

Kren chega com minhas coisas. Umas poucas roupas e meu Capitão de pelúcia. O boneco que Darius lembrou de tirar da nave mesmo com um aviso de evacuação.

Entro no quarto. Uma cama com o que parecem ser peças de equipamento eletrônico em cima dela, e a outra vazia. Me jogo na cama vazia e enfio a cara no travesseiro. De forma distante, escuto Gamora agradecendo Kren. Ela entra no quarto, vai até a outra cama, e depois sai. Escuto o barulho da porta se fechando.

Puta que pariu. Caralho. Como assim? Aquela discussão...

Eu estava errada. Darius não tem um lado babaca. Ele é um babaca. E eu fui uma retardada que acreditou na encenação de cara fofo dele.

E minha cabeça voltou a latejar. Porra! Me viro e coloco o travesseiro em cima da minha cabeça. Não sei nem o que quero fazer agora. Mentira, sei. Quero sumir. Só isso.

Sumir.

— Merda! — quase grito quando sinto uma pontada de dor mais forte.

Isso não é o normal da minha enxaqueca. Definitivamente não é. Não que faça alguma diferença.

Sinto outra pontada de dor e travo os dentes, ao mesmo tempo em que começo a chorar. Tudo já está dando errado mesmo, não é? Só faltava a enxaqueca piorar. Pronto. Só isso.

Tento me virar na cama, mas não consigo me mexer.

Abro os olhos. O que está acontecendo?

Vejo a luz do quarto, passando por baixo do travesseiro, e então mais nada.

VINTE E QUATRO

Escuto um barulho que não estava aqui antes. Não consigo ter certeza de o que é, mas também não me é estranho. Merda. Mais alguma coisa deve ter dado errado. Só pode. E o que foi agora?

Abro os olhos e me viro para me sentar. Ou pelo menos tento. Caio de volta na cama, sem forças.

— Não tente se levantar. — Darius fala.

Darius.

Não sei o que aconteceu, mas sei que tem alguma coisa a ver com ele. Olho ao redor. Estou em um quarto de hospital. Reconheço dois dos monitores do lado da cama onde estou: Gheri os usou quando me examinou, na nave de Drek. Ótimo. Só me faltava essa. Por que estou num hospital? Eles têm hospital?

— Você...

Respiro fundo e me viro para Darius. Ele está parado do outro lado da cama, me encarando.

— Cai fora.

— Tati, eu...

— Cai fora! É surdo?

— Não...

— Você ouviu, Darius. — uma nova voz fala.

Apoio o braço direito na cama e levanto a cabeça. Tem uma mulher parada na porta, obviamente terráquea: mais ou menos da minha altura, com cabelo castanho cacheado e volumoso, vestindo um short jeans e uma camiseta de Star Wars. Confio em pessoas que gostam de Star Wars.

— Isso não é da sua conta, Gabi.

Ah, então essa é a tal da Gabi. Já gostei dela.

— Você está em uma nave da *minha* frota. Tatiana é uma terráquea e está sob os cuidados dos *meus* funcionários dentro de uma nave da *minha* frota. Você realmente quer falar que isso não é da minha conta?

Me viro para Darius. Ele respira fundo e sai sem falar mais nada. Escuto a porta se fechar, e então a mulher para do meu lado.

— Não force. Você passou quase uma semana apagada.

Assinto automaticamente e então paro.

— Como assim eu fiquei uma semana apagada? — recuperei todo o sono atrasado.

— Boa pergunta. — ela dá de ombros e puxa uma cadeira, se sentando. — Tem alguma coisa a ver com a sua enxaqueca, mas ainda não descobriram exatamente o quê.

— O que aconteceu?

— Você apagou na estação. Pelo que entendi, pensaram que você estava dormindo. Só perceberam que alguma coisa estava errada quando você passou mais de um turno apagada. O médico dos piratas não conseguiu descobrir o que aconteceu. Chegamos um dia depois, e te trouxemos para a enfermaria. A equipe de Isla, a capitã dessa nave, é uma das melhores que

existe. Não pedi os detalhes técnicos para eles, mas sei que ainda estão tentando descobrir o que aconteceu.

Assinto. Lá vamos nós de novo. Tem quantos anos mesmo que estão tentando descobrir de onde vem minha enxaqueca?

— Algum dos médicos vai vir daqui a pouco, tenho certeza. Mas pedi para estar aqui quando acordasse, melhor do que dar de cara com algum alien desconhecido.

Faço uma careta. Melhor mesmo.

— E como uma terráquea tem uma nave? — pergunto.

— Uma frota. — ela sorri. — É uma longa história.

— Versão resumida e por favor não dê um nó na minha cabeça.

Gabi ri e se inclina para trás na cadeira.

— Eu fui abduzida, mas me levaram para um dos mercados. Kernos me comprou lá. — ela conta.

— Te comprou?

Ela assente.

— Aham. Me comprou. Só que eu era uma encomenda especial de Te'vi Arcen... O mesmo que estava por trás das experiências com você. Ele veio atrás de mim. Kernos não gostou muito da ideia, nem eu. Então demos um jeito de conseguir provas contra ele. E eu exigi cidadania do Acordo em pagamento pelo que fizeram comigo. Arcen foi preso, e eu ganhei algumas propriedades e umas tantas naves. Se bem que essa aqui é contratada.

Pisco e me viro de lado na cama. Gabi está sorrindo. Eu definitivamente quero saber melhor sobre essa história. Tem cara de que é interessante. Mas não agora.

— Quanto tempo até eu poder sair daqui?

— Daqui da enfermaria? — ela pergunta e eu assinto. — Não muito. Pelo que me falaram, o mais difícil era fazer você acordar. Vão aplicar alguma coisa para você recuperar as forças depressa, e pronto.

— E depois...

— Depois vamos esperar os resultados dos exames. Estamos voltando para Nehyna, que é onde Kernos e eu moramos. Se até lá não tiverem descoberto nada, é melhor você ficar conosco. Depois disso... — ela dá de ombros de novo. — Quando a gente entender o que está acontecendo, vamos saber quais são as opções para “depois”.

Assinto de novo. Pelo menos *alguém* não está falando que a única opção é me mandar para a Terra.

Escuto um apito suave, e Gabi se vira para a porta.

— Pode entrar, Nahmi.

Encaro a mulher que entra no quarto. Ela parece ser terráquea: é alta, morena, com cabelo castanho claro preso em um coque e um rosto perfeito. Quase sinto inveja. Ela está vestindo uma túnica laranja claríssimo. Levanto as sobrancelhas quando ela vai conferir um dos monitores e eu vejo suas pernas. Elas têm duas articulações e terminam em cascos. Só parece terráquea.

— Excelente. — ela fala e se vira para mim, segurando um aplicador como o que Gheri usava. — Vou aplicar um acelerante em você. Assim que conseguir andar, está liberada.

Encaro a mulher. Simples assim? Sem burocracia, médico vindo me liberar daqui a umas horas,

nem nada?

Gabi ri.

— Você não vai sair da nave por algum tempo, então vai continuar em observação, de uma forma ou outra. — ela explica.

Ei, eu não falei nada.

— Puta merda. Por favor, me diga que você *não* consegue ler minha mente, também.

A médica – ou é enfermeira? Sei lá – para, com o aplicador quase encostando no meu braço. Gabi abre a boca e me encara por um instante, antes de balançar a cabeça.

— O que você quer dizer com “também”?

— Já basta Darius lendo minha mente. Mais uma não. — resmungo.

Gabi respira fundo, fecha os olhos, e solta o ar de forma audível.

— Isso explica muita coisa. Nahmi, acho que essa informação é útil para vocês, não é?

A médica assente e aplica o tal acelerante no meu braço. Sinto minha pele formigar no lugar, e então ela já está se afastando e conferindo os monitores.

— Vou repassar isto para o restante da equipe. — ela fala.

— Tá... Isto o quê? — pergunto.

Nahmi abre a boca para responder, mas Gabi balança a cabeça.

— Deixe isso para quando sairmos daqui, porque essa conversa vai ser longa e não vai ser das mais legais. Não acredito que não te explicaram nada!

Bom saber que eu não sou a única que acha que deviam ter me explicado as coisas direito.

Me lembro da discussão entre Darius e Ithori. O “isto” provavelmente tem a ver com o que eles falaram sobre Darius e eu sermos compatíveis. Seja lá o que isso quer dizer.

Gabi balança a cabeça de novo enquanto Nahmi sai do quarto.

— Eu só respondi o que eu teria perguntado nessa situação. — ela explica, suspirando. — Acho que já entendi por que você estava botando Darius para fora quando cheguei. Qual foi o nível de babaquice? Não, não precisa nem responder. Se não te explicaram nem *isso*...

Me sento na cama. Não sei o que é esse tal de acelerante, mas já estou me sentindo melhor. E quanto mais depressa eu conseguir sair daqui, mais depressa vou entender o que está acontecendo.

A porta apita de novo e me viro para ela. Consigo ver a cabeça meio raspada de Ithori pelo vidro na parte superior.

— É para despachar ele também? — Gabi pergunta.

Balanço a cabeça. Se não fosse aquela discussão, eu ainda ia estar caindo na conversa de Darius.

— Pode entrar, Ithori.

Ele entra, fecha a porta atrás de si, e olha de mim para Gabi e então de volta para mim, antes de coçar a nuca.

— Acho que te devo um pedido de desculpas, Tati.

Levanto as sobrancelhas. De onde saiu isso?

— Por quê?

— Por não ter feito nada. Eu sei que vocês são compatíveis desde que cheguei na estação. Quando vi como Darius estava agindo, deveria ter feito alguma coisa. Especialmente quando ele

começou a agir como se fossem um casal, sem nunca ter explicado o que estava acontecendo.

E essa coisa de compatibilidade está parecendo cada vez pior.

Gabi se inclina para a frente e apoia um cotovelo na cama. Por que eu tenho a impressão de que ela está se divertindo com isso?

— Só me responde uma coisa. — peço.

— O quê?

— Por que você se importa?

Ele respira fundo e assente lentamente, sustentando meu olhar.

— Por que pode-se dizer que eu fiz algo assim uma vez. E me arrependo até hoje.

Isso é drama demais. E eu ainda nem comi.

VINTE E CINCO

Gabi e Ithori me ajudam a sair da enfermaria e ir para o quarto que separaram para mim. Não quero ficar aqui mais do que preciso, e já que tem um alien gostoso para me segurar se eu cair, vou aproveitar. Seguimos um corredor e entramos em um elevador. Preciso me apoiar na parede quando ele começa a se mover.

— Essa coisa não está indo para cima. — resmungo.

Gabi ri.

— Está, mas ele faz um trajeto oval.

— Oval?

Ela assente. Então tá. Um elevador oval. Tudo bem. Normal. Eu preciso comer.

Saímos do elevador para um corredor de paredes claras e com barras de metal na altura da minha cintura e acima da minha cabeça. Tem uma linha azul no chão do corredor, e vejo várias portas fechadas dos dois lados dele.

Gabi para na frente de uma das portas e toca no painel ao lado dela, que se abre. Estreito os olhos. Esse painel é diferente, não tem os botões que me acostumei a ver nas portas da estação.

Entro no quarto. Ele me lembra o quarto na nave de Darius: uma cama encostada na parede à esquerda, uma mesa alta com três cadeiras encostada na parede à direita, e uma porta fechada, que com certeza é o banheiro. Não vejo nenhum armário ou guarda-roupas, e minhas coisas estão empilhadas em cima da cama.

— Isso é um boneco do Capitão América? — Gabi pergunta.

— “Isso” é meu Steve. Mais respeito. — me sento na beirada da cama e pego meu boneco.

— Eu ia gostar mais de você se fosse um boneco do Iron Man.

Me viro para ela e estreito os olhos.

— O Stark é um babaca convencido e egoísta que só sabe olhar pro próprio umbigo.

— E o Capitão é um babaca certinho que acha que é dono da verdade e que isso dá o direito de ele fazer o que quiser.

Que audácia!

Ithori olha para mim e então para Gabi, antes de sair do quarto e fechar a porta atrás de si. Huh. Aliens.

A porta se abre de novo quase no mesmo instante e outro alien entra. Oi? Darth Maul de cabelo comprido? Muito prazer. Dou uma olhada rápida de cima a baixo. MUITÍSSIMO prazer mesmo. Tá disponível?

Gabi me encara.

— Tira o olho que é meu.

— Hein?

Ela aponta para o alien, que balança a cabeça.

— Kernos. Pode tirar o olho que é meu. — ela para e olha para ele. — Na verdade, pode olhar. Não tem problema. Mas só olhar.

Eu olho. Olho bem. Agora que ela falou o nome dele, consigo perceber a semelhança entre ele e Darius. Eles quase poderiam ser gêmeos, se não fosse pelas cores: Kernos tem a pele vermelha

com linhas pretas. Ele tem cabelo comprido e está usando uma camiseta preta que me deixa ver seus músculos definidos, calça de um material estranho e botas, tudo em preto. Darth Maul de cabelo comprido, realmente. E gostoso.

— Você sabe que...

Gabi revira os olhos.

— Darth Maul de cabelo comprido e não exatamente do lado negro da força.

— Não que eu ache o lado negro ruim.

— Não mesmo.

Kernos respira fundo e solta o ar de forma audível, antes de puxar uma das cadeiras e se sentar.

— Esse filme é algo obrigatório que todos os terráqueos têm que assistir?

Olho para Gabi. Ela sorri.

— As únicas pessoas no universo que não assistiram Star Wars são os personagens de Star Wars, porque eles viviam lá. Porque eles viviam em Star Wars. — falamos juntas, rindo.

Ele resmunga alguma coisa que não entendo. O sorriso de Gabi se alarga.

— Sim, com frequência.

Hein? Ela deve ter entendido o que ele falou, então. Kernos balança a cabeça.

— Pelo menos eu sei exatamente o motivo da expressão de Ithori quando ele saiu daqui. — ele comenta, antes de se virar para Gabi. — Por que pediu para me chamarem? Achei que queria explicar tudo para ela sozinha.

Gabi dá de ombros.

— Acho que vai ser bom você acompanhar essa conversa. Só acho.

E ela definitivamente está aprontando alguma coisa, mas estou mais interessada em entender o que está acontecendo. Cruzo as pernas sobre a cama, enquanto Gabi puxa outra cadeira e a encosta ao lado da cabeceira da cama.

— Vou começar pela compatibilidade. — ela avisa.

Assinto, e percebo que Kernos estreitou os olhos e está encarando Gabi. Tenho quase certeza de que ele vai interromper, mas ele não fala nada.

— Na época que o Acordo tomou a forma que tem hoje, com a base de leis que usa até hoje e a mesma estrutura, algum retardado achou que seria uma boa ideia criar um programa de reprodução para garantir que as espécies do Acordo tivessem supremacia. A ideia era ter uma forma de alertar quando uma pessoa encontrasse alguém que fosse geneticamente compatível. Alguém com quem pudesse gerar filhos perfeitos e melhores que eles, esse tipo de coisa. E aí acharam que seria melhor se não fosse só um aviso, mas também um ímã.

Um ímã. Merda, acho que já sei como essa explicação vai terminar.

— No começo, era impossível para os casais compatíveis se afastarem. Hoje em dia, “só” sobrou uma atração física quase instantânea, mas que pode ser ignorada. E a modificação original evoluiu e se misturou com as características de cada espécie. No caso dos rhergari, — Gabi gesticula na direção de Kernos. Me lembro de ter ouvido essa palavra antes, deve ser o nome da espécie dele e de Darius. — Isso quer dizer um tipo de comunicação mente-a-mente.

— Isso explica muita coisa. — resmungo.

E explica demais. Explica como Darius estava lendo minha mente e como eu ouvi a voz dele na

minha cabeça. Explica por que avancei nele sem nem estar acordada direito. Explica por que mesmo com raiva eu não consigo ficar longe dele.

— Explica o quê? — Kernos pergunta, seco.

Me viro na sua direção. Ele está completamente imóvel e tenso de uma forma que não sei definir. O que foi que eu falei?

— Tati me contou que Darius estava lendo a mente dela. — Gabi fala.

Suspiro.

— E ele falou que era porque “estávamos ligados”. — faço aspas com as mãos, sem esconder minha irritação. — Depois escutei ele mencionando isso de compatibilidade para lthori.

— Ele só falou isso? Que estavam ligados?

Assinto.

— E falou com lthori que eu não precisava saber. Porque aqui não é meu lugar, eu vou voltar para a Terra, então ele não precisava me explicar. — conto.

— Filho da puta. — Gabi fala e se vira para Kernos. — Posso dar uma surra nele?

Sim, por favor. Nem penso em defender Darius. Ele foi um idiota de marca maior, e é bom saber que não sou a única que pensa assim.

— Se alguém vai dar uma surra nele, sou eu. — Kernos avisa, com o começo de um rosnado na voz. — Eu sei por que ele está agindo assim. Eu... Gabi, você se lembra de quando falou que eu estava te usando para aliviar minha culpa?

Ela assente, séria.

— Você não estava errada. — ele continua. — Nós dois passamos por uma situação... complicada, anos atrás. Na época que começamos a trabalhar com o Acordo. Não conseguimos proteger alguém que dependia de nós, e quando a alcançamos já era tarde demais.

Ai. Dheu até em mim. Mesmo assim...

— Isso não é desculpa. — Gabi fala antes de eu conseguir abrir a boca.

— Não é. — Kernos assente. — Isso é tirar as lições erradas do passado.

A porta se abre. Puta merda, qualquer um pode entrar aqui?

Estreito os olhos quando vejo Darius parado na porta. É, qualquer um mesmo.

— Chegou na hora certa. — Kernos se levanta.

Darius dá um passo para dentro do quarto. Penso seriamente em mandar ele cair fora, mas acho que não vou precisar. Gabi e Kernos estavam falando sério, e pelo jeito que Kernos está encarando o irmão, não preciso nem falar nada.

— Só queria ver se Tati estava bem. — Darius levanta as mãos. — Não consegui falar nada antes de ser colocado para fora da enfermaria.

— Por um bom motivo. — Gabi cruza os braços.

— Por que você não explicou para ela sobre a compatibilidade? — Kernos pergunta.

Darius respira fundo e fica onde está. Ótimo. Quero só ver se ele vai ter coragem de falar as mesmas merdas na nossa cara.

— Ela não precisava saber.

É, ele tem coragem. Filho da puta.

— E por que não?

— Ela não pode ficar aqui. Tem que voltar para a Terra.

E quem ele pensa que é para agir como se pudesse decidir a minha vida?

Abro a boca para falar, mas Gabi se senta ao meu lado e me dá uma cotovelada. Tá, entendi, calei. Será que ela lembra que estou doente?

— E quem é você para tomar essa decisão?

Darius dá um passo atrás. Sorrio. Acho que agora ele percebeu que está com problemas.

— Kernos, se tem alguém que sabe por que ela tem que voltar, é você.

— Não, o que eu sei é que você está agindo como se ela fosse sua *propriedade*.

Uau. Já falei que estou amando o Darth Maul?

Darius recua, com aquela expressão vazia que eu já sei que quer dizer que ele está surpreso, e não de uma forma boa. Kernos indica o corredor com um movimento de cabeça. Darius sai sem falar nada, e ele vai atrás. Escuto o ruído de uma porta se abrindo e então se fechando.

Gabi se levanta e vai até a porta.

— Droga, não dá para ouvir. Só porque achei que ia precisar arrumar pipoca para assistir isso...

Olho para ela e começo a rir. É, essa é uma discussão que definitivamente mereceria pipoca.

VINTE E SEIS

Enquanto Kernos e Darius discutem, Gabi me leva para o refeitório da nave. O acelerante fez efeito direitinho, e me sinto como se nem tivesse passado uma semana apagada, então não tem motivos para ficarmos no quarto.

O refeitório aqui é bem maior que o da nave de Drek. O salão tem as mesmas paredes claras com barras do corredor, e está cheio de mesas, algumas mais compridas, para muitas pessoas, e outras menores. Um balcão cheio de bandejas praticamente divide o salão no meio. Olho ao redor, sorrindo quando reconheço alguns dos piratas. Faz sentido eles estarem aqui, se a nave de Drek também explodiu. E tem mais alguns aliens que não vi antes... Aquele ali é coberto de penas? E aquele outro...

— A pizza é por aqui. — Gabi me puxa na direção de uma das paredes.

Pizza? Eca. Não gosto de pizza. Versão alien, então? Imagina só, uma pizza com queijo azul? Não, não e não.

Mas não consigo falar nada porque Gabi me arrasta para outro balcão. Esse é de frente para uma abertura na parede. Não consigo ver direito o que tem do outro lado, mas é óbvio que é a cozinha.

Gabi se debruça no balcão.

— Não acabaram com minhas pizzas não, né?

Um alien de pele cinza com pontinhos vermelhos se aproxima.

— Ainda não, mas se você gritar de novo os piratas vão acabar com elas. Já vieram uns dois aqui perguntar se temos pizza e hambúrguer. — ele fala.

Gabi resmunga alguma coisa baixo demais para eu ouvir.

— Gabi? O que vai ser? — o alien pergunta.

— Carne seca com catupiry. — ela se vira para mim. — E para você?

Tudo menos pizza.

— Hambúrguer? — pergunto, esperançosa.

Gabi me encara. Dou de ombros.

— Odeio pizza.

— Tem pizza e batata frita. Fora isso, é o buffet alien mesmo. — ela continua me encarando.

— E Coca. — o alien completa.

Gabi se vira para ele.

— Não vou dividir minha Coca com alguém que não gosta de pizza.

— Ei, isso é bullying!

— Bullying vírgula, isso é um fato. Pizza ou batata frita? — ela insiste.

Suspiro.

— É batata frita de verdade ou daquela vermelha?

Gabi olha de mim para o alien.

— Vermelha?

— É, comi uma coisa vermelha parecida com batata frita na nave de Drek...

— Faz a batata frita. — ela fala, sem esperar eu terminar.

Cinco minutos depois, estamos sentadas em uma das mesas, eu com uma porção de batatas fritas e Gabi com dois pedaços de pizza num prato. E uma garrafa de 600ml de Coca-Cola. Tá bom. Não vou pedir. Vou até o balcão no meio do refeitório e pego um copo de suco roxo que acho que é o mesmo que eu tomava na cantina de Drek.

— Uma coisa que não entendi. — começo, me sentando. — Como é que eu posso ter essa coisa de compatibilidade sendo que sou terráquea?

— Do mesmo jeito que eu. Eles injetam os modificadores nas terráqueas que abduzem.

E eu não quero nem pensar no motivo para isso. Não quero mesmo. Não.

— Tem como desfazer?

Gabi balança a cabeça.

— Depois que os modificadores afetam seu organismo não tem mais como desfazer. Vai por mim, eu contratei alguns especialistas para olharem isso.

Merda. Ia ser muito mais fácil se eu pudesse só desfazer essa coisa e me livrar de Darius de vez.

— Mas você parece bem satisfeita com o Darth Maul.

Ela dá de ombros.

— Eu estou. Mas tem mais um monte de terráqueas espalhadas por aí.

Alguém para do lado da nossa mesa. Olho para cima e vejo Drek me encarando, sorrindo. Antes de eu conseguir falar qualquer coisa, ele se senta ao meu lado. Um instante depois Gamora aparece e se senta ao lado de Gabi, que balança a cabeça, rouba uma batata frita, e volta a comer.

— Que bom que você deu sinal de vida depois de sei lá quando tempo desacordada. — Drek começa.

Reviro os olhos. Pensei que a dramática fosse eu.

— Estava ocupada ouvindo as explicações que ninguém me deu no tempo todo que ficamos na estação. — resmungo, pegando uma batata frita. Sim. É batata de verdade. Que amor.

— Ah, então finalmente te contaram tudo. — ele assente.

— Por que você não falou nada? — Gabi pergunta.

Drek a encara.

— Você é Drek, não é? O capitão dos piratas? — ela continua. — Tenho certeza que viu o que estava acontecendo. Por que não falou nada?

Ele sorri, mostrando os dentes, e dessa vez não é um sorriso muito amigável. Gabi nem pisca.

— E por que eualaria alguma coisa?

Gabi dá de ombros e toma um gole de Coca.

— Porque obviamente você se importa com Tati, senão não estaria sentado aqui.

Ai.

Drek ri e Gamora balança a cabeça. Piratas. Todos loucos.

— La'Dyraiv já estava irritado o suficiente por ter que trabalhar com um bando de piratas, e isso antes de Ithori contar o que prometeu em pagamento. — Drek conta. — Mas eu já estava prestes a interferir quando Tati ficou inconsciente.

— Estávamos. — Gamora completa.

Sorrio. É, pelo visto não era só Ithori que estava do meu lado nessa coisa toda. Os piratas

também. Mas eles bem que podiam ter falado alguma coisa.

— Kernos me falou que vocês pediram uma das naves confiscadas como pagamento e compensação. — Gabi dá outra mordida na pizza.

Eles pediram uma das naves? Boa ideia. Não sei o que era o pagamento combinado, mas levando em conta que a nave deles explodiu porque estavam defendendo a estação...

— E ele vai concordar?

Gabi sorri.

— Não acha que uma nave de classe militar é um pouco grande demais para o seu bando?

— Não se dividirmos o trabalho.

— Tenho uma proposta que pode ser do interesse de vocês. — ela balança a cabeça quando Drek começa a falar. — Depois. Primeiro, tenho que resolver a situação da Tati. E isso me lembra. Não sei se chegaram a te contar que Suelen já escapou.

Me lembro vagamente de Darius falar que a tal da Suelen estava em um complexo e ia conseguir escapar assim que tentasse. Pelo visto ela não demorou a tentar.

— Sabe onde ela está? — Drek pergunta.

— Não. Mas sei que ela saiu do planeta. — Gabi dá de ombros e volta a se concentrar no último pedaço de pizza.

Balanço a cabeça, tentando não rir de como ela ignora Drek e Gamora completamente, e continuo a comer também. Os dois trocam um olhar e não falam nada por algum tempo.

— Você está bem mesmo?

Me viro para Drek. Não tenho a menor dúvida de que ele realmente está preocupado, não depois de como ele ajudou enquanto estávamos na estação.

— Vou ficar. — respondo.

Ele assente.

— Se precisar de qualquer coisa, pode nos procurar.

Levanto a sobrancelha.

— Qualquer coisa?

Ele ri e se levanta. Gamora assente antes de se levantar também, e os dois vão para uma das mesas onde os piratas estão sentados. Aproveito para dar uma boa olhada. Tenho que aproveitar enquanto tenho o festival de aliens gostosos para secar, porque não sei quanto tempo isso vai durar.

— A paisagem aqui realmente melhorou depois que pegamos vocês na estação. — Gabi comenta.

Me viro para ela, que também está olhando na direção dos piratas.

— Pensei que você estava com Kernos.

Ela dá de ombros.

— Isso não me impede de olhar.

Essa é das minhas. Sorrio enquanto ela termina de comer e eu ainda estou beliscando as batatas. Deveria estar com fome depois de ficar apagada por quase uma semana, mas não estou. Provavelmente é por causa de alguma coisa que me deram.

— Seguinte, Tati. — Gabi começa, empurrando o prato para o lado. — Ainda não temos o resultado dos exames e não dá para você tomar nenhuma decisão enquanto não soubermos o que

fizeram com você. Mas acho que é bom já saber quais são suas opções.

Assinto. Melhor mesmo. Mais tempo para pensar no que posso fazer.

— Primeiro, Darius encaminhou seus dados já faz algum tempo. A essa altura, nossos contatos na Terra já criaram uma cobertura para o seu desaparecimento.

— Como assim, uma cobertura?

Ela dá de ombros.

— No meu caso, criaram uma história sobre um emprego onde passo muito tempo viajando e que é sigiloso.

Bem óbvio.

— E alguém acreditou nisso?

— Depois de algumas modificações de memória, sim. — Gabi faz uma careta. — Mas é melhor que acharem que estou morta ou desaparecida.

Ela tem um bom argumento.

— No seu caso, não sei o que inventaram. A APLA age como acha melhor, e não vou me meter no meio. Mas eles sabem que você não decidiu se fica aqui ou se volta, então com certeza estão criando algo que dê margem para as duas opções. Normalmente o que o Acordo faz é apagar a memória de qualquer um que tenha contato com os aliens, mas no seu caso não adianta mais. Você ficou tempo demais aqui e já viu coisa demais.

Ah, que ótimo, então nem sei eu quiser eu posso esquecer que isso tudo aconteceu.

Tá, sendo bem honesta eu não quero esquecer.

Aliás...

— O que foi essa sigla que você falou? — pergunto.

— APLA? Agência Planetária de Ligação com o Acordo.

— Uma agência? Que nem MiB?

— Não tão parecido assim... Mas é esse o princípio da coisa. Se você escolher voltar, pode até ver se eles têm alguma vaga de trabalho perto de onde você mora. Pelo que sei, preferem gente que já teve contato com o Acordo, e isso é raríssimo. Mas, se não quiser, eles vão fazer o possível para você voltar para sua vida normal.

— E se quiser ficar aqui?

Não que eu ache que “querer” vá fazer muita diferença.

— Depois do que fizeram com você, tenho certeza de que consigo cidadania do Acordo. Se ficar, vai poder fazer o que quiser. E levando em conta o tanto de coisas que inventei de fazer, se quiser te arrumo trabalho por aqui mesmo.

Trabalhar com essa doida? Tá, isso pode ser divertido.

Gabi encara alguma coisa atrás de mim. Me viro e vejo Kernos e Darius se aproximando. Caralho, por que ele não entende o recado e fica longe de uma vez?

— Os resultados dos exames saíram. — Kernos fala, parando ao lado da mesa.

VINTE E SETE

A médica de quando eu acordei, Nahmi, já está na sala quando nós entramos. Além dela, tem um dos aliens que parece ser coberto de penas minúsculas em tons de azul e roxo e outra mulher que obviamente é da mesma espécie que a médica. Ela tem o cabelo preto ondulado e olhos escuros, e está vestida de forma um tanto quanto estranha para alguém em uma nave. Se bem que talvez o top verde justíssimo e curto que ela está usando, junto com uma saia marrom com aberturas laterais, seja o equivalente dela para a camiseta e short jeans de Gabi.

Nos sentamos e a última mulher me encara por um instante, antes de se virar para a médica e assentir. Sem apresentações, pelo visto.

— Minha equipe estava trabalhando em conjunto com Trnarri, — ela indica o outro alien. — Comparamos os dados dos exames de Tatiana com as informações que conseguimos tirar das naves confiscadas. Elas pertenciam aos cientistas e pesquisadores responsáveis por fazer as experiências com os modificadores da compatibilidade em terráqueas.

— Já organizamos as informações e elas estão preparadas para serem enviadas para o Conselho. — o alien com penas completa.

— Tatiana foi um dos experimentos iniciais. — Nahmi continua, se virando para mim. — A primeira a sobreviver. Os níveis dos modificadores no organismo dela estão bem acima dos níveis de Gabriela. De acordo com os dados confiscados, foram os experimentos com ela que definiram o limite máximo de modificadores.

— Não faz sentido. — Gabi interrompe. — A estimativa que temos é que eles ficaram com Tati por três meses terráqueos. Ou seja, faz cerca de quatro meses que ela está no Acordo. Mas tudo indica que estão usando os modificadores em terráqueas faz mais de um ano.

— Sim. E aí está a pior parte. — o alien com penas comenta.

Nahmi assente.

— Faz quanto tempo que suas crises de enxaqueca começaram, Tati?

E o que isso tem a ver?

Putaquepariu. Porra. Caralho.

— Mais de um ano.

Ela assente de novo e se vira para Kernos.

— Eles injetaram os modificadores quando ela ainda estava na Terra. Só a trouxeram para cá quando os experimentos começaram a chegar em um ponto crítico. De acordo com o que conseguimos descobrir, o organismo de Tatiana já deveria ter entrado em colapso.

Espera. Caralho. Ela está falando que essa coisa pode me matar? Que eu deveria estar morrendo, é isso?

— Acho que a APLA vai precisar passar por algumas mudanças. — Kernos fala.

Me viro para ele e engulo em seco. Darth Maul, com certeza, e com vontade de matar algumas pessoas. Ele mal parece a mesma pessoa que estava resmungando sobre meus comentários geeks com a Gabi.

Gabi assente, séria.

Quase contra minha vontade, olho para Darius. Ele está encarando o chão, parecendo não se importar com o que estão falando. Mas tenho a impressão de que ele está furioso e com medo, ao

mesmo tempo, mesmo que não tenha nada disso na sua expressão ou na sua postura. Deve ser coisa da minha cabeça.

Ou coisa dessa merda de compatibilidade, que provavelmente é a culpada por eu querer ver a reação dele.

Me viro para Nahmi.

— O que você quer dizer com “meu corpo já deveria ter entrado em colapso”?

— Quero dizer que você deveria estar morrendo. Os estímulos já deveriam ter se tornado demais e sobrecarregado seu sistema nervoso. — ela me encara. — O que impediu que isso acontecesse foi seu contato com Darius. Como os estímulos estão ligados à compatibilidade, estar em contato com alguém compatível com você os aliviou.

Tá de sacanagem!

Eu não vou olhar para Darius. Eu não vou olhar para Darius. Eu não vou olhar para Darius.

Ah, foda-se.

Ele está me encarando. Volto a olhar para a médica na mesma hora.

Quem quer matar alguém aqui sou eu!

— Agora já conseguimos estabilizar os efeitos. Não conseguimos anular as modificações, mas conseguimos estabilizá-las em um nível que não oferece riscos para você, mesmo que não esteja por perto de ninguém que seja compatível.

Espera... Isso quer dizer que se eles não tivessem conseguido estabilizar os efeitos eu nunca ia poder me afastar de Darius? Porra!

E... Ela está certa. A enxaqueca demorava mais a aparecer quando eu estava bem com Darius. Ela nunca aparecia depois de transarmos, e era bem fraca quando ele estava se fingindo de fofo.

Mas não é isso que me importa agora.

— Isso quer dizer que eu vou ter a enxaqueca pro resto da vida?

Nahmi assente.

— A menos que esteja com alguém compatível, sim.

Assinto. Puta que pariu. Eu estou fodida. Só isso.

— Eu posso... — Darius começa.

— Não. — falo sem me virar.

Não quero ouvir. Não quero ouvir nada que ele tenha para dizer depois do que já falou. Depois de agir como se ele pudesse decidir minha vida para mim, de não me explicar o que estava acontecendo.

— Tati, eu...

— Não!

— Me deixa falar!

— Não, porra! Eu não quero te ouvir!

— Me deixa pelo menos explicar!

Claro, porque ele tem todo o direito de inventar alguma desculpa, depois do tanto de merda que falou na minha cara. Depois de ter me feito achar que ele era *mais* que só o lado babaca.

— Vai se foder.

Me levanto e saio da sala. Não sei para onde estou indo, só sei que quero distância de Darius.

Escuto passos atrás de mim e não me viro. Espero que não seja Darius, porque se for eu não sei o que vou fazer. Estou tão puta que é capaz de eu voar no pescoço dele, e não no bom sentido.

Gabi me alcança ainda no corredor e me puxa para uma passagem lateral. Não falo nada enquanto ela me leva por corredores menores e mais escuros do que os que eu já vi, até que chegamos em um elevador. Entramos e ela aperta alguma coisa no painel. Sei que estamos descendo, mas de novo o movimento não parece ser em linha reta. Outro elevador oval? Saímos em um salão enorme, cheio de contêineres que formam um verdadeiro labirinto. Gabi passa entre eles sem nem parar para pensar, e me leva até uma porta. Ela dá para outro corredor, esse mais frio que o restante da nave. Ela abre uma porta e vejo uma sala com mobília mínima: um sofá e uma mesinha.

— Só Kernos e Isla vão lembrar de vir atrás de você aqui. — Gabi fala, se jogando no sofá.

Me sento na outra ponta do sofá. Isso não é justo. Não basta ter sido abduzida e usada para experiências... E aliás posso inverter a ordem disso. Mas não basta isso, se quiser ficar livre da enxaqueca vou ter que aguentar Darius, o rei dos babacas.

— Isso não é justo. — resmungo.

— Um monte de coisas não é. Quer especificar?

Não quero, porque a lista é grande. Mentira, quero sim.

— Não é justo que eu seja compatível justamente com um idiota de marca maior!

Gabi ri. Muito divertido, não é? Porque não é com você!

— Isso não tem graça!

Ela balança a cabeça.

— Por que será que eu tenho a leve impressão que você é leitora de romances?

— Algum problema?

Gabi dá de ombros.

— Nenhum, só estou comentando. Seguinte: a compatibilidade não funciona como as ligações de companheiros dos romances.

— Acho que não sou a única leitora de romances.

— Ela não vai te apontar para seu par ideal nem nada do tipo. Só vai apontar para alguém que é geneticamente compatível. E é quase impossível alguém ser compatível só com uma pessoa. Você vai encontrar mais pessoas que sejam compatíveis, até se voltar para a Terra. O que vai acontecer é que você vai sentir o efeito da compatibilidade e eles não. E já vou avisando que não vão ser só homens.

— Espera, como? Se a ideia é reprodução....

— Estamos falando de um programa do Acordo. Não sei quais são as técnicas que eles usam, mas sei que isso não faz a menor diferença pra eles. Nem tem como fazer diferença, levando em conta o tanto de espécies que nem têm equivalentes para macho e fêmea.

Mas hein?

— E o que elas têm então?

— Não parei pra pesquisar. — Gabi dá de ombros de novo. — Mas a questão é: você não está presa a Darius de forma alguma. Tanto se decidir ficar aqui, quanto se decidir voltar para a Terra.

E ninguém falou nada sobre efeitos colaterais além da enxaqueca. Isso quer dizer que se

quiser eu posso mesmo voltar. E posso tentar trabalhar para a tal agência... Com certeza isso seria melhor que meu emprego velho com o chefe sistemático que atrasa pagamentos.

Gabi me deu a opção de trabalhar para ela se ficar aqui. Tudo bem que ela é uma louca que nem perguntou o que eu sei fazer, mas não duvido nada que consigo dar meu jeito aqui. Só que se ficar, não tem como eu evitar Darius.

E esse é o problema. Eu me conheço bem o bastante para saber que não vai demorar muito para a raiva passar. Aí eu vou lembrar que ele é bom de cama, vou secar ele um dia, e pronto, de repente vamos estar nos pegando de novo. Jogando a compatibilidade no meio disso tudo, é certeza de que eu não vou conseguir ficar longe dele. Especialmente se lembrar de como foi aquele mês na estação, de como ele veio atrás de mim...

Balanço a cabeça. Não adianta ficar pensando nisso. Não. Adianta.

Se eu voltar para a Terra vou ter que fingir que nada aconteceu. Que não tem nada demais além de nós e aquela coisa toda. Vai ser melhor se eu conseguir trabalho na agência, eu acho. Suspiro. Sem falar que a enxaqueca vai continuar. Mas eu já estava conformada com ela mesmo. E na Terra Darius não vai ter como me achar, porque não tem como ele passar despercebido em lugar nenhum. Perfeito.

É, perfeito e eu não tenho nada que ficar pensando que se for bem honesta vou sentir falta dele. Não. Vale. A. Pena.

— Eu vou voltar.

Gabi se vira para me encarar.

— Tem certeza?

Assinto.

Não posso ficar mais fodida do que já estou. Então, sim.

VINTE E OITO

Gabi não fala mais nada sobre o assunto, e aproveito para perguntar exatamente o que aconteceu com ela, que ri antes de começar a contar uma história tão viajada quanto o que aconteceu comigo.

— Aliens *invadiram* o apartamento onde vocês estavam? E você reprogramou os robôs de limpeza pra injetar soda cáustica neles? — sério, não dá para acreditar.

Ela assente e então balança a cabeça.

— Bom, não era exatamente soda cáustica...

— O equivalente alien, então. — interrompo e ela assente. — Caralho, o que alguém tem na cabeça para pensar nisso?

— Um pouco de excesso de imaginação demais? — Gabi levanta as sobrancelhas.

— E invadir a internet deles... Para de brincadeira!

— É sério! Não tenho culpa se a segurança deles segue uma lógica que não faz o menor sentido pra mim!

— E agora você está rica e praticamente casada... Aliás, quando é que vão oficializar isso, hein?

Gabi faz uma careta.

— Já oficializamos. Nossa documentação consta como companheiros, e para mim isso está ótimo. Casamento e qualquer tipo de cerimônia é para a sociedade. Não preciso nem quero isso.

— Uuuui. — levanto as mãos e Gabi me dá um tapa no braço. — Ela não quer ser tradicional.

Ela estreita os olhos e me encara.

— Meu companheiro é um ET que parece o Darth Maul de cabelo comprido. Se eu quisesse tradicional, tinha voltado para a Terra. Agora, sabe quem é bem tradicional nesse ponto?

Não quero saber. Se ela está falando isso eu já sei qual vai ser a resposta e *não quero saber*.

— Darius. — Gabi sorri. — Ele é bem tradicional para algumas coisas.

— Você está tentando me ajudar a me livrar dele ou querendo que eu seja uma retardada que fica com o cara babaca mesmo que ele viva falando merda? — resmungo, encarando a parede.

Gabi suspira.

— Eu nem sei de tudo o que ele fez e já acho que ele foi um idiota de marca maior só por não ter contado sobre a compatibilidade. Mas normalmente ele não é assim. Implicante, claro. Isso é função obrigatória de irmão mais novo. Mas fazer algo assim... Sei lá, não achei que ele fosse agir assim.

— É, mas ele agiu. Você viu aquela sala das luzes coloridas, na estação? — me viro a tempo de ver ela assentir. — Ele me levou lá, antes dos piratas chegarem. Só nós dois ali, e ele agindo como um cara romântico, quase. E sabe o que ele falou depois de me dar um dos melhores orgasmos da vida? Ele falou que “não deveria estar se distraindo com uma terráquea”.

Ela faz uma careta.

— Ai.

— É, ai, ui. Todas as exclamações possíveis.

— Depois da primeira vez que transamos, Kernos falou que entendia porque as terráqueas eram tão procuradas. — Gabi conta. Balanço a cabeça, sem entender. Na verdade, sem acreditar. Kernos não pareceu ser o tipo de cara quealaria isso. — E no outro dia ele falou que eu não ia convencer ele a me levar de volta transando com ele.

A encaro, sem acreditar. E como eles estão juntos até hoje? Espera, mas Kernos não teve aquela discussão *linda* com Darius quando descobriu que não tinha me contado nada? Não faz sentido.

— Só que eu não sei escutar esse tipo de merda e ficar calada. Acho que o que mais fizemos nos meus primeiros dias aqui foi brigar. — ela continua. — No fim das contas, eu arrisquei e falei que ele estava me usando para aliviar a culpa dele. Foi um chute, mas eu estava certa. Depois disso, ele melhorou. Kernos jura que foi porque eu estava discutindo com ele, não estava aceitando a atração da compatibilidade de olhos fechados, mas acho que foi mais. Ele percebeu que estava agindo de uma forma que não fazia sentido, pensando no que aconteceu no passado. E Darius está fazendo a mesma coisa.

— O que não é desculpa. — resmungo. Se ela acha que vai defender Darius com essa história de “trauma do passado”, está muito enganada. Passado fodido qualquer um pode ter, mas isso não justifica ninguém ser um babaca.

— Não mesmo. Só estou falando que talvez ele tenha feito a mesma coisa. Assim, se ele resolver tentar conversar, você não vai arrancar a cabeça dele antes de três palavras.

— Foi merecido.

— Com certeza foi. E se ele resolver conversar, faça ele sofrer. — ela ri. — Só achei que era melhor você saber, mesmo. Porque se ele fosse só mais um cara, você não ia estar tão mal por ele ter sido um babaca.

Balanço a cabeça, mas acho que ela entende que não estou negando o que falou. É verdade. Se fosse só mais um cara eu não ia estar nem aí. Ia ser só sexo, e ele que fosse ser babaca pra lá, desde que continuasse bom de cama. O que ela falou é válido, faz um certo sentido... Mas não quero ser a mulher que fica perdoando o cara por ser idiota de novo e de novo. Não.

— E se você fosse só mais uma, ele não ia ter passado o tempo todo que você estava apagada sentado do seu lado, louco de preocupação. — ela completa.

Ela não tá me ajudando.

Não respondo e Gabi também não fala mais nada. Olho ao redor, para as paredes lisas e sem decoração nenhuma. Não quero puxar assunto. Mas também não quero ficar calada. O silêncio já está me incomodando quando Kernos abre a porta.

— Um dia desses as pessoas vão notar que é para cá que você vem quando não quer ser encontrada, Gabi. — ele comenta, como se fosse a coisa mais natural do mundo achar nós duas numa sala escondida na puta que pariu dentro de uma nave. Tá, se bobear para ele e Gabi isso é normal.

— E quando descobrirem, é melhor se lembrarem que não quero ser encontrada.

Kernos ri e se vira para mim.

— Se quiser subir, Isla levou Darius para conferir alguma coisa no hangar.

Assinto. Não lembro direito de quem é Isla, mas não importa. Só quero meu sossego. E, pensando no meu sossego, acho que quanto antes sair daqui, melhor.

— Quando posso ir embora? — pergunto.

Ele olha para Gabi e então os dois me encaram.

— Tem certeza? — ela pergunta de novo.

Não, não tenho, só estou perguntando por passatempo. Gastar saliva.

Tá, admito que estou curiosa sobre o Acordo e tudo que tem aqui, mas ainda acho que é melhor ir embora. Se eu ficar aqui vou acabar me encontrando com Darius por um motivo ou outro e sei exatamente no que isso vai dar. Sem falar que não sei o que tem por aí... Não duvido nada que a vontade de ficar seja maior se eu deixar eles me levarem para o tal planeta para onde estão indo.

— Tenho.

Kernos assente.

— Sabe que não vamos conseguir apagar sua memória, não é?

— Gabi avisou. Alguma chance de eu conseguir trabalho com a agência lá?

— Com a APLA? — ele se vira para Gabi, que assente, e me encara de novo. — Posso ver com a direção local. Ou melhor, se quer ir logo, vou pedir Ithori para te levar.

— Obrigada.

— Tem que pegar alguma coisa? — Gabi pergunta, se levantando.

Faço a mesma coisa, já indo para a porta. Não que eu saiba como sair daqui e voltar para o quarto.

— Só meu Steve.

Porque não deixo ele para trás de jeito nenhum. Meu Steve veio comigo e vai voltar comigo.

Gabi revira os olhos.

— Cada um com seu mau gosto.

— Você não fala mal do Steve!

Gabi levanta as mãos enquanto passa por Kernos e sai da sala.

— Só falei verdades.

Atravessamos o labirinto de contêineres e os vários corredores de novo, antes de sairmos em uma das áreas “comuns”. Pelo menos é essa a impressão que eu tenho, que estávamos numa área que é restrita para parte da tripulação.

Gabi abre a porta do quarto. Entro e olho para a pilha de roupas em cima da cama, mas não vou levar nada disso comigo. Até queria, mas os materiais das roupas são diferentes demais para eu conseguir fingir que são tecidos comuns. Tenho quase certeza que se tentasse levar alguma coisa, Kernos não deixaria. Pego meu boneco do Capitão América e saio do quarto.

— Você sabe que se não for trabalhar para a APLA, mesmo assim vai estar sendo monitorada por eles, não é? — Kernos pergunta assim que começamos a andar na direção do hangar.

— Para garantir que eu não fale nada? Sei.

É óbvio que vão fazer isso. Agora que vou voltar para a Terra, estou começando a pensar em como conseguiram manter o Acordo em segredo por tanto tempo. Gabi já deu a entender que eles apagarem memórias é algo comum, então *alguma coisa* deve ter acontecido que precisasse disso.

— Estou te dando um voto de confiança. — Kernos para e me encara. Engulo em seco. Voto de confiança? Quer dizer que ele não vai colocar gente me monitorando para o caso de eu falar alguma coisa? — Os agentes vão estar por perto caso precise de alguma coisa. E caso aconteça

algum acidente e você precise que apaguem alguma memória. Entendo que não é fácil guardar um segredo destes.

Assinto.

Mundo injusto. Vida injusta. Por que Darius não pode ser como Kernos?

Ithori nos alcança quase na porta do hangar. Ele está vestindo um macacão cinza e sem mangas, e só agora reparo nos círculos vermelhos descendo pelos seus braços. Aliás, agora que estou reparando na roupa dele...

— Se eu chegar em casa vestida assim não vai nem adiantar tentar fingir que nada aconteceu. — comento.

— Vocês vão pousar em uma área da APLA. Pode relaxar que eles vão cuidar disso. — Gabi fala, apertando o painel ao lado da porta.

Obviamente, o hangar é bem menor que o da estação. Mas continua sendo gigantesco. Tem pelo menos dez naves parecidas com a de Darius aqui, e o lugar não parece estar cheio.

Ithori vai na frente, passando entre duas naves. Mal consigo acreditar que vou voltar para a Terra. É tudo o que eu queria, desde o começo, e que tinha certeza que não era possível. Tudo bem que vou ter que aguentar a enxaqueca, mas já estava acostumada com ela, de qualquer forma. Não tem nada de diferente nisso.

Mentira. Tem. Voltar para a Terra era o que eu mais *queria*. Não tenho certeza se ainda é o que eu quero. Mas é o que preciso fazer. Não vou pensar em Darius. Não vou. Não vou me prender a um cara idiota. Ou seja, é melhor voltar para a Terra. Com sorte até acho alguém compatível por lá e me livro da enxaqueca.

É. Isso. É o melhor mesmo.

Paro quando já estamos quase na rampa da nave onde Ithori entrou.

— Não me despedi de Drek e dos piratas. — mas não quero demorar o tempo de ir atrás de ninguém. — Vocês agradecem eles pra mim?

Gabi assente.

— Eu falo com eles. Temos negócios a tratar, de qualquer forma.

Kernos estreita os olhos e se vira para ela.

— Você está pensando em contratar os piratas?

Ela sorri e não responde. Em vez disso, ela me abraça.

— Boa sorte, Tati. Se precisar de qualquer coisa, fale com o pessoal da APLA que precisa entrar em contato comigo.

Gabi se afasta e Kernos assente.

— Boa sorte.

— Obrigada.

Me viro para a rampa, ouvindo o barulho discreto que acho que é o motor da nave. Não, propulsor. Ah, que diferença faz se estou falando o nome certo ou não?

— Tati! Tatiana!

Eu não vou olhar para trás, eu não vou olhar para trás, eu não vou...

Paro na entrada da nave e me viro. Darius está correndo na nossa direção, e não para até estar ao lado de Gabi e Kernos. Ao menos ele tem bom senso o suficiente para não subir atrás de mim.

— Para onde você vai? — ele pergunta, e tenho a impressão de que sua voz treme. Mas deve ter sido só uma impressão mesmo.

— Para a Terra. De volta para casa.

— Você vai voltar?

É óbvio que vou voltar, seu idiota. Respiro fundo quando meus olhos começam a arder. Não vou chorar.

— Não era isso que queria? — de alguma forma, minha voz sai firme.

Ele me encara por um instante, sem falar nada. É, também não tenho mais nada a dizer. Me viro e entro na nave. Escuto Darius gritar meu nome enquanto bato a mão no sensor ao lado da porta e ela se fecha. É melhor assim. Estou fazendo o que é melhor.

la ser muito bom se eu conseguisse me convencer disso.

Gabi

Merecido. Merecidíssimo. Só consigo pensar nisso enquanto escuto Darius gritar o nome de Tati. Na hora que perde dói, não é? Me viro para Kernos, que está encarando o irmão e balançando a cabeça. Que bom que ele não tem paciência para esse tipo de coisa também. Muito bom.

O alarme do hangar começa a tocar e me viro para a porta. O sistema de segurança não é dos mais eficientes, mas não precisa ser, nessa nave. O alarme nos dá dez minutos para sair do hangar, antes da despressurização começar para a nave poder sair. É tempo mais que suficiente, independentemente de onde no hangar a pessoa esteja.

— Você vai deixar ela ir? — Darius grita para Kernos.

Opa. Me viro para eles. Darius está caminhando de forma pesada logo atrás de nós, devagar e olhando para trás, como se achasse que a qualquer momento Tati fosse mudar de ideia e sair da nave. Balanço a cabeça. Duvido muito que isso aconteça.

— Não era isso que você queria, Darius? Que ela voltasse para a Terra, onde vai estar segura?

Faço uma careta. Quando Kernos fala alguma coisa nesse tom de voz enganadoramente calmo todo mundo sabe que é melhor não cutucar. Continuo andando quando ele dá as costas para Darius, que fica parado no mesmo lugar, sem reação. Bem feito. Não tenho paciência para caras idiotas. Nunca tive.

Saio do hangar atrás de Kernos. Ele não fala nada enquanto continuamos andando pelo corredor. Não que ele precise falar alguma coisa. A ligação mental me deixa saber exatamente como ele está: furioso por Darius ter agido desse jeito, em parte porque ele está percebendo que um bom tanto da forma como agiu comigo foi parecida com isso. E tem mais, alguma coisa relacionada com a tal história do passado, mas ele está me bloqueando dessa parte. Só consigo perceber que ele não gostou nem um pouco de ter que se lembrar disso. Suspiro. Odeio quando ele me bloqueia assim, ainda mais quando é sobre algum assunto que ele não quer conversar — que nem esse.

Okay, odeio ainda mais porque até hoje não consegui aprender a bloquear minha mente. Diz Kernos que é porque eu sou tagarela demais. Só acho que isso não tem nada a ver com comunicação mente-a-mente.

Claro que tem.

Estreito os olhos e o encaro. É óbvio que ele ia ouvir isso. Óbvio.

O som do alarme do hangar fica abafado. Pelo visto Darius saiu e fechou a porta. Não demora muito para eu ouvir os passos pesados e apressados atrás da gente.

— Kernos, você realmente vai deixar ela ir embora?

Pelo menos Darius parou de gritar.

Kernos para e respira fundo, mas não se vira. Okay, ele está *mais* que furioso.

— Vou.

E eu acho que o corredor ficou um pouco mais gelado. Não, é só impressão minha mesmo.

Você está se divertindo, não é?

Precisa mesmo perguntar? Óbvio que estou. Foi babaca, agora toma.

— O lugar dela é aqui, não voltando para a Terra!

— Puta que pariu, Darius, você ao menos tem noção do tanto que está soando ridículo? — me viro para ele, sem conseguir me conter. — Não foi você que falou pra quem quisesse ouvir que Tati não podia ficar aqui?

Darius me encara e respira fundo, fechando os punhos. Oi, ficou com raiva? Não falei nenhuma mentira.

— Gabi está certa e você sabe disso. — Kernos completa, ainda sem se virar. — Se queria que ela ficasse, não deveria ter agido como agiu, nem falado o que falou.

Kernos volta a andar. Darius o chama, mas ele ignora. É, furioso não é o suficiente para descrever como ele está.

Se quiser continuar se divertindo, ele é todo seu. Não vou falar mais nada sobre isso.

Levanto uma sobrancelha. Sério? Kernos sabe exatamente o que penso sobre como Darius agiu. Se eu falar mais alguma coisa não vai ser bonito.

Sério. Eu falar alguma coisa não vai adiantar nada, ou ele não teria agido assim, para começar.

E discutir sobre isso com Darius significa tocar no assunto proibido, que é a coisa que aconteceu no passado. Entendo perfeitamente. Darius vai ficar voltando naquilo o tempo todo, tentando se justificar, e não vai sair do lugar. Comigo ele não tem como ficar batendo na mesma tecla, porque eu nem sei o que foi que aconteceu.

Cruzo os braços e encaro Darius, que ainda está olhando para Kernos. Acho que ele não esperava ser ignorado desse jeito. Espero alguns segundos e ele se vira para mim.

— Gabi, por favor. Eu não tenho autoridade para parar aquela nave, mas se você convencer Kernos...

— Do mesmo jeito que você convenceu Tati?

Ele me encara por um instante antes de balançar a cabeça.

— Eu não pensei no que estava fazendo.

É uma boa hora para cantarolar um daqueles sertanejões sobre só dar valor depois que perde, mas nunca curti sertanejo.

— Exatamente. Não pensou. Diga “oi” para as consequências.

— Gabi, por favor. Você não entende...

— Que você tem alguma coisa do passado te incomodando? Algum trauma? Ah, eu entendo. É uma pequena novidade pra você: *todo mundo tem algum problema no passado*. A diferença é se você faz as outras pessoas pagarem por causa das *suas* merdas. — acho que estou pegando a mania de Kernos de soar extremamente calma quando estou absurdamente puta. Sério, como é que ele consegue não ter nem noção da merda que fez? — Você foi um babaca egoísta, Darius. Você pensou só no seu umbigo. Enfiou na cabeça o que quer que seja que aconteceu anos atrás e foi um idiota o tempo todo.

— Não o tempo todo.

Como se isso ajudasse de alguma forma.

— Quando mais importava, você foi um idiota. Você só pensou no seu umbigo, no seu passado, e esqueceu o que tinha acabado de acontecer com a Tati. Puta merda, Darius, você conseguiu ser muito pior que Kernos quando ele me comprou. Foi resgatar ela por causa da sua culpa sobre

quem quer que seja que não salvaram antes, mas depois que resgatou ela, fodas, já tinha feito o suficiente para aliviar a consciência. Não importava mais o que fizesse.

Darius fala alguma coisa que não entendo. Pelo menos acho que ele falou alguma coisa e não praticamente rosnou para mim.

— Você não faz a menor ideia do que aconteceu naquela estação! Não...

— Então o que aconteceu? — interrompo.

Você está paciente hoje.

Dou de ombros mentalmente. Quase consigo escutar a risada de Kernos. Pelo menos ele não está mais furioso e mal daquele jeito por causa das memórias. E estou de bom humor, se bem que estou mais é curiosa. Darius pode ser implicante, como falei com Tati, mas ele não é um babaca. Quero entender isso.

Darius respira fundo e olha para os lados, quase como se quisesse fugir. Bom, se ele não quiser falar nada, sem problema, eu vou para o meu quarto aproveitar as horas até chegarmos em Nehyna. Tenho certeza de que Kernos tem algumas ideias sobre como passar o tempo.

— Eu tentei manter ela afastada. Juro que tentei. — ele começa, de repente.

Onde é que eu já vi isso antes? Ah, é, Kernos sendo um idiota comigo nos meus primeiros dias aqui. Respiro fundo. Vamos lá.

— Não consegui. Nem no começo. Ela... Não sei. Depois que ela entendeu que tudo estava acontecendo de verdade, que chorou e me fez prometer que tudo ia ficar bem... Eu queria mostrar alguma coisa boa para ela. Qualquer coisa para ela ver que não é tudo ruim aqui.

Quero bater a cabeça na parede. Ou melhor, quero bater a cabeça dele na parede. Homens. Por que precisam complicar tanto a vida?

— Aí você levou ela naquela sala que eu sempre esqueço o nome, foi fofo e romântico, — bufo quando Darius encara o teto. — Aí vocês transaram loucamente e depois você falou merda.

— E ela se vestiu e saiu sem falar nada. Atravessou metade da estação até o hangar, sozinha, mesmo sem nunca ter entrado em uma estação antes. — ele sorri.

Reviro os olhos. Por que é que isso não me surpreende? Se Tati tivesse aceitado as merdas que ele falou, Darius ia ter ignorado a compatibilidade, tenho certeza. Mas ela o desafiou, mesmo quando não deveria conseguir desafiá-lo. E pronto, temos um alien interessado.

— Mas eu tinha prometido que ela ia voltar para a Terra. — ele continua, dando de ombros. — Quando os piratas chegaram, achei que ela fosse ter medo. Mas não, no mesmo dia ela já estava passeando pela nave deles, agindo como se tudo fosse normal...

E de novo, fez justamente a única coisa que ia fazer Darius se interessar. Suspiro.

— Quando percebi, ela e Drek já estavam abraçados pela estação. Eu falei mais merdas, como você diz. Ela respondeu. Fomos parar na cama... E ela me desafiou.

Levanto as sobrancelhas. Pelo visto subestimei Tati. Nem teria passado pela minha cabeça que ela fosse fazer alguma coisa assim, mas pela expressão de Darius ela realmente fez. Não quero saber os detalhes do que foi esse “desafio”. Só sei que pelo que conheço de Darius, isso foi o suficiente para deixar ele louco. Uma terráquea que tem coragem de desafiá-lo *na cama*? Balanço a cabeça, segurando o riso. Nesse ponto, ele e Kernos são bem parecidos: eles nunca ficariam satisfeitos com uma mulher que aceitasse tudo o que falam.

— Depois disso... — ele olha para mim e estreita os olhos. — Pode rir. Depois disso eu tive que pedir desculpas. Fazer alguma coisa antes de ser tarde demais. E foi bom. Quando a estação

foi atacada, eu mal acreditei que ela tinha ido com Ithori consertar o gerador. Quando fui avisado da brecha no casco... Eu tive certeza de que não ia chegar a tempo. Que não ia ser o bastante, e ia ser o passado acontecendo de novo. Ela ia ser levada, e eu não a encontraria até ser tarde demais.

Okay, tudo muito lindo, mas nada que me explique por que a primeira coisa que Tati fez quando acordou aqui foi mandar ele sair do quarto.

— Estou esperando. — comento.

Darius suspira e olha para o teto de novo.

— Eu não contei nada sobre a compatibilidade. Você sabe disso. Desconversei sempre que ela perguntava se eu estava lendo sua mente. Ela me ouviu discutindo com Ithori sobre isso um dia depois das naves de Arcen nos cercarem.

E ele não precisa dar mais detalhes. Depois de como ele agiu aqui, do que falou e daquela discussão com Kernos, consigo imaginar muito bem o que ele disse.

— E provavelmente nessa discussão você deu a entender que sabia o que era melhor para ela, e que por isso não precisava dar todas as informações. Ah, e não vamos esquecer que provavelmente agiu como se ela fosse alguém que você fosse aproveitar enquanto estava disponível e mais nada. — falo.

Ele respira fundo e abre a boca para responder.

— Não. — interrompo. — Pense bem no que você falou. Pense bem antes de falar que não foi nada disso.

Darius olha para cima e então assente. Estreito os olhos. É, não parece que ele está concordando só para me agradar. O que a necessidade não faz com as pessoas, não é?

— Se quer ir atrás dela, vai. — completo quando ele não fala nada. — Ninguém está te impedindo. Só aviso que, se fosse eu, nem pensaria em te dar uma segunda chance.

Viro as costas para Darius. Se ele quiser ir atrás de Tati, bem. Na verdade, espero que vá. E espero que *pense* no que está fazendo e deixe de agir feito um idiota. Aliás, estou torcendo para Ithori gravar a discussão. Sorrio imaginando a cena. Vai ser divertido.

Mais divertido que isso?

Um arrepio me atravessa com a sugestão mental de Kernos. Quase consigo ver a imagem da banheira cheia de água. Delícia. Ele sabe muito bem do tanto que eu gosto de uma banheira. E de transar na banheira.

Definitivamente tenho coisas melhores para fazer do que ficar pensando na vida amorosa dos outros.

Encaro o monitor na minha frente, sem nem prestar atenção no que estou vendo. Estou fazendo o que é melhor. Estou. Não tem motivo para chorar nem ficar pensando duas ou dez vezes sobre isso. Se ficar no Acordo, vai dar merda. Vai dar *muita* merda, porque meu único motivo para ficar vai ser Darius, e ele... Engulo em seco e respiro fundo.

Não nego que estou curiosa sobre o Acordo. Estou. Mas depois de tudo que aconteceu, isso não é o suficiente para me fazer querer ficar. Acho que ser atacada dentro de uma nave e depois dentro de uma estação espacial é o suficiente para a curiosidade de quase todo mundo. E isso depois de ter sido usada para experimentos... Não. Não tem curiosidade que me faça ficar. Só quero meu sossego, minha vida, sem ninguém vindo atrás de mim.

E Darius... Suspiro. Juro que não entendo como ainda estou pensando nele. Não entendo mesmo. Mesmo depois de saber da compatibilidade, não faz sentido. Pelo que entendi, ela só faria eu querer transar com ele. Não que eu precisasse da compatibilidade para me ajudar com isso. Mas não, mesmo depois de ele agir como um idiota eu estou feito uma retardada apaixonada me lembrando daquele mês na estação...

Putá que pariu, eu estou que nem uma retardada apaixonada mesmo. Que decadência.

Apoio a cabeça no encosto da cadeira e fecho os olhos. Porra, de onde veio isso? Era para ser só sexo. Só. Mas não, eu tenho que começar a me importar. E *por que* eu comecei a me importar justamente com esse idiota?

E sim, ele é um idiota. Um idiota que não sabe o que quer. Primeiro age como um babaca que sabe o que é melhor para mim e decide que tenho que voltar para a Terra, independente de qualquer risco ou do que eu queira. *Porque é mais seguro*. Mais seguro o caralho. Até eu já sei que onde eu estou não vai fazer muita diferença se alguém resolver vir atrás de mim de novo. Mas não, ele tinha que dar uma de babaca. E depois ainda vem todo surtado porque estou voltando para a Terra. Sério, qual o problema dele? E qual o *meu* problema para ainda estar pensando nele? Argh.

— Desse jeito você vai rasgar seu boneco.

Abro os olhos. Ithori está me encarando, com uma sobrancelha erguida. Olho para baixo. Merda. Nem notei que estava apertando Steve desse jeito. *Desculpa*. Você não merece ser tratado assim por causa de um idiota. Coloco o boneco no colo e cruzo os braços.

Ithori ri.

— É, fica rindo aí mesmo. — resmungo.

Ele sorri e balança a cabeça, antes de voltar a encarar os controles.

Suspiro e fecho os olhos de novo. Por que é que não podia ter sido Ithori, hein? Olha só, ele pode não ser musculoso como Darius, nem ter pele azul, mas não deixa de ser gostoso. Ithori não é exatamente bonito, mas tem um charme diferente e alguma coisa que parece gritar “perigo” que são irresistíveis. E além disso não é um babaca.

Abro os olhos quando escuto o ruído que já reconheço como sendo do sistema de comunicação. Ithori encara o monitor e levanta as duas sobrancelhas. Acompanho a direção do seu olhar. Preciso de um instante para entender o que está escrito ali, e então aperto Steve de novo.

O que Darius quer agora?

Ithori se vira para mim, ainda com as sobranceiras levantadas. Sei que se eu falar que não quero ouvir o que Darius quer dizer, ele vai recusar a comunicação. Suspiro audivelmente. Por que é que não podia estar com Ithori na cabeça, em vez de Darius?

E eu não quero saber o que Darius tem a dizer. Não. Não quero. Afinal, eu estou vindo para a Terra, como ele queria, não estou? Provavelmente ele só tem alguma instrução para Ithori, nem tem nada para falar para mim.

Mas não consigo deixar de me lembrar de como ele gritou meu nome quando fechei a porta da nave. Porra. Eu sou uma idiota apaixonada. Merda.

Assinto.

Ithori toca alguma coisa no terminal e escuto o ruído suave da estática. Não vou nem criar esperanças. Não vou. Vai ser só alguma ordem para Ithori, tenho certeza. Sim. Certeza.

— Tati, precisamos conversar.

Encaro o monitor. Eu ouvi isso? Eu ouvi isso mesmo? Engulo em seco. Eu quero ouvir o que ele quer falar. Mas depois tudo o que ele falou nos últimos dias... Não quero ouvir alguma coisa que só vai me deixar mal.

— Você já falou tudo que tinha para falar hoje mais cedo. — respondo.

Ithori balança a cabeça e se inclina na cadeira, cruzando as mãos na nuca. O filho da puta está se divertindo com isso! Estreito os olhos, mas ele nem olha na minha direção.

— Esqueça qualquer coisa que falei mais cedo, por favor.

Espera. Darius falando “por favor”? É, tem uma primeira vez para tudo.

— Esquecer para quê? Para você pedir para tentarmos de novo e achar outro jeito de ser babaca? — meus olhos estão ardendo. Caralho. Não quero chorar. Não quero. Mas... É a mesma coisa que ele fez no dia da festa: viu que estava me perdendo, fez o que precisava para me manter com ele e só. Eu não vou esquecer, não vou.

— Não. — ele suspira. — Você está certa. Só... Me deixe explicar, por favor.

Abro a boca para negar. Isso tem tanta cara de que ele vai vir com a historinha sobre como não conseguiu evitar agir assim ou qualquer merda do tipo. Mas não consigo falar não. Me lembro de Gabi falando que Darius não era assim. E se...?

— Eu não vou voltar. — aviso.

— Se Ithori esperar, alcanço vocês em alguns minutos. — ele responde depressa.

Ithori se vira para mim. Respiro fundo antes de assentir. Eu vou fazer isso. Vou ouvir o que ele tem a dizer. Só isso.

— Você tem nossa posição. — Ithori fala.

Darius desliga a comunicação e eu fecho os olhos de novo. Tenho certeza de que vou me arrepender disso.

O tempo parece se arrastar. Ithori não fala nada, e quase agradeço por isso. Se ele fizer algum comentário eu vou mudar de ideia. Eu *não devia* ter concordado com isso. Não devia.

— Naves alinhadas.

Quase pulo quando escuto a voz de Ithori, e quase pulo de novo quando entendo o que ele falou. Isso quer dizer que Darius já nos alcançou.

— Acoplando. — Darius responde.

Respiro fundo. Por que é que eu concordei com isso mesmo? Não sei. Juro que não sei. Só vou

passar raiva, certeza.

— Acho que você vai preferir ficar nesta nave, não é? — Ithori comenta.

Assinto sem me virar para ele. Não vou entrar na nave de Darius de jeito nenhum.

— A porta à direita no corredor. — ele continua. — Se precisar de qualquer coisa, é só me chamar.

— Obrigada. — murmuro, me levantando e colocando Steve na minha cadeira.

Saio da ponte de comando. Esta nave é a menor que já vi, feita para viagens rápidas mesmo. O corredor só tem duas portas, uma de cada lado, e a porta da esquerda dá para a saída da nave. Abro a porta da direita. Ela é pequena e tem pouca mobília: um sofá que eu acho que pode ser usado como cama, uma mesa e quatro cadeiras. Olho para o sofá e então para as cadeiras, antes de puxar uma delas, me sentar, e apoiar os cotovelos na mesa. Se me sentar no sofá tem chances demais de Darius se sentar do meu lado. Melhor não.

Encaro o tampo da mesa. Ele é daquele mesmo material que não sei se é metal ou cerâmica, de uma cor acinzentada. Não sei se essa mesa é diferente das outras que vi, mas ela tem algumas linhas mais escuras... Suspiro. Estou analisando o tampo da mesa. Caralho, a situação realmente está complicada.

Levanto a cabeça. Darius está parado na porta, me encarando. Respiro fundo quando nosso olhar se encontra. Não sei o que estou vendo na sua expressão, e não faço ideia de se isso é bom ou ruim.

E por que é que eu tenho que ser uma idiota e ter esperanças de que qualquer coisa que ele tenha para falar possa ser boa?

Darius suspira e balança a cabeça, desviando o olhar, antes de entrar na sala. Estava lendo minha mente? Se estava, ouviu o que merecia.

Ele puxa a cadeira de frente para a minha e se senta. Está perto demais. Eu realmente não devia ter concordado com isso. Não mesmo. Respiro fundo, encarando o tampo da mesa de novo.

— Eu fui um idiota. Sei disso. Eu só...

Ah, não. Levanto a cabeça.

— Se falar que não consegue controlar eu vou voltar para a ponte de comando.

Ele engole em seco e assente. Espero, sem falar nada, enquanto ele balança a cabeça de novo, como se estivesse se decidindo o que falar.

— O nome dela era Miranis. Minha prima, criada quase como se fosse nossa irmã. Ela era mestiça... Meio rhergari, meio drilliana.

Cruzo os braços, tentando esconder minha surpresa. Acho que isso é a tal história sobre o que aconteceu no passado. Não vou interromper, mesmo que ele já tenha começado a dar um nó na minha cabeça. Drilliana?

— Kernos e eu estávamos nos preparando para assumir o Corpo Militar e funções no Conselho do Acordo. Miranis queria conhecer o mundo, estudar em um dos grandes centros. Quando ela foi aceita em um dos complexos mais famosos, nós já estávamos dentro do Corpo Militar. Nossa família pediu para irmos com ela até lá. Mas o complexo era longe, e em uma região estável, sem nenhum tipo de risco. Miranis não queria seus quase-irmãos vigiando cada passo dela. Ela estava indo para um complexo de estudiosos, não para um dos bares que costumávamos frequentar.

Engulo em seco. Consigo imaginar o que pode ter acontecido... E acho que preferia não saber.

— Ela nos convenceu. Deixamos Miranis ir sozinha. Nós a encontraríamos lá uma semana depois, para comemorar que nós três havíamos conseguido o que queríamos. Quando chegamos... — Darius balança a cabeça e engole em seco. — Ela nunca tinha chegado lá. Nós usamos todos os recursos do Corpo Militar para rastreá-la, e descobrimos que sua nave tinha sido interceptada por uma nave de pesquisa de Na'ki Arcen. Entramos em contato com ele, pedindo notícias de Miranis, mas ele jurava que nunca a vira. De acordo com ele, a nave de pesquisa encontrara uma nave individual à deriva, sem tripulação.

— Eles a raptaram. — murmuro.

Ele assente, encarando o sofá.

Suspiro. Não quero entender por que ele agiu como um idiota, não quero pensar que posso entender os motivos dele. Não quero. Mas... Sua prima foi raptada. E isso não é o fim da história, tenho certeza. Entendo por que ele foi me resgatar, mesmo sozinho. Porque enfiou na cabeça que eu tinha que voltar para a Terra, que era o mais seguro para mim. Nada disso justifica, mas... Eu entendo.

— Kernos e eu organizamos a operação para invadir a nave onde achávamos que ela estava. Foi a primeira vez que nos deram este nível de autoridade, e... Tudo correu como o planejado. Entramos na nave sem sermos detectados, uma vez lá dentro... Tudo correu como o esperado. Tudo. Mas quando achamos Miranis...

Pisco depressa quando sinto meus olhos encherem de água. Ele não precisa terminar de falar. Estendo a mão direita e aperto seu antebraço. Darius encara minha mão, parecendo surpreso, e não fala nada por alguns minutos. Nem precisa falar.

Depois de algum tempo, ele balança a cabeça, ainda encarando minha mão no seu braço.

— Na'ki Arcen morreu pouco tempo depois e seu filho assumiu as propriedades da família. Nunca conseguimos provar nada contra eles, mesmo com todos os dados da nave de pesquisa. Eles alegaram que tudo foi feito sem o conhecimento deles, mas nunca acreditamos, e... — a voz de Darius vai morrendo, até que ele se cala de novo.

Ficamos parados na mesma posição não sei por quanto tempo. Eu entendo por que ele agiu como um babaca, entendo de verdade. E não sei o que falar depois dessa história.

— Foi por isso que fui atrás de você quando Suelen me contou que tinha ouvido uma terráquea naquela nave. — ele murmura. — Porque você era Miranis, de novo, alguém que tinha sido arrancada da sua vida para ser usada por Arcen. Nós não conseguimos salvar Mira, mas eu estava perto o bastante para conseguir te salvar. Tentar equilibrar as coisas, aliviar minha culpa, como Kernos falou... Não importa. Mas eu não esperava encontrar alguém que fosse compatível comigo, nem...

Levanto uma sobrancelha quando ele se cala. Nem o quê? Darius balança a cabeça e dá um sorriso triste.

— Nada em você é o que eu esperava, desde quando começou a acordar.

Desde quando comecei a acordar e o agarrei?

Ele sorri e assente.

— Mas depois do que tinham feito com você, não era justo querer que ficasse no Acordo. Então tentei te manter afastada. E você era como Miranis... Só que dessa vez eu tinha chegado a tempo. Não podia correr o risco de que fosse levada de novo, e que dessa vez eu fosse chegar tarde demais e...

Aperto seu braço e respiro fundo. Quero continuar com raiva, mas não consigo. Não sou uma pedra de gelo.

E essa história explica por que Darius agiu como agiu, mas não explica por que ele está aqui. Não quero ter esperanças – nem devo, especialmente se ele achar que isso justifica qualquer atitude babaca dele. Mas uma parte de mim não consegue evitar.

— Por que está me contando isso?

TRINTA E UM

Darius me encara. Juro que não sei o que esperar dele. Se é que posso esperar alguma coisa. Não deveria. Ele já foi babaca antes, já se desculpou por isso...

Não. Ele não se desculpou. Ele só admitiu que tinha sido babaca, porque não se arrependia do que tinha feito e sabia que faria de novo, se precisasse. Filho da puta. Solto seu braço, esperando a raiva chegar. Estou pronta para sair da sala e voltar para a ponte de comando, falar para Ithori que não quero ouvir nada que Darius tem a dizer e para ele me levar para a Terra logo... Mas a raiva não vem e eu sei exatamente o motivo disso. Ele não precisava ter vindo atrás de mim nem me contado essa história.

— Darius? — insisto.

— Porque nada disso foi justo com você. *Eu* não fui justo com você. — ele me encara, mas essas palavras não valem nada. É a mesma coisa que ele falou antes, na estação. — Eu deixei o passado me prender e ignorei completamente o que estava na minha frente. Ignorei o fato de que no fundo eu não queria que você voltasse para a Terra, que queria que ficasse aqui. Ignorei quando vi você se afastando, confiando mais em Drek que em mim, mesmo quando estávamos bem. Era melhor assim, era melhor manter uma distância, porque você precisava voltar... E não foi justo. Você pagou pelo meu passado sem nem saber disso. E eu não queria que você fosse embora pensando o pior de mim. Esperando o pior de mim ao me ver.

Engulo em seco. Então ele estava mesmo lendo minha mente quando entrou na sala e eu já estava esperando mais alguma merda. De certa forma, é bom saber que ele não gostou do que ouviu. Eu também não gostei de muita coisa que ouvi.

— Isto era o mínimo que eu podia fazer... Explicar porque agi assim e me desculpar por isso.

Tá, agora ele está se desculpando mesmo. Respiro fundo e assinto. Entendo porque ele agiu assim. Queria não entender, mas entendo e não consigo continuar com raiva.

— Tudo bem. — respondo e começo a me levantar. Se ele veio aqui se explicar e se desculpar, já fez as duas coisas e pode ir.

E eu não vou ficar mal porque esperava alguma coisa diferente. Não vou. Não devia ter esperado nada mesmo. Agora é hora de voltar para casa.

Darius segura meu pulso. Paro, com as duas mãos apoiadas na mesa, e o encaro. Darius está encarando sua mão me segurando, e espero até ele levantar a cabeça. Engulo em seco quando nossos olhares se encontram. De alguma forma, o que vejo nos seus olhos me lembra aquele dia na sala das luzes, na estação, mas tem muito mais ali. Tensão, medo... Vulnerabilidade. Engulo em seco de novo.

— Eu não mereço. — ele começa e para, e vejo quando engole em seco, também. É a primeira vez que vejo Darius tão... Incerto? Acho que é essa a palavra. — E eu vou entender perfeitamente se preferir voltar para a Terra. Mas eu quero uma chance... Eu quero uma chance para agir como deveria ter agido desde o começo. Te tratar como queria ter tratado, como você *deveria* ter sido tratada. Quero uma chance para tentar te convencer a ficar, te mostrar que você pode ter uma vida no Acordo, comigo. Quero uma chance para começar de novo, fazer o que deveria ter feito desde o primeiro dia, desde...

Me solto com um safanão e dou um passo atrás. Ele está brincando comigo. Só pode. Respiro fundo. Apesar de tudo, eu até queria acreditar nele. Juro que queria. Fecho os olhos com força por

um instante. Mas ele já falou isso antes. Ele falou que queria começar de novo, na estação.

— Eu já ouvi isso antes. — abro os olhos e encaro Darius. Ele ainda está na mesma posição, com um braço estendido sobre a mesa, parecendo surpreso. — Lembra? No dia da festa, na estação, você falou que queria começar de novo. E eu acreditei.

Ele abaixa a cabeça. Que bom que se lembra. Fico onde estou, esperando uma resposta, *qualquer* resposta.

— Eu falei. — ele murmura, ainda olhando para a mesa.

Respiro fundo e o encaro. Ele foi um babaca comigo mais de uma vez, isso deveria ser o suficiente para eu nem estar pensando na possibilidade de ele estar sendo sincero agora. Mas eu me lembro daquele dia na sala das luzes, de como ele olhou para mim como se eu fosse a pessoa mais importante do mundo. Todas as pequenas coisas que ele não precisava ter feito, como no fim das contas ele fez eu me sentir em casa. Como ele se arriscou para tirar meu boneco da sua nave, quando estávamos sendo atacados. Sem mencionar o que Gabi contou, que ele passou o tempo todo que eu estava apagada ao meu lado. E agora mais isso, ele vindo atrás de mim, me contando essa história...

A escolha é minha, sei disso. Só não sei o que fazer. Darius foi um babaca. Mas nem tudo foi ruim. Na verdade, na maior parte do tempo, ele foi um fofo comigo. Não que isso mude o que ele fez.

Fecho os olhos de novo. Merda. Não adianta eu ficar tentando me convencer. Eu não vou conseguir ser fria nisso. Já sei. Não consigo dar as costas para Darius depois disso, voltar para a Terra sem nem ao menos tentar, agora que parece que ele está disposto a fazer diferente.

— Se você der uma de babaca de novo, acabou. — falo.

Darius levanta a cabeça e me encara.

— Não tem “eu vou tentar”, Darius. — continuo. — Se você for um idiota comigo de novo, eu vou fazer o que precisar para nunca mais olhar para a sua cara.

Ele assente e se levanta, sorrindo.

Eu estou falando sério, e ele está sorrindo assim. Estreito os olhos quando ele vem na minha direção.

— Eu não estou brincando!

Darius me segura pela cintura e me levanta, girando. Grito e bato no seu ombro, mas estou rindo também.

— Eu não vou ser um idiota de novo. — ele fala, me colocando no chão. — Não quero nem imaginar ter que te ver indo embora de novo.

Não tenho tempo nem de pensar em responder. Darius me beija, com uma urgência que é nova. Respondo com a mesma urgência, enfiando a mão no seu cabelo curto e segurando sua nuca, enquanto minha outra mão está no seu braço. Se eu tivesse alguma dúvida do que ele sentiu me vendo entrar na nave para ir embora, esse beijo acabaria com elas. É como se tudo o que ele manteve escondido e sob controle até agora estivesse escapando, e eu amo isso.

Prazer, meu nome é Tatiana e eu sou uma idiota apaixonada que está tentando ver coisas até num beijo. Meu Deus! Como esse idiota me deixa estúpida.

Darius ri e me solta só o suficiente para enfiar as mãos por baixo da minha blusa e me puxar de volta. Sua pele quente contra a minha é quase um choque, e tão certo que solto um gemido. Faz tempo demais desde que ele me tocou assim e eu preciso dele *agora*.

Enfio as unhas nas suas costas quando ele me beija de novo. Não quero um beijo, quero que ele tire a roupa logo e pare de provocar, mas...

Ele enfia uma mão dentro da minha calça. Gemo alto quando sinto seus dedos descendo, tocando meu clitóris, descendo até minha entrada e subindo de novo, agora ensopados. Isso. Isso!

— Não é por nada não, mas vocês sabem que essa sala não tem isolamento acústico, não é? — a voz de Ithori vem do painel ao lado da porta.

Porra. Olho para Darius, que levanta uma sobrancelha. É, eu também não estou nem aí se ele ouvir. Aliás, se ele estiver achando tão ruim assim ouvir, pode vir para cá também, não incomodo. Darius ri e morde meu lábio inferior.

— Tampa o ouvido! — grito em resposta quando Darius me deixa falar.

Tenho a impressão de que Ithori responde alguma coisa, mas não faço a menor questão de ouvir.

— Você é um pouco tarada, não é? — Darius comenta, tirando a mão de dentro da minha calça e me empurrando para o sofá.

Caio sentada nele e puxo Darius, me virando até estar quase deitada e ele estar sobre mim. Perfeito. Não, falta uma coisa. Puxo sua blusa e ele a joga para o lado.

— Por que fala isso? — não estou negando nada, mas é sempre bom perguntar.

— Essas suas ideias aí sobre chamar Ithori.

— Algum problema?

— Nenhum. — Darius sorri de forma safada enquanto puxa minha calça e minha calcinha. — Já dividimos mulheres antes. Apesar de que não acho que essa seja a melhor expressão...

Ei!

— Eu quero fazer isso!

— Depois.

— Promete?

— Prometo.

Eu ia responder alguma coisa, mas me esqueço completamente do que estava na minha cabeça quando Darius afasta minhas pernas e se ajoelha no meio delas.

— Eu acho que isso quer dizer que posso interligar os controles das naves e voltar, não é? — escuto a voz de Ithori de novo.

Caralho, será que ele não tem noção mesmo?

— Ignore. — Darius fala.

Gemo quando ele começa a me chupar. Assim, do nada, sem me dar nem meio segundo de aviso. Me seguro no sofá enquanto Darius intercala lambidas e chupadas. Ele parece saber exatamente o que fazer, e não vou reclamar se ele estiver lendo minha mente agora.

Tenho a impressão de que Ithori fala mais alguma coisa, mas estou mais interessada nas coisas que Darius está fazendo com a língua. Meu corpo todo está quente, queimando. Quero que ele me toque, faça qualquer coisa, mas ele continua como está: segurando minhas pernas abertas e intercalando chupadas e lambidas num ritmo que está me deixando louca. Me mexo, sem saber se estou tentando me aproximar *mais* dele ou me afastar, porque o prazer é demais, e Darius não para, só continua me chupando, me lambendo, até que não existe mais nada além da boca dele em mim.

Grito quando ele enfia dois dedos em mim e os dobra. Não sei se fechei os olhos ou se tudo ficou escuro de repente, mas estou gozando, apertando os dedos de Darius dentro de mim enquanto ele ainda me chupa, sem parar, sem parar e...

E estou puxando os braços dele, porque eu quero mais, eu preciso dele dentro de mim, não só da sua língua mágica.

— Tira essa roupa. Agora! — resmungo quando Darius levanta a cabeça, com os lábios brilhando.

Ele obedece e joga sua calça para o lado. Puxo ele para cima de mim de novo, sentindo seu pau duro entre minhas pernas. Só agora noto que ainda estou meio vestida, mas não quero que Darius saia de cima de mim, nem só pelo tempo que vou gastar para tirar a blusa e o sutiã.

Precisa mesmo dessa roupa?

Um arrepio me atravessa quando escuto a voz de Darius na minha mente. Até assim ela está grave, me fazendo derreter sem ele precisar nem colocar a mão em mim. Mas ele já enfiou as mãos por baixo da minha blusa, e quando percebo ela já está rasgada e ele está jogando pedaços de pano para o lado. Arqueio as costas para ele tirar meu sutiã e um instante depois não tem mais nada entre nós.

Gemo de novo quando Darius aperta meus seios, e sinto ele na minha entrada. Quero aproveitar o momento, ir com calma e tudo mais, mas não consigo. Não com meu corpo queimando desse jeito, mesmo logo depois de Darius me fazer gozar. Não com ele em cima de mim desse jeito.

— Agora, Darius.

Darius me encara. Respiro fundo quando olho nos seus olhos. Tem alguma coisa diferente ali, uma emoção nova, que eu não vi nenhuma vez nesse tempo todo. Mas não tenho tempo nem de tentar entender o que estou vendo, porque ele entra em mim de uma vez e começa a me mover, o tempo todo sustentando meu olhar.

Ele não diz nada, e eu também não, enquanto sinto ele entrando e saindo de dentro de mim. Ainda estou sensível depois desse orgasmo, e ele me preenche até o limite, de uma forma que não tem como eu não sentir cada milímetro dele dentro de mim. Passo as pernas ao redor do seu quadril e puxo com força quando ele se afasta. Gemo alto. Isso, perfeito, com força. Darius fecha os olhos por um instante antes de começar a se mover mais depressa e me encarar de novo. Levanto o quadril, acompanhando seus movimentos, ouvindo o som molhado dos nossos corpos se chocando e da nossa respiração ofegante.

Enfio as unhas nas suas costas quando sinto o orgasmo chegando de novo. Darius muda um pouco o ângulo que está entrando em mim até que que estou me agarrando nele, sem conseguir me controlar, com todos os meus músculos tremendo. Fecho os olhos quando ele começa a ir mais depressa, naquele frenesi que sei que quer dizer que ele também está quase gozando, sem me importar com mais nada, só sentindo ele entrando e saindo de mim, sua pele contra a minha, sua respiração quente em mim.

Darius se aperta contra mim antes de se deixar cair. Rio em voz baixa quando percebo o tanto que ele está ofegante e como seu coração está disparado. Não que eu esteja muito melhor, mas... Isso não foi normal. Passo as mãos pelas suas costas, sem querer que ele saia de cima de mim, e Darius solta um suspiro satisfeito contra o meu pescoço.

— O que foi tudo isso? — pergunto depois de algum tempo, quando sei que vou conseguir falar alguma coisa.

Darius levanta a cabeça e me encara.

— Não quero te ver ir embora de novo.

— Isso não...

Paro e estreito os olhos. Ia falar que não foi isso que perguntei, mas estou achando que isso é minha resposta. Isso foi a reação de Darius depois de me ver indo embora. E nem posso falar nada, porque ele não foi o único que ficou meio louco quando nos tocamos de novo.

Sorrio.

— Então não me faça ir.

— Não vou. Eu juro.

TRINTA E DOIS

Oito meses depois

Eu nem acredito que já faz oito meses que estou no Acordo. Oito meses pela contagem da Terra, um ano pela contagem de Nehyna, que é onde estou morando. Gabi me ofereceu um apartamento no complexo dela e de Kernos por um precinho bem razoável (admito que conferi se era razoável mesmo), mas preferi ir morar com Darius. Já estava fazendo a loucura de ficar aqui mesmo, que diferença ia fazer se estava morando com ele ou não? E o apartamento de Darius, obviamente, é no mesmo complexo.

Sorrio. Esse tempo todo aqui, e Darius cumpriu o que prometeu. Nunca mais vi aquele lado babaca dele, e hoje acho que Gabi estava certa: ele não é assim. Em compensação, vi até demais do lado implicante. Mas... É o meu implicante. E eu nunca falei que eu não era implicante também.

Paro na frente do vidro que é uma das paredes da sala e olho para fora. Nehyna é um planeta bonito, mas aquele bonito meio Parque dos Dinossauros (com cores estranhas) antes da coisa toda dar merda. As árvores são gigantescas, algumas maiores que o prédio principal do complexo, e ele é *enorme*. Os animais que eu já vi também me fizeram lembrar um pouco de Parque dos Dinossauros, mas pelo menos não tem nenhum que seja proporcional ao tamanho das árvores. Ou, se tem, estão longe daqui.

E vir para cá me explicou o motivo das comidas azuis: as plantas de Nehyna têm folhas azuis. Além disso, os troncos das árvores são vermelho-escuro, o céu é lilás, e o planeta tem dois sóis. É. Ainda acho isso esquisito, mas a essa altura já me acostumei.

Não que dê para ver os sóis agora. Estamos na época das chuvas, e isso quer dizer que chove praticamente sem parar e que estamos ilhados. Ou estaríamos, se não tivéssemos naves e um hangar fechado.

Mas agora já faz mais de um mês que não para de chover, e eu estou cansada de olhar para o céu cinza (ao menos isso é da mesma cor) e para a chuva batendo no vidro. Pode ser bonito o tanto que for, mas isso *cansa*, caralho.

E vai cansar mais ainda se você não se arrumar.

Visualizo uma mão com o dedo do meio levantado e escuto a risada de Darius. Posso não conseguir fazer ele me ouvir, mas já fiquei boa nessa coisa de visualização.

Eu não faço a menor ideia do que ele e Gabi estão aprontando, mas tenho certeza que estão aprontando alguma coisa. Os dois passaram tempo demais escapando de mim e de Kernos nos últimos dias e mudando de assunto depressa sempre que alguém estava por perto.

Já falei, estávamos comparando os dados que conseguimos nas propriedades de Arcen.

Claro que estavam. Reviro os olhos enquanto saio da sala e vou para o quarto. Eu posso não ficar sabendo dos assuntos do Conselho, mas sei muito bem que se fosse algo assim eles não estariam fazendo tanto segredo. Sem mencionar que não estariam discutindo isso em um dos corredores do complexo. No mínimo, teriam usado o meu escritório para isso.

Ou seja: não faço ideia do que estão aprontando e os dois são loucos. Só sei que, o que quer que seja, tem alguma coisa a ver com a tal festa que resolveram dar hoje.

Não sei por que tanto drama... Tenho boas lembranças da última festa.

Claro que tem. A tal festa foi na nave de Isla, em órbita do planeta de Kernos e Darius, e foi

quando Gabi e eu conhecemos a família deles. Ela acabou com todo mundo bêbado, por culpa de uma bebida que eu nem lembro o nome que a Gabi trouxe da Terra. Alguma coisa artesanal que o pai de uma amiga dela faz. Só sei que eu terminei a noite agarrando Darius na frente da família toda dele e cobrando uma certa promessa que ele fez no dia que me convenceu a ficar no Acordo. Por sorte, no outro dia a família dele *também* estava com a mãe de todas as ressacas, então não precisei ver ninguém. E continuo sem saber com que cara vou olhar para a mãe dele.

E pelo menos ele cumpriu a promessa. Posso não lembrar de muita coisa da festa, mas o que veio depois definitivamente é inesquecível. Porra, que noite.

— Duvido que minha mãe fale alguma coisa sobre isso. E se falar, provavelmente vai ser alguma coisa sobre você continuar me mantendo bem ocupado. — Darius comenta, saindo do quarto.

Não respondo. Isso *não* é divertido.

Ele ri e me puxa pela cintura. Bato a mão no seu peito, percebendo que ele está vestindo o que já aprendi que são suas roupas mais formais: calça preta lisa e de um tecido leve, uma blusa cinza clara de mangas curtas e um colete de corte estranho com alguns cordões vermelhos e azuis que vão do seu ombro direito até a cintura esquerda.

A única vez que vi ele vestido assim, foi numa cerimônia logo antes da tal festa na nave de Isla.

— O que vocês estão aprontando?

— Nada. — ele sorri e me dá um beijo rápido.

Eles definitivamente estão aprontando alguma. E não tenho certeza de que vou gostar.

— Nem pense em não descer! — Darius me solta e começa a se afastar.

— Só me fala que não vai ter aquela bebida maldita. — resmungo, conformada. Não adianta nem pensar em não ir, Gabi já falou que vai passar aqui para descer comigo, *só para garantir*.

— O hidromel? — claro que ele lembra o nome da bebida. Claro. — Gabi não teve tempo de buscar mais.

Estreito os olhos enquanto ele desce a escada e some de vista. Tenho até medo de pensar no que eles estão aprontando, mas não adianta nada ficar tentando adivinhar. Entro no quarto e abro meu guarda-roupas. Estava pensando em ir vestida como sempre, mas depois de ver Darius com aquela roupa... Ah, foda-se. Se queriam que eu vestisse alguma coisa especial, deveriam ter me avisado.

Pego um short de um tecido que parece jeans, uma regata e uma camisa quadriculada, visto tudo e vou procurar minhas botas. Um dos problemas dos robzinhos que fazem a limpeza é que eles pegam qualquer objeto que estiver jogado no chão e guardam. O problema é só saber onde eles guardaram. Um dia ainda vou descobrir como programar eles para ignorarem meus sapatos.

Acho o pé direito das botas no guarda-roupas de Darius. O outro realmente não está no quarto. Que bosta. Saio do quarto e viro no corredor que dá para o depósito e área de manutenção do apartamento. Abro a porta do depósito. Cinco robzinhos de limpeza estão conectados na parede, com a luzes piscando inocentemente. Inocentes o caralho. Às vezes acho que Darius programa eles para esconderem minhas coisas de propósito. Acho a outra bota em uma das prateleiras ali. Nenhuma novidade nisso.

Volto para o quarto, me calço, e paro na frente do espelho de corpo inteiro que coloquei em uma das portas do guarda-roupas. Passo os dedos pelo meu cabelo comprido, mas ele está em um

dia extremamente comportado. Pelo menos isso.

Escuto o barulho da campainha e olho para o relógio. Gabi está sendo pontual. Isso é preocupante.

Desço para abrir a porta, pensando seriamente se não seria melhor arranjar uma desculpa para ficar aqui. Esses dois *estão* aprontando alguma coisa. Certeza.

Gabi me encara, praticamente saltitante.

— Ótimo, você já está pronta.

— E você está me fazendo pensar que é uma ótima ideia ficar aqui. — resmungo.

— Não ouse! Eu não tive esse trabalho todo à toa! — Gabi me puxa para fora do apartamento.

Deixo a porta se fechar atrás de nós e a acompanho, conformada. Se não vou conseguir escapar, é melhor acabar logo com isso. Gabi não fala nada enquanto me puxa até o elevador, nem enquanto descemos até o térreo, e muito menos enquanto me arrasta para o salão onde vai ser a festa.

O salão está cheio. Essa é a primeira impressão que tenho assim que entramos. A música que está tocando é diferente, e não sei nem que tipo de instrumento poderia fazer esses sons. Mas tenho que admitir que tem um ritmo bom para dançar. As luzes piscando não me deixam ver exatamente *quem* eles chamaram dessa vez, mas pela quantidade de pessoas, Gabi deve ter chamado as equipes que trabalham para ela.

E ela não me deixa nem entender como o salão está arrumado antes de me puxar para o meio das pessoas, indo para o outro lado. Esbarro em um homem, que levanta as mãos em um pedido de desculpas silencioso e se afasta depressa. Paro.

— Aquele ali é...

— Provavelmente não é ninguém que você conhece. Anda!

Gabi quase me arrasta, mas quem eu achei que tinha visto não está mais lá. Se bem que o que um dos primos de Darius estaria fazendo aqui? Até entendo algum dos piratas de Drek estar aqui, eles agora trabalham para Gabi e são nossos amigos...

Paro de novo. *O que Kren está fazendo aqui?* Uma pessoa que está no caminho dá um passo para o lado e vejo que ele está conversando com Gamora. Se os dois estão aqui, é óbvio que Drek também está. Gabi me puxa de novo e eu me viro para ela.

— O que...?

— Tati, finalmente! — nem me surpreendo quando sinto uma mão na minha cintura. — Achei que não ia aparecer nunca.

Me viro para Drek, estreitando os olhos. Ele sorri, sem mostrar os dentes, antes de soltar minha cintura e passar o braço ao redor dos meus ombros.

— O que vocês estão fazendo aqui, Drek? — pergunto, tentando me soltar.

— Ahh, a patroa resolveu nos convidar dessa vez. — ele levanta o copo que está segurando na direção de Gabi.

Ótimo. Ele está bêbado. Mas... Não. Eu já vi Drek bêbado antes. E ele não fica assim.

Gabi dá de ombros e some no meio das pessoas. Olho ao redor procurando por ela e tenho quase certeza de que reconheci outra pessoa ali, mas Drek me puxa e começa a me levar para algum lugar. Não preciso nem parar para pensar pra notar que ele está me levando na mesma direção que Gabi estava.

Perfeito. De verdade, perfeito. Drek também sabe sobre o que Gabi e Darius estão aprontando. Agora só falta eu ver Isla e Ithori...

Bato a mão na testa quando vejo um grupinho de mulheres a um canto, quase todas elas mais altas que o restante das pessoas ali. Se parte da tripulação de Isla está aqui, ela também está.

— Drek, é sério, o que vocês estão aprontando?

— Ahh, você já vai ver. — ele aponta para a frente com a mão que está segurando o copo.

Paro. Ah não. Kernos está conversando com sua mãe, e os dois estão usando as roupas formais.

Tá. Okay. Agora eu realmente estou preocupada. Caralho. O que eles estão aprontando? Por que ninguém falou que a família deles ia estar aqui?

Darius, se você estiver lendo minha mente, é melhor você aparecer agora!

Drek ri em voz baixa e me puxa para o outro lado. Estreito os olhos. Acho que vi Darius mais à frente. É, é ele mesmo. E Drek está me levando exatamente para onde ele está.

— Sério, o que vocês estão aprontando? — pergunto assim que estou perto o bastante para ele me ouvir.

Drek me solta na mesma hora e Darius me puxa para junto de si.

— É sério!

— Espere só mais um pouco. — ele fala e se vira para a plataforma que está atrás dele.

Estreito os olhos enquanto ele sobe na plataforma. O que ele está aprontando? Darius se vira e estende a mão para me ajudar a subir. Ah, foda-se. Vamos ver no que isso vai dar.

Assim que estamos os dois em cima da plataforma, a música para e alguém acende um holofote bem em cima de nós. Respiro fundo. Gabi, eu te mato.

— Pouco mais de um ano atrás, eu fui resgatei uma terráquea. — Darius começa. Me viro para ele, sem entender. — Eu não fazia ideia de que ela era compatível comigo, ou que me deixaria louco em menos de um mês. Não fazia ideia de que ela se adaptaria tão depressa ao Acordo, que seria louca o bastante para atravessar uma estação espacial sob ataque para consertar um gerador, sem nem saber o que era o gerador. Não fazia ideia de que ela me faria rir e me faria querer bater a cabeça na parede, para usar a frase de uma amiga, ao mesmo tempo. Não fazia ideia de nada disso, nem nunca imaginaria que estaria aqui hoje.

Darius se vira para mim.

Ele não vai fazer isso. Ele não vai fazer isso.

Darius se ajoelha na minha frente, tira uma caixinha preta do bolso e a abre.

Ele está fazendo isso.

— Tati, quer casar comigo?

Encaro o anel dentro da caixa. Não acredito que ele fez isso. Não acredito.

Ele tem medo que eu o deixe? Ou quer mesmo isso? O que é que aconteceu com esse alien, meu Deus?

E eu não sei se quero me casar. Casais casados são certinhos e sem graça. Eu não sou certinha nem quero ser. Mas... Esse tempo que eu estou com Darius foi bom. Muito bom, na verdade. A gente tem nosso ritmo, nossas regras, sem preocupações. Só não sei se isso vai continuar assim.

— Tati?

Olho para Darius. Só ouvi ele incerto assim uma vez antes, e foi quando quase voltei para a

Terra. Me ajoelho na frente dele.

— Você tem alguma ilusão de que isso vai fazer eu me comportar? — sussurro.

— Você é tarada demais para se comportar. E essa é a melhor parte.

Sendo assim...

Seguro seu pescoço e o beijo. Darius passa os braços ao meu redor, ainda segurando a caixa, e escuto os gritos de todo mundo que está aqui. Escondo a cabeça no pescoço de Darius. *Não acredito que ele fez isso.*

Ele me solta e nós dois nos endireitamos. Ele tira a aliança de dentro da caixa e eu preciso de um instante para lembrar de qual mão que é a certa. Acho que é a esquerda mesmo. Darius coloca o anel no meu dedo, e nem me surpreendo quando ele serve perfeitamente.

Levanto a mão e encaro a aliança. Ela parece ser simples, de prata, mas então percebo as duas linhas, uma azul e uma vermelha, que fazem um desenho delicado no anel. O mesmo desenho que eu vi no bracelete da mãe de Darius, quando fomos no planeta dele.

— Os rhergari não usam anéis. — escuto alguém falar e olho para cima.

A mãe de Darius assente, estendendo uma tira de tecido para mim. Pego, reconhecendo o mesmo padrão de linhas vermelhas e azuis em um fundo preto.

— Quando o filho se compromete com alguém, cabe à mãe tecer seu símbolo de lealdade. — ela conta enquanto eu passo os dedos pelo tecido. Olho para Darius e então me lembro do que vi quando estávamos no planeta dele. Isso é para ser colocado no braço dele. — E também cabe à mãe entregá-lo à companheira do seu filho, como uma forma de dizer que a aceita na família.

Sorrio. Gostei disso.

Darius estende o braço direito e eu amarro o tecido logo acima do seu cotovelo, como vi antes. Não faço ideia de como estou me lembrando disso, mas pelo menos acho que estou fazendo isso certo.

Está.

Sorrio. Ele segura minha mão e nos levantamos juntos. A mãe dele desceu da plataforma, e só agora reparo em quantas pessoas estão aqui. Não acredito que eles fizeram isso. Acho que todo mundo que conheci desde que vim para cá está aqui. Só falta minha família e meus amigos da Terra, mas eu sei que seria impossível trazer eles para cá. Um dia, quem sabe.

Minha irmã vai pirar quando souber que tenho um gostoso pra chamar de meu.

Estico a mão esquerda e encaro a aliança de novo. Não acredito que fiz isso. Eu aceitei um pedido de casamento. Estou noiva. Isso...

Isso merece uma comemoração, não?

Me viro para Darius e estreito os olhos. Ele levanta as sobrancelhas e me manda uma imagem. Hmm. Adoro a ideia dele de comemoração. Adoro mesmo.

— Aproveitem a festa! — falo, descendo da plataforma e puxando Darius atrás de mim.

Ele ri mas me acompanha, até que uma mão no meu ombro me para.

— Não vai ficar, meu bem?

Respiro fundo antes de me virar para a mãe de Darius.

— Minha festa vai ser em outro lugar. — sorrio, sem nem importar se estou falando isso para minha sogra. É a mais pura verdade.

Ela sorri em resposta.

— Ótimo, dê bastante trabalho para ele.

— Mãe!

Melhor sogra? Melhor sogra.

— Pode deixar! — respondo antes de puxar Darius para a porta.

Darius me empurra para a parede assim que a porta se fecha atrás de nós. Quando dou por mim já estou com os braços ao redor do pescoço dele e ele está me beijando. O barulho abafado da música me faz parar antes do beijo começar a esquentar para valer, e respiro fundo. Estamos no corredor, qualquer um pode sair, literalmente todo mundo que eu conheço está aqui...

— Me dar muito trabalho, é? — Darius dá um sorriso safado.

— Claro. — sorrio e desço a mão pelo seu peito, sentindo seus músculos sob a camisa, passando pelo seu tanquinho e então descendo mais até sentir sua ereção. Aperto de leve antes de começar a andar na direção do elevador. — Sou tarada demais, esqueceu?

PRÓXIMO LIVRO: ITHORI



Quando Suelen foi abduzida, ela era mais uma mulher assustada, sem entender o que estava acontecendo ou como tinha ido parar em um mercado de terráqueas. Mas isso foi seis anos atrás. Hoje, sua prioridade passou a ser sobreviver da melhor forma possível.

Até que um agente do Acordo começa a caçá-la. E não é qualquer agente. Ithori foi a primeira pessoa em quem ela confiou ali, o homem por quem quase se apaixonou e que mentiu para ela o tempo todo. Porque enquanto Suelen acreditava que ele era um prisioneiro, também, Ithori era um agente do governo.

Agora Suelen não tem outra opção a não ser trabalhar com o homem que passou a odiar. É isto ou a prisão domiciliar, porque ela já viu demais para permitirem que volte para a Terra. Mas Ithori não está disposto a deixar que ela mantenha sua distância e Suelen não tem certeza de que é isto que realmente quer. Talvez ódio não seja a palavra certa, no fim das contas. E talvez os dois consigam sobreviver à missão que receberam – roubar informações do grupo responsável pelo comércio de terráqueas – e entender o que é aquilo que existe entre eles.

Para informações exclusivas e antecipadas sobre a série e outros lançamentos, assine a [lista de emails aqui](#). A newsletter é enviada mensalmente e prometo não fazer spam ;)

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento vai continuar sendo para a Gaby Fraga, obviamente, porque essa série é culpa dela.

Tati Pinheiro, que pediu um alien, deixou eu me vingar de todos os homens babacas dela que eu li, e ainda por cima me fez rir demais enquanto escrevia. Muito obrigada por me emprestar a sua loucura e taradice.

As betas loucas que me aguentam atrasando e depois correndo feito uma louca: Brenna Damasceno, Carla Cardoso, Renata Barbosa, Thatyane Alvarenga e Virna Lopes. Muito obrigada pela paciência, pelos comentários e palpites!

Todo mundo que me ajudou, sabendo ou não, com referências e comentários. Todo mundo que me aguentou, de uma forma ou outra, no surto dos imprevistos de fim de ano (porque eu não posso ter um final de ano tranquilo, né. É pedir o impossível). Pessoal do Wattpad, que leu, votou, comentou, riu e me xingou. MUITÍSSIMO obrigada a todos vocês!

OUTROS TÍTULOS DA AUTORA

CRÔNICAS DE TÁIRAN

Os Guardiões

[Sentinela](#)

[Vigilante](#)

[Protetora](#)

[Guardiã](#)

[Os Guardiões \(Box\)](#)

Terceira Era

[Pagamento](#)

FILHOS DO ACORDO

[Kernos](#)

Darius

AYMERIA

[Nilue](#)

CIDADES LIVRES

[Tempestade](#)